



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Emanuela Francisca Wenning

CENTRALIDADES INTRA-URBANAS NA CIDADE DE BLUMENAU-SC

Florianópolis
2017

Emanuela Francisca Wenning

CENTRALIDADES INTRA-URBANAS NA CIDADE DE BLUMENAU-SC

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em /geografia
Orientador: Prof. Dr. Carlos José Espíndola

Florianópolis

2017

Wenning, Emanuela Francisca
CENTRALIDADES INTRA-URBANAS NA CIDADE DE BLUMENAU-SC /
Emanuela Francisca Wenning ; orientador, Carlos José
Espíndola, 2017.
167 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Geografia Urbana. 3. Intra
Centralidades. 4. Centralidades Urbanas. 5. Cidade de
Blumenau. I. Espíndola, Carlos José. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Geografia. III. Título.

Emanuela Francisca Wenning

Centralidades Intra-Urbanas na Cidade de Blumenau-SC

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof., Dr José Messias Bastos.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a), Dr(a) Isa de Oliveira Rocha.

Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof., Dr Marcelo Ricardo Teixeira Moreira.

Instituto Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Geografia.

Prof. Dr. Clécio Azevedo da Silva

Coordenador(a) do Programa

Prof. Dr. Carlos José Espíndola

Orientador(a)

Florianópolis, 21 de julho de 2017.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que têm me guardado, me capacitado, consolado nas horas de angústia e me dado força e coragem para seguir em frente.

Ao professor Dr. Carlos José Espíndola pela orientação, amizade, ajuda, paciência e por todo apoio e confiança que tem empregado à mim, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço imensamente a minha mãe Mara e o meu pai Silvio que sempre me amaram, apoiaram, incentivaram e despertaram em mim o desejo de buscar uma formação profissional, essa conquista é mais de vocês do que minha. Ao meu irmão João Vitor pela amizade e companheirismo, desejo todo o sucesso do mundo.

Para a minha avó Iracina que me acolheu e cuidou de mim durante o período de faculdade em Florianópolis, meus mais profundos agradecimentos. Também para as minhas tias Kátia e Nádía que também forneceram todo o apoio e suporte necessário enquanto estive longe do meu lar.

À família Onda Dura que tem feito parte da minha vida, tanto nas horas boas quanto nas horas difíceis. Obrigada por todo apoio e suporte e também por me aprimorar como ser humano cada dia mais.

Agradeço às minhas melhores amigas e companheiras de graduação, Geisa S. da Rocha, Patrícia V. Schatz e Simoní de S. Crescêncio por terem me presenteado com a mais profunda e sincera amizade que alguém pode receber. Sempre lembro com carinho dos nossos momentos juntos, e espero cultivar essas amizades por toda a minha vida.

A paz, se possível, mas
a verdade, a qualquer preço.

Martin Luther

RESUMO

A urbanização é um processo que vem gerando profundas transformações no espaço brasileiro, alterando a paisagem e as relações econômicas e sociais, tendo o processo de industrialização como seu grande agente promotor. O município de Blumenau/SC, localizado na região nordeste de Santa Catarina, foi ocupado a partir de 1850 por iniciativa do Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau, um alemão recém-formado, que veio ao Brasil com o objetivo de fundar e estabelecer uma colônia agrícola às margens do rio Itajaí-Açú. Trouxe consigo 17 colonos alemães para explorar as terras que na época abrangia em torno de dez mil quilômetros quadrados de território. A economia na colônia desenvolveu-se através da mão-de-obra familiar, numa agricultura de subsistência. Com o aumento do fluxo migratório, a expansão dos negócios agrícolas, o aumento da demanda por produtos oriundos da colônia, presencia-se um acelerado processo de acumulação de capital, que desembocou em uma intensa industrialização transformando Blumenau em uma economia urbana-industrial. Nesse processo de constituição de uma cidade capitalista, um centro comercial desenvolve-se abrindo a possibilidade para outros centros intra-urbanos também se desenvolverem conforme a cidade crescia. Somado a esse fato, do ponto de vista de organização espacial o centro da cidade de Blumenau, desenvolvida a partir de uma rua principal de cunho comercial, traz sérios problemas de saturação viária atualmente, fazendo com que o governo municipal também precise intervir no crescimento urbano, promovendo novas intra-centralidades e direcionando investimentos para essas novas áreas de interesse.

Palavras-chave: Urbanização; Intra-centralidade; Cidade média.

ABSTRACT

Urbanization is a process that has been generating profound transformations in the Brazilian space, altering the landscape and the economic and social relations, with the process of industrialization as its great promoting agent. The city of Blumenau / SC, located in the northeast of Santa Catarina, was occupied from 1850 on the initiative of Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau, a newly formed German, who came to Brazil with the purpose of founding and establishing a colony on the Itajaí-Açú River. It brought with it 17 German settlers to explore the lands that at the time covered around ten thousand square kilometers of territory. Economy in the colony developed through family labor in subsistence agriculture. With the increase of the migratory flow, the expansion of the agricultural business, the increase in the demand for products from the colony, there is an accelerated process of capital accumulation, which led to an intense industrialization transforming Blumenau into an urban-industrial economy. In this process of constitution of a capitalist city, a commercial center develops opening the possibility for other intra-urban centers also to develop as the city grew. Added to this fact, from the point of view of spatial organization, the center of the city of Blumenau, developed from a main commercial street, brings serious problems of road saturation at present, causing the municipal government also need to intervene in urban growth, promoting new intra-centralities and directing investments to these new areas of interest.

Keywords: Urbanization; Intra-centrality; Average city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do município de Blumenau na região metropolitana do Vale do Itajaí e no estado de Santa Catarina	17
Figura 2: Mapa geral de bairros de Blumenau	25
Figura 3: Vista do bairro Itoupava Norte	26
Figura 4: Vista do bairro da Vila Nova	26
Figura 5: Propaganda alemã para atrair imigrantes.....	33
Figura 6: Stadtplatz em 1869 (Atual Alameda Duque de Caxias)	34
Figura 7: Wurstrasse (Atual rua XV de Novembro) em 1900.	34
Figura 8: Planta da cidade de Blumenau em 1900	60
Figura 9: Planta Geral Fotocadastro Imobiliário.....	63
Figura 10: Malha Urbana de Blumenau em 1984	67
Figura 11: Mapa com a nova divisão de bairros – 2014	70
Figura 12: Casa de Comércio Paul Husadel em 1911	75
Figura 13: Ótica Husadel – dias atuais.....	75
Figura 14: Teatro Carlos Gomes nos dias atuais.....	76
Figura 15: Mapa de localização do bairro Victor Konder.....	87
Figura 16: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Victor Konder e suas principais ruas.	88
Figura 17: “Bier Lagerhaus” no bairro Victor Konder.....	91
Figura 18: Loja “Ponsoni” no bairro Victor Konder.....	92
Figura 19: “Body House” no bairro Victor Konder	93
Figura 20: Bairro Victor Konder	94
Figura 21: Mapa de localização do bairro Vila Nova	95
Figura 22: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Vila Nova e suas principais ruas.....	96
Figura 23: Loja “Cah Boutique” no bairro Vila Nova.	99
Figura 24: Loja “Retok” no bairro Vila Nova.....	100
Figura 25: Loja e serviços “Bonatti”, no bairro Vila Nova.....	101
Figura 26: Bairro Vila Nova.....	102
Figura 27: Mapa de localização do bairro Garcia	103
Figura 28: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Garcia e suas principais ruas.....	104

Figura 29: Bairro do Garcia.....	107
Figura 30: Loja “H. Bitten” no bairro Garcia.....	108
Figura 31: Loja “Alternativa”, inserida na filial do Supermercado Cooper do bairro Garcia.....	109
Figura 32: Franquia da “Ortobom”, inserida na filial do supermercado Cooper do bairro Garcia.....	110
Figura 33: Mapa de localização do bairro Itoupava Norte.....	111
Figura 34: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Itoupava Norte e suas principais ruas.	112
Figura 35: Loja “Tecibom” no bairro Itoupava Norte.....	115
Figura 36: Loja “Palestra Esportes” no bairro Itoupava Norte.....	116
Figura 37: Papelaria “Blupapel” no bairro Itoupava Norte.....	117
Figura 38: Bairro Itoupava Norte.....	118
Figura 39: Mapa de localização do bairro Velha.....	119
Figura 40: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Velha e suas principais ruas.....	120
Figura 41: Mapa de localização do bairro Itoupava Seca.....	125
Figura 42: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Velha e suas principais ruas.....	126
Figura 43: Loja “Princesa Camisaria” no bairro Itoupava Seca.....	129
Figura 44: “Ótica Hoppe” no bairro Itoupava Seca.....	130
Figura 45: Loja e serviços “Sustenbike” no bairro Itoupava Seca.....	131
Figura 46: Bairro Itoupava Seca.....	132
Figura 47: Mapa de localização do bairro Água Verde I.....	133
Figura 48: Mapa de localização do bairro Água Verde II.....	134
Figura 49: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra a área do bairro Água Verde e suas principais ruas.....	135
Figura 50: “Malhas Mandel” no bairro Água Verde.....	138
Figura 51: Loja “Duralflex” no bairro Água Verde.....	139
Figura 52: “Ótica Floriani” no bairro Água Verde.....	140
Figura 53: Bairro da Água Verde.....	141
Figura 54: Mapa de localização do bairro Itoupava Central I.....	142
Figura 55: Mapa de localização do bairro Itoupava Central II.....	143
Figura 56: Mapa de localização do bairro Itoupava Central III.....	144

Figura 57: Mapa de localização do bairro Itoupava Central IV	145
Figura 58: Mapa de localização do bairro Itoupava Central III	146
Figura 59: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Itoupava Central e suas principais ruas.....	151
Figura 60: Loja “Adri Modas” no bairro Itoupava Central	153
Figura 61: Comércio e disk chopp “Ecobier” no bairro Itoupava Central	154
Figura 62: “Mundial” embalagens e papelaria no bairro Itoupava Central....	155
Figura 63: Bairro Itoupava Central	156

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução populacional desde 1860 até 1920.	37
Gráfico 2 – Balança Comercial Da Cadeia Têxtil Brasileira	49
Gráfico 3: Evolução do PIB no município de Blumenau entre 1999 e 2009 em milhões reais (R\$).....	54
Gráfico 4: POPULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BLUMENAU 1950 – 2010. 57	57
Gráfico 5: População no bairro do Centro.....	74
Gráfico 6: Comércio e Serviços no bairro do Centro entre 1980 e 2010	77
Gráfico 7: Série Histórica da Balança Comercial da Indústria Têxtil (2003-2016).....	79
Gráfico 8: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO VICTOR KONDER, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013).....	90
Gráfico 9: EMPRESAS NO BAIRRO VICTOR KONDER DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)	90
Gráfico 10: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO VILA NOVA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013).....	98
Gráfico 11: EMPRESAS NO BAIRRO VILA NOVA DIVIDAS POR ATIVIDADE (2013)	98
Gráfico 12: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO GARCIA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013).....	106
Gráfico 13: EMPRESAS NO BAIRRO GARCIA DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)	107
Gráfico 14: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ITROUPAVA NORTE, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013).....	114
Gráfico 15: EMPRESAS NO BAIRRO ITROUPAVA NORTE DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013).....	114
Gráfico 16: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO VELHA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013).....	123
Gráfico 17: EMPRESAS NO BAIRRO DA VELHA DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)	123
Gráfico 18: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ITROUPAVA SECA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013).....	128
Gráfico 19: EMPRESAS DO BAIRRO ITROUPAVA SECA DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)	128

Gráfico 20: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ÁGUA VERDE, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013).....	137
Gráfico 21: EMPRESAS NO BAIRRO ÁGUA VERDE DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)	137
Gráfico 22: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ITOUPAVA CENTRAL, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)	152
Gráfico 23: EMPRESAS NO BAIRRO ITOUPAVA CENTRAL DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013).....	152

ABREVIATURAS

CDL – Câmara dos Dirigentes Logistas

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PMB – Prefeitura Municipal de Blumenau

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEPLAN – Secretaria de Planejamento

SUMÁRIO

1. DA OCUPAÇÃO A INDUSTRIALIZAÇÃO DA CIDADE DE BLUMENAU-SC	31
1.1. O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU-SC ...	31
1.2. Gênese e evolução da industrialização de Blumenau.....	35
1.2.1 O processo de acumulação de capital.....	37
1.3. A dinâmica recente da economia de Blumenau e as novas centralidades.....	38
1.4. As etapas do processo de industrialização	39
1.5. A dinâmica da economia blumenauense: avanços e recuos	47
2. O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E EXPANSÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU:A ORIGEM DAS CENTRALIDADES.....	55
2.1. O processo de urbanização	55
2.2. A nova etapa da expansão urbana	66
2.3. Oktoberfest, espetáculo e novas centralidades	71
2.4. A antiga centralidade: o bairro do Centro	73
A dinâmica recente da economia de Blumenau e as novas centralidades	78
3. AS INTRACENTRALIDADES	83
3.1. Victor Konder.....	86
3.2. Vila Nova	94
3.3. Garcia	102
3.4. Itoupava Norte.....	110
3.5. Velha	118
3.6. Itoupava Seca	124
3.7. Água Verde.....	132
3.8. Expansão recente: o bairro Itoupava Central	141
3.9. Bairros industriais: Itoupava Norte, Itoupava Seca e Garcia	156
3.10. Bairros corredores de serviços: Victor Konder, Velha e Vila Nova	157
4. CONCLUSÃO.....	159
5. ANEXOS	161

INTRODUÇÃO

A urbanização, entendida como o processo de transformação do espaço através da incorporação de novas técnicas, vem gerando profundas transformações ao longo do território brasileiro, alterando a paisagem e as relações econômicas e sociais. Só na segunda metade do século XX, mais de 50% da população brasileira passou a viver nas cidades, mudando o perfil do país de agrário exportador para urbano industrial. Atualmente a população brasileira conta com 199.242.462 habitantes, sendo que desde total 84,9% vive nas cidades e nas periferias urbanas enquanto 15,1% permanecem em área rural¹.

O processo de urbanização no Brasil teve início em meados do século XIX, quando os fazendeiros de café passaram a ocupar o centro da cidade de São Paulo (MAMIGONIAN, 1982). Porém a intensificação deste processo ocorreu em 1930 com a implantação das políticas substitutivas de importações posta em prática por Getúlio Vargas e os governos subsequentes (Juscelino Kubitschek e militares). Entre 1940 – 1970, a taxa de urbanização brasileira sai da casa de 31,2% para 55,9% (IBGE, 2000).

Apesar do ritmo de urbanização ter sido diferenciado entre as regiões, estados e municípios brasileiros, esse processo foi comum e generalizado, como fruto do processo de industrialização. As diferenciações são extremamente relevantes. Em 1996, enquanto no centro-oeste 84,42% da população era urbana, o sudeste apresentava 89,29%, o sul 77,2% e o nordeste 65,21% (SANTOS E SILVEIRA, 2001). Na região Sul, enquanto Santa Catarina apresentava em 1970 um grau de urbanização de 43%, o Paraná apresentava 36%. Nos anos de 1980 Santa Catarina apresentava 59% e o Paraná 58%. Já na década seguinte o Paraná apresentou 73% enquanto Santa Catarina registra 71% de urbanização (MOURA E SANTOS, 2011).

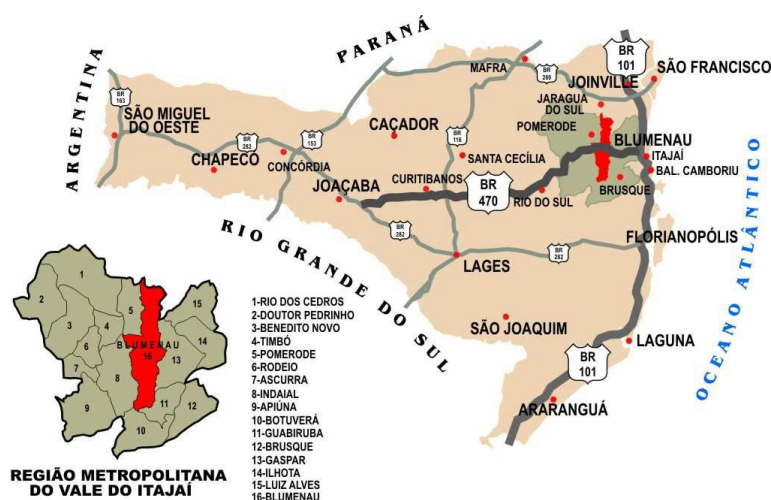
Atualmente o estado de Santa Catarina conta com uma população estimada em 6.727.148 distribuídas em seis diferentes mesorregiões. Desta soma, 84% concentram-se em áreas urbanas. No último século, a população catarinense experimentou um aumento de cerca de 900%, o que explica também o intenso processo de urbanização ocorrido no estado, mais precisamente entre as décadas de 1970 e 1980. Neste período a população salta de 1,2 milhões para 2,1 milhões. Ao passo que a população urbana

¹ Fonte: Divisão de Estatística das Nações Unidas.
<http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/socind/hum-sets.htm>

crece, a rural diminui, fazendo com que o grau de urbanização passa de 21,53% para 71% entre 1940 e 1990.

O município de Blumenau, localizado no nordeste do estado de Santa Catarina, abrigando-se na mesorregião do Vale do Itajaí², conforme figura 1, passa por um ritmo de urbanização acelerado.

Figura 1: Mapa de localização do município de Blumenau na região metropolitana do Vale do Itajaí e no estado de Santa Catarina



Fonte: SEPLAN – PMB, 2004.

(Sem escala)

Seu surgimento deve-se, principalmente, à iniciativa de um imigrante alemão que tinha o intuito de estabelecer uma colônia no sul do Brasil. O interesse pelo Brasil deve-se a incentivos por parte do governo brasileiro, que estimulava os movimentos migratórios para que um melhor controle e exploração do território nacional. Sendo assim em 1850, a colônia de Blumenau nascia às margens do rio Itajaí-Açu.

O processo de ocupação deu-se através do incentivo da vinda de imigrantes alemães que recebiam um lote cultivável de cerca de 25 hectares, onde desenvolviam uma policultura de subsistência. Assim sendo, o atual território blumenauense começou

² Situado às margens do rio Itajaí-Açu que corta a cidade no sentido oeste-leste, Blumenau possui superfície de 519,8 km², sendo 206,8 km² (39,78%) de área urbana e 313,0 km² (60,22%) de área rural. Atualmente Conta com uma população de 309.011 habitantes, segundo o censo de 2010 do IBGE, gerando uma densidade demográfica de 594,44 hab/km², com um índice de desenvolvimento humano de 0,855, considerado elevado. O município de Blumenau está inserido na mesorregião do Vale do Itajaí, formada por 53 municípios, na microrregião Homogênea do IBGE de Blumenau (294), formada por 15 municípios, na associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí (AMMVI), formada por 14 municípios, e na 15ª Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional formada por 5 municípios :Blumenau, Pomerode Gaspar, Ilhota e Luiz Alves (SIEBERT, 1996).

a ser delimitado através da ocupação migratória consecutiva das margens do rio, no sentido leste-oeste. Essa ocupação seguia por “linhas coloniais”, que nada mais eram do que caminhos abertos para o fluxo de pessoas e produtos. Mais tarde, essas linhas tornar-se-iam as principais ruas de ligação da cidade.

A colônia cresceu juntamente com o número de habitantes, que vinham em diferentes momentos, em fluxos migratórios contínuos. A esses fluxos, juntam-se como marcos a primeira e a segunda guerra mundial, que foram fatores agravantes para que famílias alemãs decidissem migrar para o Brasil.

Juntamente com esses imigrantes, vinha também o conhecimento técnico que estes traziam de suas vidas nas grandes cidades alemãs. Logo, a produção agrícola de subsistência transformou-se em pequenas produções mercantis com o intuito de acumulação de capital para investimento em outras atividades. Não demorou para que novas atividades econômicas florescessem, e, em torno de 30 anos após a fundação da colônia, três principais empresas já iniciavam seu trabalho, vindo mais tarde a serem grandes indústrias responsáveis pelo rápido crescimento econômico da cidade de Blumenau.

Tendo então como marco inicial de sua ocupação e desenvolvimento o ano de 1850, o município de Blumenau passou por profundas transformações decorrente, sobretudo pelo intenso processo de industrialização, que o transforma num curto período de tempo, no terceiro município de Santa Catarina em população e importância econômica.

Segundo Singer, esse processo de industrialização de Blumenau se explica por dois processos que se relacionam entre si, porém de origem distintas. O primeiro é a “inserção crescente da economia blumenauense no mercado nacional” e o segundo é a “divisão de trabalho entre a cidade e o campo”, formando um mercado local para a indústria (SINGER, 1986).

Enquanto chegavam mais imigrantes, surgia também mercado consumidor para os imigrantes já estabelecidos na colônia. Era em cima destes que era possível um lucro, pois devida a falta de uma divisão do trabalho mais nítida, o produto final não se demonstrava atrativo nem para o mercado interno, tampouco para o mercado externo.

Ao alcançar determinado número populacional, o mercado interno ganha uma nova significância e o excedente gerado possibilitou o surgimento de uma divisão do trabalho, fazendo com que esse excedente comercializável propiciasse o nascimento da atividade industrial.

Após o surgimento da indústria na colônia, Mamigonian (1965), por sua vez, divide a industrialização no município em três fases: a primeira entre 1880 e 1913, caracterizando o início da industrialização; a segunda no período da primeira guerra mundial, entre 1914 e 1939; e a terceira após início da segunda guerra mundial.

Num primeiro momento as indústrias surgiam da soma do capital acumulado através da pequena produção mercantil e da iniciativa por parte dos imigrantes que carregavam consigo a experiência técnica na área industrial. Nesse período surgem as primeiras indústrias: a tecelagem Garcia (1868), a malharia Hering (1880) e a tecelagem Karsten (1882).

Numa próxima fase da industrialização, observa-se um período de consolidação das atividades industriais que foi patrocinado pela chegada de mão-de-obra mais especializada, devido à eclosão da primeira guerra mundial. Outras indústrias surgem, aproveitando esse cenário, como a Teka e a Artex (do ramo têxtil), mas também a Companhia Hemmer (alimentícia) e a Altona (siderurgia).

No último período histórico classificado por Mamigonian, que realizou esse estudo em 1965, nota-se uma projeção das indústrias blumenauenses, conferindo à cidade o título de polo têxtil nacional. Com a segunda guerra, mais mão de obra qualificada chegava à colônia e novas indústrias continuavam a florescer, como a Sulfabril e a Dudalina.

No período posterior a esse último, as indústrias blumenauenses passavam por processos comuns às grandes empresas: a associação horizontal, a integração vertical, a diversificação dos produtos e a expansão geográfica (CHANDLER, 1998). Ao chegar à década de 1980, apesar da economia nacional apresentar estagnação, fruto de um esgotamento do modelo utilizado desde a década de 1950, a economia catarinense como um todo apresentava crescimento.

Contudo, na década de 1990, a economia blumenauense acaba sofrendo com a política neoliberal, fazendo com que o produto nacional perdesse espaço para o produto importado. As indústrias blumenauenses passam por uma reestruturação produtiva para permanecerem no mercado. Em alguns casos houve aquisições e fusões de outras empresas que compraram indústrias blumenauenses, ou em alguns casos mais extremos, houveram falências e demissões em massa.

Frente à todas essas dificuldades, a indústria de Blumenau teve que se reinventar e, na década de 2000, empresários voltam-se para a indústria do software, que surge

frente a um mercado incipiente, mas com a sua gênese já na década de 1970 apoiada na indústria têxtil e aproveitando-se da ligação cultural e histórica com a Alemanha.

O processo de industrialização e a expansão urbana em Blumenau transformaram esse município no principal polo na região do Vale do Itajaí. Assim sendo, também foi responsável por gerar um intenso processo de urbanização na cidade, que até então era inexistente. Segundo Mamigonian (1965, p. 136)

Em 1900 Blumenau se compunha de diferentes zonas rurais localizadas nos fundos de vales próximos à *stadtplatz*, situada à margem direita do Itajaí Açú, no ponto onde a navegação cessava. Mas a sede da Colônia Blumenau era apenas uma aglomeração de 157 casas, um pequeno centro de *export-import*, de outras atividades terciárias e alguma atividade de transformação (tecidos, madeira, etc.). Assim, grande parte dos estabelecimentos industriais precedeu a formação de uma verdadeira aglomeração urbana.

Esse processo de industrialização gerou um impacto direto na urbanização da cidade, uma vez que a localização das indústrias fomentava e direcionava o crescimento urbano, pois nos arredores das fábricas várias vilas operárias foram implantadas dando forma a novos bairros. A urbanização na cidade, portanto, tem seu marco inicial com o estabelecimento do município de Blumenau, em 1883, ano marcado também pelas primeiras iniciativas indústrias têxteis na cidade. A partir daí, cada fase marcada por uma evolução industrial, foi acompanhada também pelo desenvolvimento urbano, aumento populacional e implantação de mais infraestrutura, como energia elétrica, abertura de ruas, etc.

A configuração urbana foi ainda determinada pela estrutura natural do município. A topografia acidentada do Vale do Itajaí apresentou diversos obstáculos ao crescimento da cidade. Segundo Moretti (2006, p. 52) a conformação e distribuição dos lotes coloniais eram determinados e traçados “perpendicularmente às curvas de nível, no sentido do comprimento da gleba, sem saída e sem ligação com os loteamentos vizinhos³. Já a hidrografia, o rio Itajaí Açú divide a cidade em uma porção sul e norte (margem esquerda). Assim, várias pontes foram construídas ligando as duas margens visando à integração das diferentes áreas do município.

³ Os primeiros lotes foram entregues as famílias em 1852, inicialmente os colonos moravam na sede, por ser mais seguro contra os índios e por causa do apoio que recebiam. Dirigiam-se diariamente, através das chamadas “Linhas Coloniais”, para seus lotes cultiváveis que se situavam mais distantes do local onde permanecia a sede da colônia (SIEBERT, 1999).

Com apenas 165 anos de existência, o município já conta desde 2010 com uma população de 309.011, sendo 95% urbana. Ao analisar a Tabela 1, observa-se que o município de Blumenau mostrou um crescimento equilibrado nos últimos 20 anos, apenas com um pequeno aumento em relação à média estadual. Crescimento esse que pode ser comparado com Joinville, maior cidade do estado com influência industrial da metalomecânica e outros setores, e com Criciúma, localizada no sul do estado e pólo da indústria carbonífera e de cerâmicas. Fica atrás de cidades como a própria capital Florianópolis e, principalmente, de Balneário Camboriú, cidade que “explodiu” recentemente graças à promoção turística, causando uma urbanização acelerada e difícil de controlar.

Tabela 1: Crescimento populacional de municípios selecionados da fachada atlântica catarinense (1991-2013)

Mu nicípio	1991	2000	2010	2013	Tx. Cresc.(%)
Bal. Camboriú	40.308	73.455	108.089	120.926	300,00
Blu menau	212.025	261.808	309.011	329.082	55,20
Cric iúma	146.320	170.420	192.308	202.395	38,32
Flor ianópolis	255.390	342.315	421.240	453.281	77,48
Itaja í	119.631	147.494	183.373	197.809	65,34
Join ville	347.151	429.604	515.288	546.981	57,56
São José	139.493	173.559	209.887	224.779	61,13
Tot al de SC	41.994	56.360	48.436	34.250	46,06

Fonte: IBGE, 2012; FIESC, 2014.

Do ponto de vista de organização espacial a cidade de Blumenau consolidou sua condição de principal localidade central, ou “cidade local”(FRESCA, 2010), na região do Vale do Itajaí, com o crescimento expressivo de suas funções centrais, colocando-se como segundo centro comercial do estado. Segundo a “Teoria das Localidades Centrais” formulada em 1933 por Christaller, em uma rede urbana surgem relações hierárquicas entre cidades, segundo suas funções e seu tamanho. Neste caso, cidades

vizinhas dependem de Blumenau especialmente na área universitária, hospitalar, bancária e comercial (SIEBERT, 1996).

A denominação centro local refere-se ao menor escalão das cidades no Brasil - termo este difundido a partir dos estudos sobre redes urbanas tendo na teoria das localidades centrais seu referencial analítico - considera o papel dos centros urbanos de uma rede na distribuição de bens e serviços. A centralidade dos núcleos deriva de seus papéis na distribuição de bens e oferta de serviços, sendo este considerado como o elemento para a análise e o estabelecimento de sua hierarquia. De acordo com a teoria, a demanda por bens e serviços traduz localizações diferenciadas, pois há produtos e serviços de consumo frequente e pouco frequente permitindo estabelecer o alcance espacial máximo e mínimo de cada produto. Desta diferenciação na oferta dos bens e serviços, emerge uma diferenciação entre as localidades centrais, que segundo a teoria, é uma diferenciação de caráter hierárquico. Assim, as localidades de mais baixo nível hierárquico distribuem e ofertam apenas bens e serviços de consumo muito frequente, sendo estas denominadas de centros locais (FRESCA, 2010, p. 77).

Cabe destacar também que, diferentemente de cidades de fundação portuguesa, a cidade alemã de Blumenau não possui o seu crescimento a partir de uma praça com uma igreja, mas sim a partir de uma rua principal de cunho comercial (PELUSO, 1991). A rua XV de novembro, uma das primeiras picadas abertas pelo colono, era chamada de *Wurstrasse* (Rua da Linguíça), devido ao seu traçado estreito e sinuoso. Passou a se chamar XV de novembro em 1890, numa homenagem à proclamação da república. Consolidou-se como centro da cidade, pois conforme caracteriza Corrêa (1993, p. 38) na área central “concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços e gestão pública e privada”.

Contudo, certos caracteres especiais sobre a influência da industrialização na configuração do espaço urbano em Blumenau devem ser considerados. Segundo Moretti (2006, p. 15)

Um dos fatores que determinou a forma peculiar da cidade foi a necessidade de descentralização das indústrias têxteis que procuravam recursos hídricos e grandes espaços, e dessa forma criavam unidades espaciais apartadas do centro urbano, formando assim uma estrutura urbana que se nucleou pelos vales dos ribeirões afluentes do Rio Itajaí-açu. Assim isoladas, as fábricas foram grandes responsáveis pela constituição dos bairros da cidade, dando-lhes conformação a partir do estabelecimento industrial, de onde se desdobravam desde as habitações operárias até as residências mais abastadas, o pequeno comércio, os templos religiosos, escolas, associações culturais e esportivas. Uma vida urbana assim se constituía em torno da atividade destas sociedades fabris, combinando transações econômicas com vida social e gerando múltiplas trocas interpessoais. O bairro passa a ser o lugar da representação da vida social e da realização do conjunto das manifestações da comunidade local centralidade no município de Blumenau não se restringiu apenas ao núcleo central principal, ela se estendeu para outros locais.

Sendo assim, no processo de formação da cidade de Blumenau, havia uma descentralização presente desde os estágios iniciais, promovida pela constituição das indústrias têxteis. Corrêa (1993, p. 10) afirma que “a partir de meados do século XIX a industrialização vai gerar dois padrões locacionais intra-urbanos. De um lado um padrão envolvendo áreas que eram periféricas, mas não distantes do espaço urbanizado de modo contínuo”. Tomando a cidade de Blumenau como exemplo, pode-se afirmar que se encaixam nesse padrão as indústrias que necessitavam a proximidade com a água para geração de energia para sua produção. Entretanto Corrêa (1993, p. 11) alerta que “em breve este espaço seria efetivamente incorporado à cidade, tornando-se um bairro ou um subúrbio”, uma vez que essas indústrias desenvolviam em sua proximidade vilas operárias, que por sua vez demandavam infraestrutura e serviços (MORETTI, 2006).

Corrêa (1993) também identificava um segundo padrão locacional, este envolvendo indústrias que não eram dependentes de forças naturais para geração de energia, e, portanto, localizavam-se nas proximidades da Área Central. Normalmente eram pequenas manufaturas que surgiram nos lotes residenciais de seus proprietários. “Entretanto, nem todas as indústrias descentralizaram-se, mas aquelas que o fizeram, ou que nasceriam longe da Área Central, tornaram mais complexa a organização espacial da cidade.” (CORREA, 1993, p. 09).

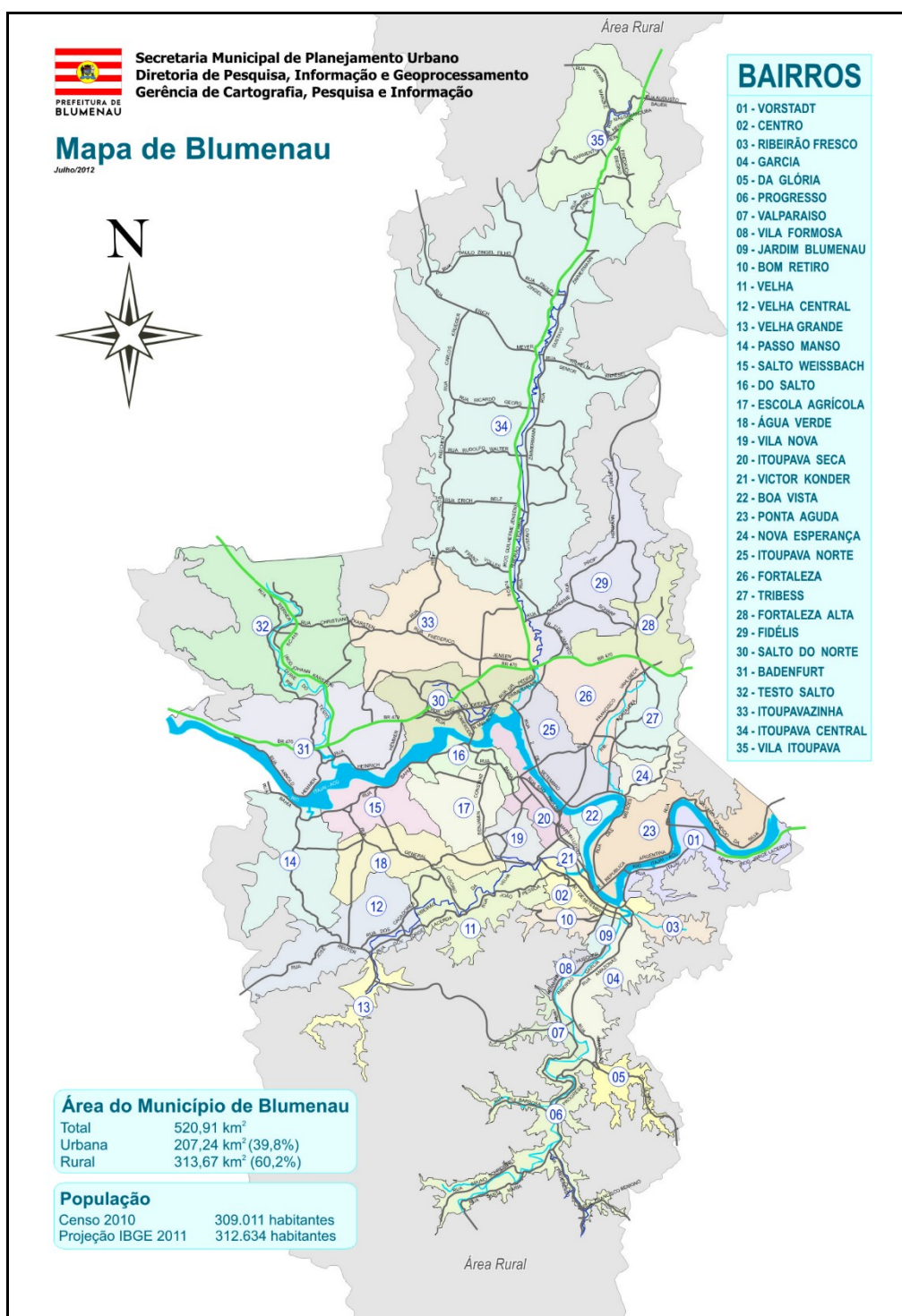
Os lotes, após demarcados, eram distribuídos ao longo de certas “linhas coloniais”, que deram origem às principais ruas e vias de acesso. Na época de colônia, antes da série de desmembramentos, o território blumenauense abrangia cerca de 10.610km², que as “linhas coloniais”, acompanhando o curso do rio, chegavam até áreas mais periféricas da cidade, como o *Stiller Pass* (Passo Manso), Badenfurt e Vila Itoupava.

Sendo assim, áreas mais distantes do *Stadtplatz* (centro da cidade), já demonstravam a capacidade de aglomerar uma parcela da população e apresentar um núcleo comercial ativo, uma vez que, inicialmente, o estabelecimento de empreendimentos comerciais estava ligado às propriedades familiares. Dessa forma, essas áreas mais distantes do *Stadtplatz* (centro da cidade), foram capazes de estabelecer uma centralidade antes de outras áreas mais próximas do centro, como por exemplo, a Ponta Aguda e a Velha (SIEBERT, 1999). Assim surge em Blumenau as primeiras intra-centralidades, caracterizadas como “uma miniatura do núcleo central” (CORRÊA, 1993, p. 51).

Subcentro e núcleos secundários de comércio e serviços são ambos, frutos do processo de descentralização. Os núcleos secundários variam quanto à função e a forma, podendo se manifestar através de eixos comerciais; áreas especializadas ou subcentros de comércio e serviços submetidos à supremacia do CBD e compondo uma rede hierarquizada de localidades centrais na escala intra-urbana. Todas as formas derivadas do processo de descentralização são consideradas núcleos secundários pois sua gênese é posterior à formação da Área Central. Do exposto, está claro que todo subcentro é necessariamente, do ponto de vista histórico-genético da produção do espaço urbano, um núcleo secundário de comércio e serviços; por outro lado, nem todo núcleo secundário é necessariamente um subcentro de comércio e serviços. (REIS, 2007, p. 10).

Atualmente, Blumenau tem seu território dividido em 35 bairros (figura 2), que apresentam características diferenciadas entre si do ponto de vista produtivo, comercial e de serviços. Assim, enquanto o bairro Itoupava Norte (figura 3), com 16.016 habitantes (5% da população do município), apresenta atividades industriais como a Tecelagem Kuehnrich (TEKA), unidades comerciais como o Centro Comercial Cic, e de serviços como a empresa de transporte público Nossa Senhora da Glória; o bairro Vila Nova (figura 4), por sua vez, especializou-se principalmente no uso residencial, este sofreu um aumento populacional de 2000 à 2010 beirando a casa dos 30%.

Figura 2: Mapa geral de bairros de Blumenau



Fonte: SEPLAN – PMB

(Sem escala)

Figura 3: Vista do bairro Itoupava Norte



Fonte: <http://blog-do-charles.blogspot.com.br/2012/01/fotos-de-blumenau-partir-do-morro-da.html>

Figura 4: Vista do bairro da Vila Nova



Fonte: http://www.inf.furb.br/obeb/geografia_novo/cap10.html

Por outro lado, a excessiva centralização que o modelo germânico reproduz, acarreta sérios problemas de saturação viária, fazendo o governo expressar sua preocupação com esse crescimento urbano a partir de 1977, quando Blumenau passa a ter seu primeiro plano diretor. Entre os vários tópicos estipulados no código de zoneamento, um deles tratava do estabelecimento de centros de bairros, que objetivavam a descentralização, a diminuição da população e sua dependência do centro em busca dos serviços e equipamentos públicos.” (SIEBERT, 1999).

Apesar de esse tópico estar presente na lei, alguns autores desconsideram seu cumprimento, demonstrando ser um verdadeiro equívoco:

“Os centros de bairros, que tinham como objetivo, a descentralização e a auto-suficiência, não foram viabilizados. Pode-se supor que os motivos foram: falta de investimentos públicos, falta de detalhamento em lei, e com os índices (coeficientes de aproveitamento) mais altos no centro, a proposta incentivava ainda mais a centralização, do que a descentralização;” (BACK, 2004, pág. 157).

Portanto, ao longo do seu processo de industrialização e urbanização, o município de Blumenau, não apenas se transformou em um lugar central ao vale do Itajaí, como também internamente foram surgindo, evoluindo e desaparecendo diferentes lugares centrais intra-urbanos. Essas intra-centralidades promoveram profundas transformações na rede urbana da cidade.

A importância dessas centralidades intra-urbanas já justificaria a importância da realização da pesquisa. Contudo, outras aparecem relevantes. A primeira diz respeito ao fato que os trabalhos sobre o município de Blumenau dão ênfase ao descontrole urbanístico por parte do estado (SIEBERT, 1999), surgimento dos bairros (MORETTI, 2006) e aplicações do plano diretor (BACK, 2004). Em que pese a importância desses trabalhos existe uma ausência sobre os estudos sobre as centralidades intra-urbanas.

A segunda justificativa deriva do fato de poder ser observado no município de Blumenau, ao longo dos tantos anos, mudanças significativas na sua estrutura urbana, como por exemplo, o inchaço da cidade, estrangulamento do sistema viário e novo eixo de crescimento condicionado pelos desastres ambientais. A terceira pelo fato de que esse novos centros intra-urbanos, apesar de promoverem a descentralização das atividades e possibilitar uma melhor redistribuição das infraestruturas urbanas, promove também muitos problemas como ocupações irregulares, novas periferias, etc.

Sendo assim, o objetivo geral dessa pesquisa é identificar a gênese, evolução e dinamismo das centralidades intra-urbanas no município de Blumenau, Santa Catarina. **a partir de quando** Neste processo, objetivos mais específicos são demandados para dar

suporte ao objetivo geral. Portanto buscar-se-á também identificar as novas economias e deseconomias de aglomeração na dinâmica econômica do município. Verificar o papel do estado, federal, estadual e municipal nas criações e fomentos da descentralização das atividades econômicas, e avaliar o impacto dessas economias na estrutura econômica e social do município, verificar as novas centralidades intra-urbanas no município de Blumenau e verificar as conexões intra-centrais no município.

Para o conjunto da pesquisa proposta, o primeiro aporte teórico refere-se à categoria de formação socioespacial desenvolvida por Santos (1977). A categoria de formação socioespacial decorre da ideia de formação econômico-social elaborada por Marx e Engels e sistematizada por Lênin (1955) para compreender o conjunto da história e o desenvolvimento de uma dada sociedade. Didaticamente, a formação social é uma realidade concreta, que se transforma, evolui e muda historicamente. O econômico é composto pelas forças produtivas, ou seja, pelas relações entre o homem e a natureza. O social articula as relações entre os homens, isto é, as relações de produção, as classes e as forças sociais (ESPÍNDOLA, 2002). Santos (1977) afirma que a formação econômica e social é indissociável da realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. Assim, a noção de FES adquire o status de formações históricas e geograficamente localizadas, ou seja, formações socioespaciais.

Outro aporte teórico é as ideias de Mamigonian (1965) sobre a diferenciação existente entre o processo de desenvolvimento econômico ocorrido nas áreas de latifúndio e nas áreas de pequena produção mercantil. A identificação da manifestação socioespacial decorrente do processo de diferenciação será auxiliada ainda pela proposta teórica de combinações geográficas desenvolvidas por Cholley (1964).

Soma-se ainda o referencial teórico das economias de aglomeração, inicialmente desenvolvido por Marshall (1890), mas que teve a contribuição de vários outros autores e foi amplamente utilizado pela economia regional e urbana (TINOCO, 2003). É um referencial teórico que justifica economicamente a existência de cidades. Nesse sentido, também utilizar-se-á as ideias de Milton Santos (1979) quanto aos circuitos econômicos centrais, divididos entre os circuitos superior e inferior, o primeiro atendendo em escalas maiores e aumentando sua zona de influência, e o segundo, de caráter mais locacional e atendendo à grande massa populacional.

Além de investigar as economias de aglomeração pelos efeitos da localização dos novos investimentos e a diversidade das atividades econômicas decorrentes da reestruturação, faz-se necessário, também, identificar como cresceram e/ou retraíram-se

as atividades econômicas e sociais no interior da cidade de Blumenau em termos de formas, funções, estruturas e processos (SANTOS, 1985). A forma é o aspecto visível de uma determinada coisa, a função é a atividade desempenhada pela forma, estrutura é a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo, e o processo é uma estrutura em movimento.

Considerando-se a diversidade dos objetivos específicos, a pesquisa foi inicialmente realizada em diferentes etapas. A primeira destinou-se à revisão bibliográfica sobre as pesquisas realizadas acerca das centralidades intra-urbanas. A segunda refere-se à investigação das medidas político-institucionais adotadas pelos governos federais, estaduais e municipais na criação de Planos diretores e outros que visam a reestruturação do espaço urbano blumenauense. A terceira etapa consiste na coleta de dados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos relatórios anuais da FIESC e nos relatórios da Secretaria de Planejamento da prefeitura (SEPLAN).

Para otimizar a análise, é utilizada a divisão administrativa do território blumenauense baseada nos bairros. Foi feita a relação entre o número de empresas em cada bairro de acordo com sua extensão territorial. Os bairros que apresentavam uma densidade maior de empresas ao longo de sua extensão territorial foi alvo de análise e comparação. Dessa maneira selecionaram-se as áreas que têm maior circulação de bens e serviços, a fim de determinar seu comportamento frente às novas conjunturas na cidade.

Além da revisão bibliográfica, coleta de dados e informações, a pesquisa contará como trabalho de campo, cujo objetivo é verificar a estrutura e a dinâmica das centralidades intra-urbanas no município de Blumenau. As investigações de campo foram subsidiadas por entrevistas, sustentadas por um roteiro de questionamentos preestabelecidos (anexo 1).

A combinação da revisão bibliográfica, coleta de dados, e a sistematização das informações nos ofertaram subsídios para a apresentação dessa dissertação. Preliminarmente esta se dividem em três capítulos. Um primeiro capítulo procura na gênese do município de Blumenau, entender o processo de ocupação diferenciado e o modo de produção que os imigrantes germânicos transplantaram da Europa para o Brasil. Este se aprofunda também na conjuntura econômica que a cidade de Blumenau passou durante toda a sua história, desde a constituição dos primeiros teares e fiações que originarão as primeiras indústrias têxteis, passando pela consolidação como polo

têxtil nacional até reestruturação econômica devido às políticas neoliberais dos anos 90, bem como a especialização de uma nova atividade, os softwares.

O segundo capítulo, por sua vez, irá trabalhar a evolução urbana que ocorreu na cidade de Blumenau. Esse processo foi intimamente ligado com o crescimento econômico do município, que demandava infraestrutura e mantinha cativa no entorno das indústrias mão-de-obra, dando origem às vilas operárias que mais tarde se transformariam em importantes bairros da cidade. Neste capítulo também se encontra o papel do poder no público no processo de modelagem do município de Blumenau.

O terceiro capítulo trará uma investigação mais aprofundada das intracentralidades da cidade de Blumenau. A análise parte dos bairros que apresentam uma maior densidade de empresas ao longo de sua área. Tratamento de dados, indicam uma maior presença de empresas ligadas à indústria, comércio ou setor de serviços. Entrevistas em empresas tradicionais e recentes também indicam de maneira qualitativa a razão para estas centralizarem-se em determinado bairro.

1.DA OCUPAÇÃO A INDUSTRIALIZAÇÃO DA CIDADE DE BLUMENAU-SC

1.1.O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU-SC

O estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, teve seu território ocupado em três fases distintas. A primeira ocorreu na metade do século XVII, através da expansão dos vicentistas paulistas que vieram para sul, primeiramente em São Francisco do Sul (1658) e posteriormente em Desterro (1675) e Laguna (1676). Essas ocupações ocorrem através do sistema de sesmarias que cedia terras para cultivo. Neste momento a ocupação ainda era esparsa e de baixa densidade demográfica.

Apesar disto, o governo português não sentia a segurança de posse da região sul, portanto passou a colonizar atuais cidades do sul do Brasil com casais açorianos e madeirenses. Essa medida pode ser considerada como a maior intervenção geopolítica e geoeconômica do governo português no sul do Brasil, e seu resultado ainda vigora (MAMIGONIAN, 1998). Nesse mesmo fluxo migratório também surge nos campos de Lages, atual cidade da região serrana de Santa Catarina, focos de povoamento através de estâncias de gado que mantinham “relações feudais de propriedade e trabalho” (MAMIGONIAN, 1998, p. 68) com os índios sobreviventes daquela localidade.

Numa segunda fase de povoamento no estado de Santa Catarina, o governo português volta seus olhares para as áreas de mata existentes nos primórdios do século XIX. Assim, a partir de 1820 chegam alemães em São Pedro de Alcântara (1829), mas as colônias alemãs mais importantes se desenvolveriam a partir de 1850 em Blumenau e em 1851 em Joinville. Ambas foram criadas a partir da empresa alemã *Kolonisationsverein von Hamburg*. Nessa fase também destaca-se a partir de 1875, uma colonização italiana, que deslocaram-se mais ao sul do estado, criando municípios como Azambuja, Criciúma, Urussanga, Nova Veneza, etc. Alemães também aparecem nessa região do estado em colônias em Rio Fortuna, São Ludgero, Forquilha e Braço do Norte, entre outras (DALL’ALBA, 1983).

Na terceira e considerada última etapa da colonização do estado de Santa Catarina, vê-se o extremo oeste recebendo imigrantes alemães, italianos, austríacos, etc. Empresas de imigração impulsionaram a vinda destes imigrantes que acabaram por fundar diversos pequenos municípios (ESPÍNDOLA, 1999).

No Brasil como um todo, a presença de alemães foi primeiramente testemunhada em terras baianas, com a Colônia Leopoldina em 1818. É importante destacar que na época o termo “colono alemão” era usado para designar qualquer imigrante de fala alemã, independente da nacionalidade. Sendo assim nesse termo eram enquadrados imigrantes vindos da Alemanha, Áustria, Suíça e até determinadas regiões da Polônia (SEYFERTH, 1999).

Como já mencionado, o primeiro núcleo alemão em Santa Catarina deu-se em São Pedro de Alcântara em 1828. Entretanto, esse processo só ganha importância com a colonização das terras do médio Vale do Itajaí e do nordeste do estado. De uma iniciativa, inicialmente privada, por parte do Dr. Hermann Blumenau, um filósofo, químico e farmacêutico alemão, surge a colônia de Blumenau situada nas margens do rio Itajaí-Açú, em 1850.

Este processo de colonização teve seu marco inicial no dia 02 de setembro de 1850. O Dr. Hermann Blumenau, numa viagem à Londres, conhece o Cônsul Geral do Brasil e em 1846 viaja para conhecer o país, onde passa dois anos. Ainda dois anos mais tarde, volta e funda a colônia São Paulo de Blumenau.

Para iniciar este processo, chegam em terras brasileiras 17 colonos alemães. Entre eles encontram-se 11 homens e 7 mulheres, tendo um marceneiro, um agrimensor, um charuteiro, um alveitar, um funileiro e dois ferreiros. Na época a colônia alcançava a marca de dez mil quilômetros quadrados. A motivação da vinda desses imigrantes era resultado da situação política e econômica fragilizada na Alemanha, antes da sua unificação. As companhias migratórias usavam esses fatores como propaganda (figura 5), e também o interesse por parte dos países em receber esses imigrantes.

Figura 5: Propaganda alemã para atrair imigrantes



Tradução: O povoado alemão no norte do estado de Santa Catarina (Sul do Brasil)

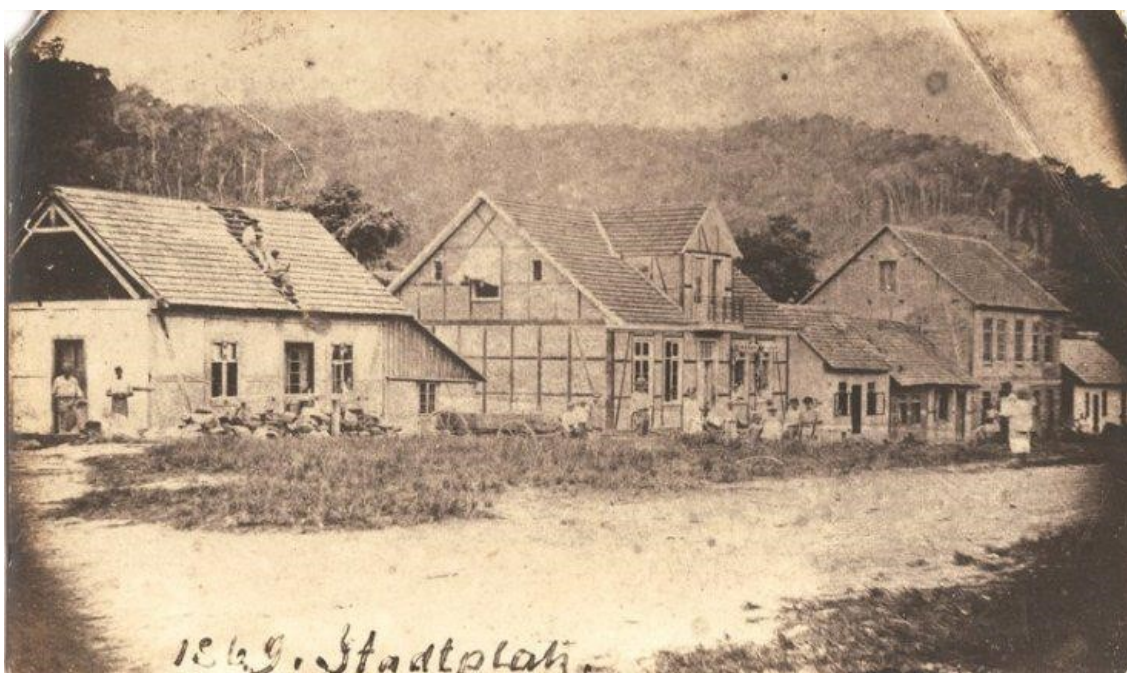
Fonte: <http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/noticia/2015/04/propaganda-guardada-por-mais-de-um-seculo-na-europa-revela-imagens-raras-de-joinville-e-blumenau-4745939.html>

A exploração da colônia pode contar com o auxílio de profissionais que chegavam da Alemanha, como por exemplo os engenheiros August Wunderwald e Emil Odebrecht e os agrimensores Julius Ritscher (que encontrava-se entre os primeiros dezessete), Johann Breithaup e Heinrich Krohberger. Com o auxílio de ferramentas primitivas como o facão e teodolitos, os primeiros caminhos foram abertos, caminhos estes que deram origem às principais ruas da cidade (av. 2 de setembro, rua Amazonas, rua São Paulo, rua Itajaí, av. Marthin Luther, etc.) (SIEBERT, 1999).

A sede da colônia foi instalada no último trecho navegável de canoa no rio Itajaí-Açú (figura 6). Ali, na parte mais alta, o Dr. Blumenau instala a primeira igreja, Evangélica Protestante e constrói sua casa em estilo enxaimel⁴. Também é aberta a rua que XV de novembro, na época chamada de *Wurstrasse* (figura 7). Foi aberta acidentalmente, através da perseguição à uma vaca desgarrada. Essa rua logo ganha a importância de ser a principal rua da cidade, o centro (*Stadtplatz*) onde concentra os comércios e serviços, característica essa observada em cidades de imigração germânica (PELUSO, 1991).

⁴ Estilo de construção germânica.

Figura 6: Stadtplatz em 1869 (Atual Alameda Duque de Caxias)



Fonte: <http://www.blumenauminhacidade.com.br/photo/stadtplatz-1869?context=user>



Figura 7: Wurstrasse (Atual rua XV de Novembro) em 1900.

Fonte: <http://www.blumenauminhacidade.com.br/photo/rua-xv-de-novembro-1900?context=user>

Os lotes coloniais foram marcados a partir de 1852, e teve seu direcionamento inicial em direção ao atual distrito do Garcia, na região sul da cidade. A cada 8 e 10km

um espaço era reservado para igrejas, cemitérios e escolas. José Deeke, que era historiador e trabalhou na demarcação de terras, assim descreve em 1917:

A conformação topográfica obrigou o colonizador, desde o princípio, a adotar o sistema de lotes, ainda hoje em vigência. Como o terreno é montanhoso, em sua maior parte, e só apresenta relativas faixas planas nas margens dos rios e riachos, e tais planuras se prestavam sobremaneira para implantar estradas e propriedades, essa peculiaridade foi condicionante desde o início e a determinante da conformação dos lotes com testada estreita para a estrada, principalmente junto ao vale do rio, e os fundos tão extensos que se confrontavam, nas 'tiefen'¹⁰ com lotes de outros vales. Mediante tal prática, se projetavam muitos lotes nos vales ou, contrariamente, a área montanhosa teria permanecido por muito tempo sem interessados na aquisição, e portanto sem demarcação (DEEKE apud SIEBERT, 1999).

Sendo assim cada imigrante recebeu uma propriedade de tamanho média, com cerca de 25 há, uma propriedade *minimale ackernahrung* e um povoamento de estilo *waldhurfendorf*, segundo Waibel (1988). Nesse processo, o rio também foi fator fundamental, pois servia de caminho e estrada.

No início, os colonos buscavam morar mais próximo da sede, pois havia o medo constante de sofrer algum ataque por parte dos índios locais. Assim descreve Hering (1987, p. 20)

Os alemães do século passado, vivendo em pequenos Estados independentes, ainda traziam forte espírito comunitário. A representação de uma nação centralizada com sua hierarquia de poder, eles aprenderam somente após a era Bismarck, no final do século passado, quando os pioneiros já haviam emigrado. Deste modo, a vivência comunitária foi transferida para o Brasil, ativada pelas circunstâncias locais, em que o colono era instalado no meio da floresta tropical, desconhecida e hostil. (...) Chega-se a registrar em Santa Catarina o trabalho de mutirão da Alemanha conhecido como Bittarbeit (trabalho a pedido).

Os lotes para cultivo situavam-se em áreas mais periféricas da cidade, desenvolvendo-se dessa forma as “linhas coloniais”. Havia dessa forma, uma circulação entre a sede da colônia e outras áreas da cidade, o que propiciou o desenvolvimento de núcleos comerciais distantes da área central desde muito cedo (SIEBERT, 1999).

1.2. Gênese e evolução da industrialização de Blumenau

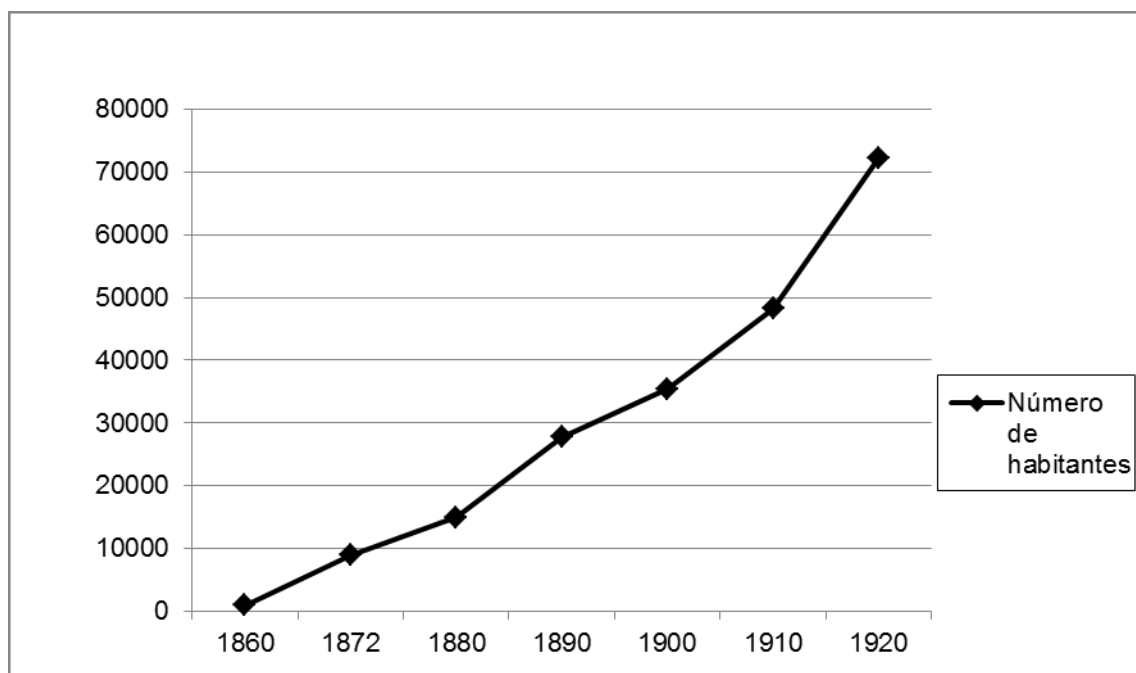
Num primeiro momento, a economia na colônia desenvolveu-se com uma agricultura de subsistência que demandava mão-de-obra familiar. Enquanto no país a economia desenvolvia-se através da mão-de-obra escrava, num modo de produção baseado em latifúndios, a economia em Blumenau desenvolvia-se na contramão, na pequena propriedade, sendo o Dr. Blumenau contrário à mão-de-obra escrava desde o início.

Da mesma forma, as terras na colônia não propiciavam monoculturas de extensão, então a única saída era mesmo a policultura com mão-de-obra familiar. As constantes precipitações logo se transformavam em enchentes, por causa do clima muito quente em dias de verão. Hering (1987, p. 47) afirma que “o colono foi obrigado a dedicar-se intensamente à exploração do solo, articulando finalmente, a policultura com o mercado”.

O excedente gerado era vendido e distribuído regionalmente. Hering destaca que “de toda a produção colonial, o milho, a cana-de-açúcar, a mandioca e o fumo geravam produtos comercializáveis; a demais produção servia quase exclusivamente para o consumo da família” (1987, p.43). Enquanto chegassem novos imigrantes haveria mercado consumidor para os já estabelecidos. Conforme a população foi se adensando, a possibilidade de uma divisão social do trabalho foi surgindo. Aos poucos uma economia artesanal foi se diferenciando da atividade puramente agrícola (MORETTI, 2006).

Hering (1987, p. 43) também afirma que “de toda a produção colonial, o milho, a cana-de-açúcar, a mandioca e o fumo geravam produtos comercializáveis; a demais produção seria exclusivamente para o consumo da família”, via-se então um comportamento de produzir o máximo possível, para comprar o mínimo possível. Com a chegada de mais imigrantes e o adensamento populacional (gráfico 2), haveria mercado consumidor para esse excedente, que era distribuído regionalmente, e aos poucos uma divisão social do trabalho também toma forma (MORETTI, 2006).

Gráfico 1: Evolução populacional desde 1860 até 1920.



Fonte: GOULARTI FILHO, 2002

1.2.10 processo de acumulação de capital

O excedente resultante da produção agrícola nas pequenas propriedades propiciou o surgimento de uma prática comercial entre os imigrantes, e até entre diferentes colônias, dando acesso a mercadorias antes indisponíveis. A princípio não havia grande circulação de dinheiro, pois o escambo era a prática mais comum. Aos poucos a figura dos “vendedores” vai tomando forma, homens responsáveis por intermediar as trocas entre as colônias.

Normalmente os colonos forneciam seu excedente em troca de produtos manufaturados como sal, etc. Somente através desses “vendedores” foi possível um desenvolvimento na colônia, pois quem quisesse acumular dinheiro de alguma forma, também dependia deles para venderem seus produtos. Os produtores, é claro, não os viam com “bons olhos”, e as queixas de exploração eram constantes (HERING, 1987).

Os próprios colonos, levando seus produtos para as casas comerciais da vila e deixando nelas o pequeno lucro conseguido nas trocas, acabaram beneficiando duplamente os comerciantes: de um lado, estes últimos compravam a produção agrícola e vendiam suas mercadorias por preços extorsivos e, de outro lado, figuravam como ‘guardiões’ das economias dos colonos. O lucro obtido era investido em pequenos empreendimentos ligados à exploração da terra e das florestas, outra forma de obter dos colonos parte da sua produção. Tornaram-se, em consequência, os vendedores donos do capital e o manipularam inicialmente para ampliar a pequena produção, a fim de melhorar as condições do comércio de exportação, explorando engenhos e serrarias. (SEYFERTH, 1999, p. 117-118).

É inerente, de fato, que houve um acúmulo de capital nas mãos desses “vendedores”, pois além de sua influência no meio dos produtores, eles ainda tinham barcos para ir até Itajaí, onde mantinham casas de exportação-importação. Dentre estes “vendedores”, a maioria partiu de negócios modestos, podendo ser citados nomes como Jens Jensen, Gustav Sallinger, Frederico Guilherme Bush, etc. (MAMIGONIAN, 1967).

Muitos desses recursos acumulados foram investidos em novas atividades artesanais-manufatureiras e industriais. Para Seyferth (1999, p. 127) as causas dessa industrialização estão na “existência de capital local garantido pelo comércio; a potencialidade de um mercado consumidor na região; e a existência de mão-de-obra aproveitável entre os agricultores reforçada pela presença de alguns artífices especializados”.

Mamigonian (1965) distinguiu quatro tipos diferentes de industriais, segundo a profissão e origem do capital. O primeiro tipo agrupa os industriais que já exerciam uma função nessa área na Alemanha (Max Hering, Paul Werner, Heinrich Conrad, etc.). O segundo tipo refere-se aos que mantinham casas comerciais ligadas à exportação, Cia. Jensen e Comercial Sallinger por exemplo. O terceiro tipo são os comerciantes mais simples como representantes e donos de escritório, com estabelecimentos do tipo Sociedade Geral de Madeiras, Gráfica 43, etc. O quarto e último tipo são os que possuíam mão-de-obra mais qualificada como mestres, artesões, etc. Dentro de todos esses diferentes tipos, Mamigonian (1965) identifica uma característica que os une, dando-lhes a alcunha de “capitalistas sem capitais”.

Dessa maneira, tendo a pequena produção e o capital comercial como base da estrutura social, os produtores veem sua pequena produção mercantil transitar para uma atividade capitalista de fato. Sabe-se que o capitalismo surge primeiramente pela transformação da economia natural em economia mercantil, e depois pela transformação da economia mercantil em economia capitalista.

1.3.A dinâmica recente da economia de Blumenau e as novas centralidades

Atualmente a economia blumenauense apresenta crescimento. As atividades originárias do setor manufatureiro ainda representam boa parte da receita municipal. Contudo novas atividades econômicas passaram a figurar a partir da década de 1970. São as atividades ligadas à informática, que assim como as atividades têxteis no início

do século passado, mantêm ligações com a Alemanha na expectativa de atender o mercado internacional⁵.

Em 15 anos de atuação da incubadora *Blusoft*, já foram viabilizadas atividades que movimentaram cerca de R\$ 14 milhões para a cidade. A ascensão dessa atividade representa uma mudança do ponto de vista espacial, pois por ser uma atividade com o produto final improdutivo (não concreto), a empresa não depende da centralidade da cidade para se desenvolver, podendo ramificar sua base produtiva para outras áreas da cidade.

Dessa maneira, observa-se em Blumenau, da mesma forma que em outros lugares, que o progresso técnico, nas palavras de Santos (1999), torna complexas as diferentes regiões e subespaços, ao mesmo tempo fragmentando-os, mas sem excluí-los do grande processo de globalização. Em Blumenau, isto se manifesta com o desenvolvimento e consolidação das diferentes intra-centralidades urbanas, que sem se sobreporem ao centro principal, vêm exercendo papel principal de apoio ao desenvolvimento da cidade e transformação do espaço e modo de vida blumenauense.

1.4.As etapas do processo de industrialização

Para entender a precoce industrialização do município de Blumenau, deve-se analisar o contexto social de onde vinham os imigrantes: a Alemanha semi-industrializada do século XIX. Alguns viviam em grandes cidades alemãs, inclusive trabalhando em profissões específicas e/ou donos de pequenos negócios, entretanto a crise os “obriga” a sair do país. Também havia os camponeses, que traziam consigo um forte espírito comunitário. G. Bianquis caracteriza a vida do camponês alemão por volta de 1830:

A vida cotidiana era dura e frugal em quase toda parte. O camponês vivia dos produtos de sua terra, muito raramente comia carne, alimentava-se de pão escuro, de queijo grosseiro, de papas de cevada ou de aveia, de ervilhas e de rabanetes pretos. ...A introdução da batata desde 1770... atenuou muito os riscos da fome. O camponês produzia tudo o que consumia, não só a alimentação, mas os têxteis: lã, cânhamo, e linho, que as mulheres fiavam e teciam. (1956, p.66 apud SEYFERTH, 1999, p. 21)

Essa industrialização diferenciada atraiu a atenção de diversos pesquisadores que concentraram seus esforços em explicar esse processo, gerando diferentes interpretações. Uma delas é apresentada por Singer, que defende a existência de dois

⁵ Blusoft

processos de origens distintas, mas que se relacionam entre si. O primeiro reside na “inserção crescente da economia blumenauense no mercado nacional” e o segundo é a “divisão de trabalho entre a cidade e o campo”, gerador de um mercado local para a indústria (SINGER, 1986).

Mamigonian, que subsidia esta análise, escreve um artigo intitulado “Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau” (1965), segmenta o processo de industrialização ocorrido em território blumenauense em três períodos distintos: o início da industrialização, entre 1880 e 1913, o período da primeira guerra mundial, entre 1914 e 1939 e o período da segunda guerra mundial, de 1939 em diante.

O primeiro período, compreendido entre a fundação da primeira iniciativa têxtil em 1880 e até a eclosão da primeira guerra mundial, caracteriza-se pelo pioneirismo no ramo e o espírito empreendedor que os imigrantes traziam da Europa (MAMIGONIAN, 1965). Assim, a partir de 1880, quando a colônia de Blumenau tinha apenas 30 anos de fundação, as primeiras iniciativas industriais ganham forma. “Eram empresas muito modestas, não utilizavam eletricidade, importavam da Alemanha máquinas usadas e vendiam os tecidos fabricados em Blumenau e vizinhanças” (MAMIGONIAN, 1965, p. 68). Nesse período a população blumenauense alcançava cerca de 14.981 habitantes.

Mamigonian (1965) também ressalta o espírito empreendedor avançado desses imigrantes. Eles vinham de um país em processo de industrialização, com uma acentuada divisão social do trabalho, onde ainda nos dias atuais, quem não tem acesso ou não opta por uma universidade, pode ter uma profissão aprendida através de um *Berufsausbildung*⁶. Sendo assim, esses imigrantes que possuíam uma profissão constituída na Alemanha, não se contentavam tendo a produção agrícola como única ocupação no Brasil, e essa inquietação resulta na constituição das primeiras indústrias.

A primeira indústria estabelecida em Blumenau foi a Cia. Hering, em 1880, inicialmente chamada de *Trikotwaaren-Lager von Grebrüder Hering* (Fabricados de malha irmãos Hering). Fundada pelos irmãos Bruno Hering e Hermann Hering, que possuía já uma casa comercial quando morava na Saxônia (Alemanha), quando vieram para o Brasil compraram um tear usado de Joinville, recrutando suas famílias para trabalharem, a princípio, de forma artesanal. Os primeiros fios de algodão utilizados eram importados da Alemanha.

⁶ Formação profissional

Mais tarde dois funcionários pertencentes à família Hering, Max Hering e Vitor Hering, foram mandados para a Alemanha com o objetivo de qualificação profissional. O primeiro vai à Stuttgart para estudar o funcionamento mecânico dos teares, e o segundo passa dez anos nesse país estudando engenharia mecânica. Dessa maneira, observa-se a estreita relação que essa indústria mantinha com a Alemanha em seus primeiros anos.

A Cia. Têxtil Karsten foi fundada por um operário agrícola chamado Johann Karsten, natural de Schkeswig-Holstein. Ao chegar em território brasileiro, em 1860, desiste de trabalhar numa fazenda de café do Rio de Janeiro e parte para a então colônia de Blumenau. Ao montar uma serraria e um moinho na sua colônia, foi possível acumular uma pequena quantia de capital, que ao juntar com os rendimentos de mais dois sócios, o pequeno comerciante Heinrich Hadler e o mestre tecelão Gustav Roeder, pôde enviar Hadler para a Alemanha em busca de maquinário. Surge então a indústria “Roeder, Karsten e Hadlich”, com seis teares mais uma pequena fiação. Após a desistência de seus sócios, torna-se apenas a Cia. Têxtil Karsten.

Uma terceira indústria surge ainda nesse período, a Empresa Industrial Garcia. Esta nasce a partir da iniciativa de Johann Heinrich Grevsmuhl, que chegando da Alemanha em 1860, passou a explorar madeira na região. Após a acumulação de um pequeno capital com essa atividade, Grevsmuhl associa-se com August Sandner e Johann Gauche (conhecedor de técnicas de tecelagem). Chamam também um tecelão conhecido apenas como Lipmann, possuidor de alguns teares. Assim surge a primeira iniciativa industrial com o nome de “Johann Heinrich Grevsmuhl e Cia.”. Anos mais tarde essa iniciativa se transformaria na “Empresa Industrial Garcia”.

O final deste primeiro período de industrialização culmina com a eclosão da primeira guerra mundial. A situação econômica na Alemanha, além de incentivar a migração para colônias brasileiras, provendo mão-de-obra, também propiciou a compra de maquinário especializado de indústrias que faliram na Alemanha, importando técnicas de produção.

O segundo período, este marcado pela eclosão da primeira guerra mundial, é caracterizado pela contínua consolidação das iniciativas industriais surgidas no primeiro período de industrialização. Com o fim da primeira guerra, a Alemanha devastada torna-se cada vez mais um país difícil de viver, portanto a partir de 1919 mais imigrantes chegam à agora cidade de Blumenau para começar uma nova vida. Surgem indústrias

novas, não só na área têxtil, mas também em outras iniciativas inovadoras. Neste período a população blumenauense contava com 72.213 habitantes.

A “Teká”, fundada pelo filho de imigrantes alemães Paul Fritz Kuehnrich que, após trabalhar como operário, funda uma empresa própria de acolchoados em 1926. Três anos mais tarde passa a produzir também camisetas, e em 1931 ocorre a compra de dois teares, produzindo tecidos. Em 1935, na busca por mais recursos, transforma a empresa em sociedade anônima, recebendo a denominação de “Tecelagem Kuehnrich S.A.”, que tendo como logotipo as letras “T” e “K”, originando o popular nome “Teká”.

A “Artex” foi fundada pela associação de Teophilo Bernardo Zadrozny com o tecelão técnico Otto Huber, um austríaco que trabalhou na Empresa Garcia. Zadrozny tinha a vontade de abrir uma indústria própria, mas a falta de conhecimento torna necessária a associação com Huber. Dessa união surge a Artex S.A. em 1936.

A “Altenburg” nasce de uma iniciativa muito modesta. Uma viúva de nome Johanna Lueders Altenburg, que produzia acolchoados para sustentar sua família em 1922, vê seu pequeno negócio crescer ao ter a possibilidade de produzir também travesseiros com algodão em pluma, lã de carneiro e penas de ganso e de pato. Após aprimorar sua técnica durante 20 anos, surge a “Fábrica de Acolchoados Altenburg”.

A “Fábrica de Etiquetas Haco”, também surge de uma iniciativa familiar. A família Conrad que migra da Alemanha em 1928, começa produzindo cadarços em algodão com 10 funcionários e seis teares. A partir de 1941 passa a produzir também etiquetas tecidas, depois de incluir mais quatro teares de laçadeiras, estrutura adquirida da empresa Fernandes de Joinville.

A “W. S. Cremer S. A.”, foi fundada em 1935 pelo imigrante alemão Werner Siegfried Cremer, que inicialmente morando em Porto Alegre, muda-se para Blumenau com sua pequena fábrica de artigos têxteis, especializada em artigos de uso cirúrgico e hospitalar.

A “Eletro Aço Altona S.A.” foi fundada por Paul Werner, um engenheiro que chega em Blumenau em 1923, convidado para instalar a primeira central telefônica, juntamente com Ernst Auerbach, um ferreiro. Teve como primeiro nome “Auerbach & Werner” fabricando inicialmente utensílios domésticos e agrícolas. A partir de 1933 a empresa passa a trabalhar com aço, gerando o nome atual.

Numa iniciativa diferenciada surge a “Cia. Hemmer”, especializada no ramo alimentício. Fundada pelo imigrante alemão Heinrich Hemmer que estabeleceu-se no bairro do Badenfurt, uma dos mais distantes do centro, desde o início foi um empreendedor que além de instalar uma ferraria e consertar espingardas e maquinários têxteis, decidiu montar uma casa comercial, em 1915, que vendia produtos adquiridos na sede da colônia, para que os habitantes próximos dele não precisassem se deslocar até lá.

Passou a plantar repolho para vender na sua casa comercial, mas o excesso de produção deste vegetal fez com que ele o manufaturasse produzindo um alimento típico germânico, o *Sauerkraut* (chucrute). Tendo uma boa aceitação do produto, outros alimentos em conserva foram produzidos, como pepinos, couve-flor, vinagre, mostarda. Atualmente a empresa comemora 100 anos de existência.

Outra iniciativa que também merece uma atenção especial é a “Gaitas Hering”, fundada por Alfred Hering em 1923. Seu sogro, Paul Husadel mantinha no centro da cidade uma casa comercial que vendia entre seus diversos produtos, as gaitas harmônicas alemãs da marca *Hohner*. Após conhecer a senhora Schwab, que havia imigrado da Alemanha e no seu país de origem havia trabalho como afinadora de gaitas, surge a ideia de produzir esses instrumentos musicais. Tendo um empréstimo de seu sogro Husadel, Hering monta a primeira fábrica de gaitas da América do Sul na época, ganhando reconhecimento internacional.

Nesse período de industrialização, em que ocorria uma crise econômica mundial, a nação brasileira busca alternativas para não ser atingida pela crise. Inicia-se um processo conhecido como substituição de importações, em que, a exemplo da “Gaitas Hering”, passa a ser produzido em território nacional o que antes só conseguia-se através da importação. Surgem também empresas de porcelanas, cristais, chocolates, etc. (MAMIGONIAN, 1965)

Essas indústrias foram beneficiadas por medidas criadas pelo governo de Getúlio Vargas que almejava impulsionar a industrialização brasileira frente à crise mundial (ESPÍNDOLA, 1999). Essa crise que comprimia a “capacidade de importar do país, estabelecia uma reserva de mercado para substituidores de importações” (RANGEL, 1981, p. 29).

Durante essa crise novos pactos de poder também surgiram, pois as antigas famílias tradicionais catarinenses, como por exemplo os Konder e os Luz, foram

afastados do poder ao perder espaço para as novas famílias industriais que ascendiam socialmente. “No polo externo, o Brasil substituiu o capitalismo industrial inglês pelo capitalismo financeiro norte-americano, a qual garantia financiamentos à economia brasileira” (RANGEL apud ESPÍNDOLA, 1999, p. 44).

Esse novo pacto de poder implementou medidas político institucionais visando o interesse global da economia nacional, pois por um lado mantinha a política de sustentação do preço do café e, por outro, redirecionava recursos à política de substituição de importações através de vários mecanismos (ESPÍNDOLA, 1996, p. 45).

Além de medidas políticas, a industrialização blumenauense também obteve outras vantagens geográficas que incentivaram o desenvolvimento econômico. A cidade mantinha contato direto com o porto de Itajaí através do rio Itajaí-Açú e da Estrada de Ferro Santa Catarina (EFSC). Essas duas vias facilitava em muito o escoamento da produção.

Essa estrada de ferro foi planejada em 1907 na cidade de Berlim pela Sociedade Colonizadora Hanseática, com o apoio de bancos e outros investidores (GOULARTI FILHO, 2013). Ligando primeiramente Blumenau à localidade de Warnow em Indaial, a estrada inaugurada em 1907 com o tempo passou a atingir mais cidades. No seu ápice a estrada vinha de braço de trombudo, indo até o porto de Itajaí.

Sendo assim, aproveitando-se de conjunturas econômicas e também de vantagens geográficas, as indústrias blumenauenses tiveram o cenário ideal para sua constituição e consolidação.

O terceiro período, já compreendendo um período marcado pela eclosão da segunda guerra mundial, marca o terceiro período de industrialização de Blumenau, que continua recebendo imigrantes vindos da Alemanha. Nessa época a cidade de Blumenau chega inclusive a ganhar o título de polo têxtil nacional, dada a magnitude alcançada pelas iniciativas industriais dos períodos anteriores, que consolidavam-se cada vez mais.

Os quatro estabelecimentos têxteis de mais de 500 operários têm, além de tecelagem ou da malharia, suas próprias fiações e tinturarias, e outros anexos como marcenarias e oficinas mecânicas capazes de construir os teares de que necessitam. “Kuehnrich” (Teka), com 319 operários, pode ser assimilado a este grupo. Os outros estabelecimentos têxteis que tem entre 100 e 500 operários, como Haco, Sulfabril, Malharia Blumenau (Mafisa) e Karsten não possuem fiações, mas a Malharia Blumenau recebia antigamente o fio de algodão da fiação Hering, do mesmo grupo familiar; Sulfabril é muito recente e Haco tem não somente sua tecelagem e sua tinturaria, mas fábrica também, na sua oficina mecânica, seus próprios teares e, na sua marcenaria, suas próprias lançadeiras (MAMIGONIAN, 1965, p. 101).

Entretanto, um decréscimo populacional observa-se nesse período. Em 1920 foram registrados 72.213 habitantes, passando para 48.108 habitantes em 1950. Essa diminuição populacional explica-se pelas medidas nacionalistas tomadas pelo governo Getúlio Vargas que temia ofensivas militares por parte da Alemanha e temia a força política e econômica que as colônias alemãs ganhavam.

O Exército e a polícia imiscuíram-se nas fábricas, impedindo indústrias de origem alemã ou italiana de dirigirem negócios tidos como sustentáculos da economia no Sul do Brasil, como ocorreu com os donos da Cia. Hering, Cremer, Teka (...), Haco, entre tantas outras. Esta ingerência, verificada em Blumenau como em outras cidades do estado, em muitos casos, desarticulou o empresariado (PETRY; FERREIRA; WEISS, 2000, p. 182).

Uma série de desmembramentos ocorre no território blumenauense, fazendo nascerem os pequenos municípios vizinhos que circundam a cidade (Indaial, Pomerode, Ibirama, etc.). Essa medida faz com que a cidade de Blumenau ganhe uma forte identidade urbana-industrial, uma vez que nas áreas desmembradas a agricultura ainda era a prática econômica dominante.

Apesar disso, os habitantes desses pequenos municípios, além de trabalharem em suas propriedades, vinham diariamente para Blumenau e trabalhavam nas indústrias, ganhando assim a alcunha de “colonos-operários” (HERING, 1987). Como havia essa circulação diária para Blumenau, a cidade ganha uma importância também com a concentração de comércio e serviços, ganhando a posição de cidade central na região.

O crescimento da população blumenauense também não parou de crescer, apesar da brusca mudança com os desmembramentos municipais. Em 1960 o número chegava em 66.700 habitantes, saltando para cerca de 100.000 habitantes em 1970. Com isso as iniciativas industriais também não pararam de surgir.

A “Sulfabril”, fundada em 1947 por Paulo Fritzche e Maurício da Graça. Ambos fizeram parte do quadro de funcionários de uma fábrica de camisetas, o que deu a ideia de abrirem uma fábrica própria confeccionando camisetas de tricoline e artigos em malha. Contando inicialmente com 23 funcionários e quatro máquinas de costura, aumentando para nove máquinas mais um tear para produção de malha pouco tempo depois.

A “Dudalina”, surgida nesse período, parte de uma iniciativa familiar. Fundada pelo casal Rodolfo Souza e Adelina Hess de Souza, quando esta herda de seu pai um comércio de secos e molhados. Esse comércio abriu a oportunidade para a compra de uma loja de tecidos, que com a técnica aprendida por Adelina em cursos de corte e

costura, logo passam a produzir camisas. Com a venda destas, mais duas costureiras são contratadas. Apesar da Dudalina não ter nascido em Blumenau, foi transferida para esta cidade assim que o negócio começou a frutificar, em 1968.

A “Cristais Hering”, fundada por Alice Hering, após esta ter conhecido uma fábrica de cristais na cidade de Ortel, que fica na Alemanha, no estado da Baviera. Utilizou como investimento o capital adquirido através da indústria de seu marido, a “Gaitas Hering”, mas também de empréstimos bancários.

As indústrias surgidas em períodos anteriores da industrialização blumenauense, passam por fases de expansão e verticalização. A Cia. Hering, por exemplo, adquire uma malharia em São Paulo em 1943, expandindo sua produção. A Cremer seguindo o mesmo rumo, decide abrir um escritório de vendas em território paulista, passando também a diversificar sua atuação ao fabricar felpudos (toalhas). A Etiquetas Haco também decide expandir, mas sem sair do estado, ao abrir filial em Joinville.

Essas indústrias, sem dúvidas, beneficiaram-se de políticas econômicas nacionais dos anos 50 e 60. Com o Plano de Metas “a produção industrial cresceu ao ritmo de 11,2% ao ano, em 1957-62” (RANGEL, 1985, p. 36). Chegou a haver inclusive abertura para indústrias automobilísticas, elétricas e químicas, mas esse período de avanço logo seria sentenciado durante o governo de Juscelino Kubitschek (ESPÍNDOLA, 1999).

Com o Golpe Militar de 1964, um Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) foi instaurado, objetivando o corte de gastos públicos, contenção de crédito, arrocho salarial e aumento de impostos.

De fato, o que houve foi que, no período de 1967-73, o Brasil viveu uma conjuntura extremamente favorável, resultante da coincidência da fase ‘a’ do ciclo endógeno com etapa final da mesma fase ‘a’ do 4º Ciclo Longo. Onde a correção monetária - tal como a instrução 70, do Ciclo Breve anterior - fora a peça-chave das inovações institucionais que precedem a abertura dos juglarianos brasileiros”. (...) A taxa de inflação caiu de 88,4% em 1963 para 15% em 1971, enquanto, no mesmo período, o índice de crescimento industrial passava de 0,2% para 12% (RANGEL, 1985, p. 47-48).

Um segundo plano, por sua vez, é instaurado em 1975 durante o governo de Ernesto Geisel, dessa vez chamado de Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), dessa vez dando a devida atenção com o desenvolvimento nos setores de base e abrindo novas possibilidades para exportação. Em Santa Catarina desenrolava-se o governo de Irineu Bornhausen, que através do Plano de Obras e Equipamentos (POE) buscava

recursos públicos para obras de infraestrutura geral. Ligações entre o oeste e o litoral também eram cada vez almejada (ESPÍNDOLA, 1999).

Dessa forma o governo estadual vê a oportunidade de desenvolver a iniciativa privada dentro do contexto do II PND. É lançado em 1975, o Programa Especial de Apoio à Capitalização de Empresas (PROCAPE), subsidiado por recursos do orçamento público estadual almejando a instalação de unidades industriais mais modernas. O PROCAPE basicamente comprava ações da empresa, dando a ela um prazo de cinco anos para recomprá-las (ESPÍNDOLA, 1999).

A agricultura nesse período também passa por um processo de modernização dando o prosseguimento para programas de pesquisa, extensão e assistência técnicas rurais, com organismos mais modernos e aperfeiçoados, e também dando continuidade a programas de distribuição de energia elétrica pelo Estado, com foco em áreas rurais (Relatório Secretaria da Fazenda apud ESPÍNDOLA, 1999).

Assim sendo, as empresas blumenauenses entraram num processo de diversificação e expansão, objetivando novos mercados e potencializando seu processo de acumulação. Enquanto algumas expandiram dentro do próprio setor, outras alçaram novos horizontes, em setores diferentes dos habituais (BRITTO, 2002).

Conclui-se então que as indústrias blumenauenses passaram por duas fases distintas, a primeira de surgimento e inovação e a segunda de integração ao mercado nacional. Essas duas fases de industrialização foram responsáveis por originar e promover uma urbanização no município, outrora restrito apenas à atividade rural e pequena produção mercantilista, uma vez que, a urbanização é a “forma sócio-espacial de realização do ciclo de exploração da grande cidade sobre o campo” (Corrêa, 1989, p. 53).

1.5.A dinâmica da economia blumenauense: avanços e recuos

A década de 80 ficou popularmente conhecida na América Latina como “a década perdida”. A economia brasileira mostrava indícios de uma crise, uma crise que ocorria durante o encontro do ciclo médio brasileiro com a fase depressiva do ciclo longo (fase b do 4º ciclo longo). A taxa de crescimento do PIB estava baixa, enquanto a inflação apresentava alta. As medidas ditadas pelo FMI, que visava o pagamento da dívida externa e redução da inflação não impulsionavam o crescimento do PIB.

As taxas de crescimento da indústria brasileira decaíram de 8% ao ano, em 1980, para -6,1% ao ano, em 1983. Entre os anos de 1980 e de 1989, o PIB brasileiro cresceu em média 3% e as exportações alcançaram a marca de US\$ 25,4 bilhões em média, com um saldo da balança comercial de US\$ 8,6 bilhões (ESPINDOLA, 2002).

Entretanto, a economia em Santa Catarina apresentava sinais de crescimento pois nos anos de 1980, o PIB catarinense crescia em média 5,3% e o do Brasil 2,3%. Entre 1980 e 1990, as exportações catarinenses cresceram de US\$ 858,1 milhões para 1,4 bilhão de dólares, enquanto o Brasil subiu de US\$ 20,1 bilhões para US\$ 34,3 bilhões, no mesmo período (ESPINDOLA, 2002).

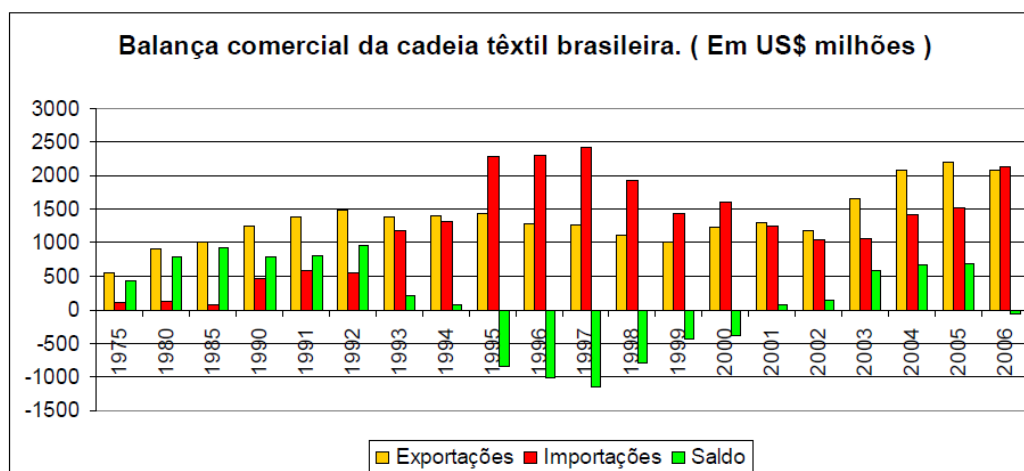
Enquanto a década de 80 desenrolava-se, as indústrias Blumenauenses puderam dar continuidade no seu processo de expansão e diversificação. Essas indústrias foram as responsáveis por ampliar a cadeia produtiva, fazendo com que surgissem em toda a região inúmeras pequenas e médias empresas de serigrafia, bordadeiras, estamparias e fábricas domiciliares (GOULARTI FILHO, 1997).

Já com o fim da década de 1980 e início da década de 1990, o setor têxtil Blumenauense e outras indústrias estavam prestes a receber um duro golpe, fruto de medidas econômicas neoliberais e a abertura comercial. O Plano Collor e o Plano Real, com o objetivo de estabilizar e valorizar a moeda, juntamente com a abertura comercial, fez com que os produtos nacionais se desvalorizassem.

A sobrevalorização do real sem dúvida acentuou a deflação dos preços industriais ao baratear ainda mais os produtos importados. O que fez a alegria dos consumidores, mas agravou as dificuldades dos produtos nacionais. Ao mesmo tempo, estimulou o aumento das importações e a redução das exportações (SINGER, 1999).

Observa-se, portanto, que com a abertura comercial, as indústrias nacionais passaram a sofrer com a entrada dos produtos importados. Com a indústria têxtil não foi diferente. Esta apresentava superávit até 1994, ano de implantação do Plano Real. Nos anos seguintes, o déficit na balança acabou prevalecendo (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Balança Comercial Da Cadeia Têxtil Brasileira



Fonte: RAULINO, 2008

Como já verificado, além da invasão dos produtos estrangeiros no mercado nacional, os produtos nacionais perderam espaço no cenário das exportações. Nesse quadro a indústria têxtil blumenauense foi uma das mais prejudicadas, e as consequências desse período ainda não foram superadas por muitas delas.

A Hering que em 1986 empregava 12.500 funcionários, atualmente emprega apenas 4.000; a Artex, no mesmo período passou de 5.000 para 1.700; (...) a Cremer, de 2.400 para 1.200; e a Sulfabril, de 4.700 funcionários em 1986, passou para 1.300 em 2000. (...) No período de 1992 a 1999 foram demitidos, sem novas contratações, 11.348 funcionários (GOULARTI FILHO, 2002 p. 349).

Algumas empresas não conseguiram absorver o impacto desse período e entraram em processo falimentar, como, por exemplo, a Sulfabril, que inclusive teve a família fundadora afastada do comando da empresa. Outras também foram compradas por empresas forâneas, como, por exemplo, a Artex que foi comprada pela Coteminas. Unidades que essas indústrias abriram em estados do sul, sudeste e nordeste foram desativadas.

Neste cenário, as empresas têxteis de Blumenau que conseguiram permanecer no mercado, tiveram que buscar estratégias para amortecer o efeito dessas políticas econômicas. Um intenso processo de reestruturação produtiva, tendo como objetivos a racionalização dos custos e reorganização da produção, terceirizando algumas partes do processo de produção ajudou neste processo, mas mudou o estilo das indústrias. Conforme observado por Bielschowsky (2009, p. 18)

Começa então a prática das modalidades de desverticalização das empresas, com os processos de subcontratação e de terceirização. Inúmeras pequenas e médias empresas são resultado destes processos, modificando a característica industrial local e da conformação da própria cidade de Blumenau, tornando mais complexas as relações entre as funções urbanas.

Toda a estrutura familiar e a vida da população blumenauense foram prejudicadas com esse processo, como bem aponta Bielschowsky (2009, p. 19)

Se antigamente, havia um processo de dedicação do funcionário e de sua família à empresa que o empregava e lhe fornecia inúmeros benefícios, hoje temos um quadro totalmente diferente, onde o funcionário recebe benefícios menores, não tem estabilidade garantida em seu emprego e muito menos perspectiva de crescimento na empresa. Isso acarreta em mão-de-obra menos qualificada com funcionários desmotivados, insatisfeitos e com baixa auto-estima.[...] As empresas tradicionais acabaram com uma longa tradição da família têxtil, que suas antigas gerações construíram, demitindo funcionários capacitados em detrimento da reestruturação proposta, quebrando a lógica de acumulação.

A onda de desempregos que essa conjuntura econômica criou (Tabela 2), juntamente com a demanda por empresas terceirizadas para suprir um processo produtivo desverticalizado, contribuiu para o surgimento de diversas empresas menores para atender às grandes empresas têxteis.

Tabela 2: Principais Indicadores do Setor Têxtil Brasileiro (1990-1996)

INDICADOR	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Qtde. Empresas	4.398	4.853	4.584	4.436	4.470	4.103	3.817
Empregados (mil)	809	703	521	483	501	436	356
Fios (1000 t)	1.224	1.233	1.354	1.394	1.377	1.155	1.021
Tecidos (1000 t)	814	842	949	1.003	1.042	839	850
Malhas (t)	371	358	405	453	457	414	407
Var. produtividade a.a. (%)	1,6	1,4	1,0	4,7	5,2	5,4	17,7

Exportações (US\$ 10 milhões)	1.246	1.382	1.491	1.382	1.403	1.441	1.200
Importações (US\$ 10 milhões)	463	569	535	1.175	1.323	2.286	2.300
Saldo EXP – IMP (US\$ 10 milhões)	783	813	956	207	80	(845)	(1.100)

Fonte: CNI – SENAI, 1997.

Toda a organização urbana e regional foi afetada pelo surgimento dessas pequenas empresas têxteis. Ocorreu, com isto, uma desconcentração industrial a nível regional, e uma conseqüente descentralização. As pequenas cidades próximas passaram a abrigar mais dessas pequenas empresas terceirizadas.

Cidades como Indaial, Timbó, Pomerode e Gaspar ganharam importância devido ao surgimento de um número maior de novas empresas menores nos arredores de Blumenau. Acurra, Benedito Novo, Rodeio e Guabiruba tornaram-se grandes fornecedores de mão-de-obra. Brusque voltou-se para o comércio alternativo, com pequenas e microempresas do setor vestuarista, e tornando-se nacionalmente famosa por seus outlets centers. Outra região que cresceu devido a esse tipo de comércio, foi a da BR-470, no trecho entre Blumenau e Indaial, uma região de fácil escoamento da produção, fora do alcance das cheias e com grande potencial para abrigar novas indústrias, como já vem ocorrendo nos últimos anos (SIEBERT apud BIELSCHOWSKY, 2009, p. 20).

Contudo, a economia Blumenauense pode almejar novamente um crescimento através de um ramo que teve as indústrias têxteis como sua principal financiadora, as empresas de informática.

Em 1969 as indústrias têxteis, na necessidade de se obter uma espécie de suporte para suas indústrias, criam o Centro Eletrônico da Indústria Têxtil (CETIL). Os primeiros foram Ingo Greuel e Décio Salles, que também ajudaram a abrir o primeiro curso de processamento de dados da Universidade Regional de Blumenau (FURB). A CETIL teve um crescimento significativo, passando logo a prestar atendimento para empresas de fora de Blumenau.

Num primeiro momento, a CETIL concentrava-se na produção de *software* horizontal, tais como os de processamento de texto, nos

voltados para a automação de escritórios, principalmente aqueles de contabilidade e de recursos humanos, e também para comerciários. (WENNING, 2014, p.40)

Em 1990 a empresa passa a atuar também promovendo soluções para problemas de gestão pública. Os primeiros técnicos formados pela CETIL adquiriram as técnicas para abrirem suas próprias empresas de informática, disseminando o ramo pelo município, fazendo com que Blumenau ganhasse a alcunha de “Vale do *Software*”.

A consolidação desses novos empreendimentos contou com um “ambiente” propício em nível local. Em primeiro lugar, a disponibilidade de uma mão de obra qualificada, relativamente barata e altamente produtiva. Por outro lado um “clima cooperativo” entre empresas, que facilitou significativamente a vida das novas empresas, gerando vantagens de aprendizagem tecnológica e economias de escala no desenvolvimento e comercialização dos *software*. (BERCOVICH; SCHWANKE, 2003, p. 10)

Nesse cenário em se externava os conhecimentos acumulados dentro da CETIL, o poder público volta sua atenção para o crescente setor de informática, culminando na fundação da Blusoft, em 1992, com o apoio da Prefeitura Municipal de Blumenau. Visava a articulação dos empresários com as instituições de apoio, no que diz respeito ao planejamento, implementação e gerenciamento de atividades.⁷ Demonstrava também a preocupação do setor privado em manter um nível de competitividade frente à abertura de mercado dos anos 90.

De fato a indústria blumenauense de *software* conseguiu marcos significativos. Em 1985, uma empresa blumenauense chamada WK sistemas lançou o primeiro *software*-pacote brasileiro. Outra empresa chegou a desenvolver o *software* de processamento de texto mais disseminado no Brasil, denominado “Fácil”, que apenas caiu em desuso após a *Microsoft* lançar o Sistema Operacional *Windows* e um pacote de *softwares* associados a ele, como o *Microsoft Word*.

Quase sem exceção, o fim da reserva do mercado de informática (final dos anos oitenta) é percebida pelas empresas como um fator que favoreceu enormemente sua expansão, ao permitir baixar os custos dos insumos tecnológicos e dos equipamentos e, principalmente, porque acelerou a difusão da informática na economia brasileira, ampliando-se assim o mercado para os produtos de *software*. (BERCOVICH; SCHWANKE, 2003, p. 15)

A maior disseminação em termos numéricos dessas empresas de *softwares* foi na segunda metade da década de 1990 (BERCOVICH; SCHWANKE, 2003). Em 1993 o ramo da informática já empregava 1597 pessoas com um número total de 227 empresas. Atualmente essas empresas detêm 53% do mercado catarinense e 30% dos

⁷Fonte: <http://www.blusoft.org.br/novo/blusoft> - acessado em 23/08/2015

negócios do sul do país. Números recentes denotam que a cidade concentra 5% das “*software houses*” do país todo, faturando um total de 2,5% do setor.

Em 2010, o número de empresas de informática em Blumenau atinge cerca de 500. Somadas, todas essas empresas correspondem à 53% do mercado catarinense e 30% dos negócios no sul do país.⁸ Dados da Blusoft apontam que existam na cidade mais empresas relacionadas à informática do que padarias.

Algumas características das empresas blumenauenses que garantem a elas uma competitividade a nível nacional e internacional, é a constante atualização dos produtos, suporte técnico, especificidade dos sistemas e o preço do produto. Já as desvantagens são o baixo marketing e a consolidação dos produtos estrangeiros como portadores de uma qualidade maior (BERCOVICH; SCHWANKE, 2003).

Em 2003, apesar da mudança de governo, o PIB apresenta uma queda de 0,22% e outros agravantes como redução da renda média, desemprego, etc. O presidente Lula acabou por manter alguns pontos da política econômica herdada dos governos anteriores, como, por exemplo, as metas de inflação, metas de superávit primário e utilização do mecanismo de câmbio flutuante. Entretanto houve aumento das exportações em 21,1% e um saldo comercial de US\$ 24,9 bilhões (ESPÍNDOLA, 2013).

As exportações catarinenses subiram de US\$ 3,7 milhões para US\$ 9,0 milhões e as importações passaram de US\$ 993 mil para US\$ 14,8 milhões, no período de 2003 à 2011. Além das exportações de produtos manufaturados, que ainda constituem a maioria, os produtos básicos vêm ganhando espaço e crescendo significativamente.

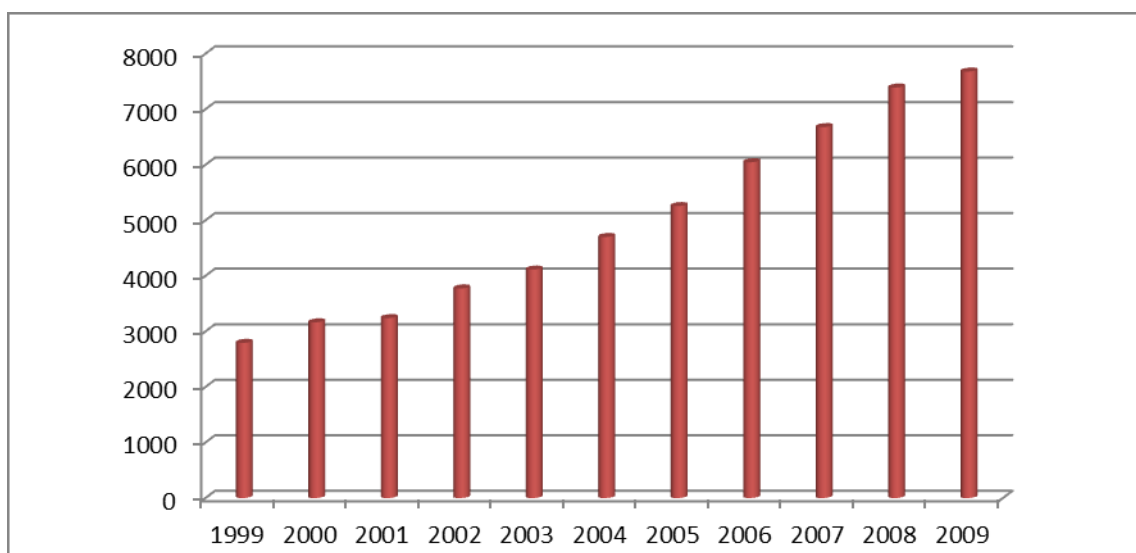
Entretanto, dados mais recentes têm demonstrado um agravante, “uma perigosa deterioração das relações comerciais de Santa Catarina com o mundo” (MAMIGONIAN, 2011, p.464). A participação das exportações catarinenses no total das exportações brasileiras, que era de 5,1% em 2001 (5º maior exportador brasileiro), reduziu para 3,54% em 2011 (10ª posição no ranking dos estados exportadores). Tal desempenho tem afetado a evolução do PIB, pois, a partir de 2006, as taxas de crescimento catarinense foram menores do que a brasileira. Nos três últimos anos, 2008, 2009 e 2010, os percentuais de Santa Catarina foram 22,4%; 22,1% e 28,2%, respectivamente, em relação ao valor de 2002. Enquanto os valores acrescidos, em

⁸Fonte: <http://www.cetil.com.br/historia/> - acessado em 20/08/2015.

termos relativos, do Brasil foram 26,5%; 26,1% e 34,7%, respectivamente (FEPESSE, 2012).

Contudo, o PIB de Blumenau (áfico 3) apresenta aumento. De 5.516.256 em 2005, passa para 10.197.251 mil reais em 2011. Outros dados também apresentam aumento, como por exemplo, o número de indústrias que de 1.990 em 2006, passa para 2.167 em 2013; o número de comércio passa de 3.548 para 3.962 em 2013; e o total de estabelecimentos de serviços que em 2006 somava 3.314 passa para 4.464 em 2013⁹.

áfico 3: Evolução do PIB no município de Blumenau entre 1999 e 2009 em milhões reais (R\$).



Fonte: SEBRAE
Elaboração: autora

Conclui-se, a partir de então, que as atividades econômicas em Blumenau retratam essa herança industrial germânica da tradição da indústria têxtil, que passou a subsidiar o setor de tecnologia com a chamada “indústria do software”. Permanecem em funcionamento, ainda que de modo mais tímido, indústrias alternativas no segmento de cristais (Cristallerie Strauss, Cristal Blumenau), metalúrgia (Altona) e Equipamentos Elétricos (Weg).

Contudo, devido às influências turísticas e culturais, principalmente herdadas da *Oktoberfest*, o setor cervejeiro também ganha força através de cervejarias artesanais como a Eisenbahn, Bierland, Wunder Bier e Zehn Bier. Além disso, Blumenau

⁹ Dados da FIESC

promove o Festival Nacional da Cerveja, e recentemente ganhou o título de capital nacional da cerveja.

2.ROCESSO DE URBANIZAÇÃO E EXPANSÃO URBANA DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU:A ORIGEM DAS CENTRALIDADES

2.1.O processo de urbanização

A urbanização é um processo que vem gerando profundas transformações no espaço, alterações nas paisagens pelo mundo todo e, sobretudo, alterando o estilo de vida da população em geral. No Brasil, esse processo ganha força na segunda metade do século XX com o avanço da industrialização, onde 50% da população brasileira já residiam em espaços urbanizados. Isso muda o perfil do país, antes agrário exportador, para urbano industrial. A população atualmente conta com cerca de 192.242.462 habitantes, sendo que destes 84,9% vivem na cidade e os outros 15,1% permanecem morando em áreas rurais.

Mamigonian (1982) define como um marco da urbanização brasileira, o momento em que os fazendeiros de café passam a ocupar a cidade de São Paulo, a partir de 1920. Entretanto é em 1930 que esse processo ganha força com a política de substituição de importações, favorecendo o surgimento de indústria e trazendo para a cidade mão-de-obra das áreas rurais. Entre 1940 e 1970 a urbanização brasileira passa de 31,2% para 55,9% (IBGE, 2000).

Entretanto o processo de urbanização não foi uniforme, desenvolvendo-se em ritmos diferenciados de acordo com a região do país, uma vez que a industrialização deu-se de maneiras muito diferenciadas de acordo com conjunturas sociogeográficas. Em 1996, enquanto no centro-oeste 84,42% da população era urbana, o sudeste apresentava 89,29%, o sul 77,2% e o nordeste 65,21% (SANTOS E SILVEIRA, 2001). Na região Sul, enquanto Santa Catarina apresentava em 1970 um grau de urbanização de 43%, o Paraná apresentava 36%. Nos anos de 1980 Santa Catarina apresentava 59% e o Paraná 58%. Já na década seguinte o Paraná apresentou 73% enquanto Santa Catarina registra 71% de urbanização (MOURA E SANTOS, 2011).

Com o município de Blumenau não foi diferente. O avanço populacional dos anos iniciais da época da colônia era causado pela insatisfação de certos alemães com a

situação de seu país que procuravam na América uma situação de vida melhor. O próprio Dr. Blumenau sabia da importância de aumentar a densidade demográfica na colônia, fazendo com que este fosse repetidas vezes na Alemanha atrás de mais imigrantes.

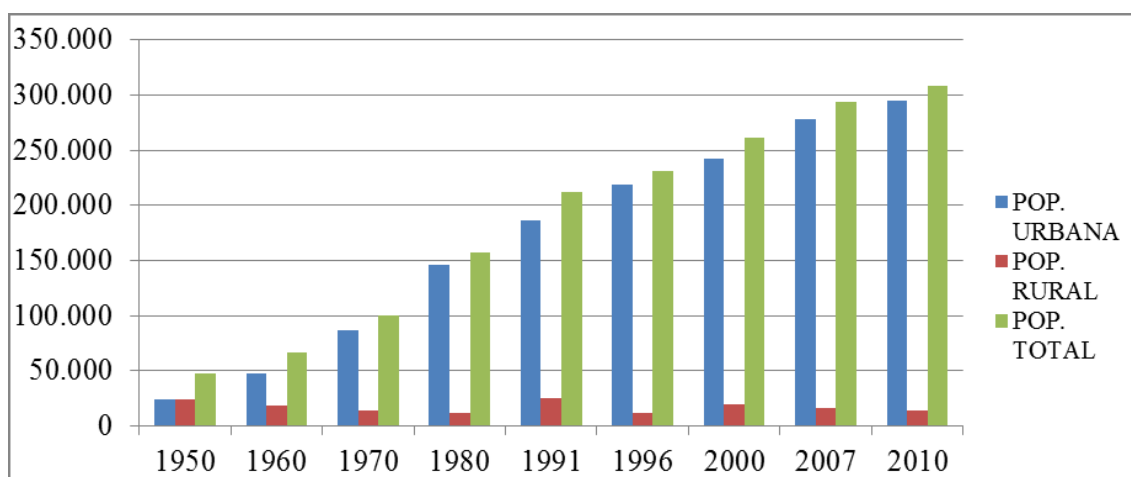
Entretanto, é a partir da segunda fase da industrialização, quando a economia blumenauense integra-se ao mercado nacional (SINGER, 1986), que a população blumenauense experimenta um verdadeiro salto.

O processo de industrialização tem sido considerado como um poderoso motor de urbanização, no sentido de que é gerador de concentrações de população trabalhadora num mesmo local, o que promove a implantação de novas estruturas sócio-econômicas entre os grupos humanos, associada a uma nova e crescente estruturação do espaço; uma dicotomia nítida entre cidade e campo, determinando também novas formas do 'habitat', novos padrões de circulação e de transporte; o que se associa a novos estilos de vida e novos comportamentos sociais, a novas exigências de mercado tanto no que diz respeito aos bens quanto ao trabalho; e, finalmente, [...] a novas exigências nos níveis de eficiência das atividades sócio-econômicas (QUEIRÓZ, 1978, p. 42).

O aumento mais significativo encontra-se em 1970, não fugindo à regra nacional, quando a população passa de 100.275 para 157.258 em 1980, e depois 211.862 em 1991¹⁰. Esses números fracionados em população urbana e rural mostram que, enquanto 13,7% da população era rural na década de 70, o número reduz para 12,1% na década de 90. O aumento não se expressa em números maiores devido ao Código de Zoneamento de 1977, que incorpora uma área rural maior ao município.

¹⁰ IBGE

Gráfico 4: POPULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BLUMENAU 1950 – 2010



Fonte: IBGE

O último censo do IBGE realizado em 2010 apontou uma população de 309.011 habitantes, mostrando um aumento de 46% em relação ao censo de 1991 que apontava uma população de 211.835 habitantes (

Gráfico 4). Inicialmente possui uma área total de 10.000 quilômetros quadrados, mas atualmente não passa de uma área total de 519,8 quilômetros quadrados, sendo que destes, 206,8 km² (39,8%) são de área urbana e 313,0 km² (60,2%) são de área rural.

Desde os primórdios, a estrutura natural física do município apresentou obstáculos para o crescimento deste. Blumenau possui uma topografia muito acidentada e uma hidrografia também muito extensa, abrigando duas bacias hidrográficas. A própria cidade em si é cortada pelo imenso rio Itajaí-Açú, dividindo-a em regiões norte

e sul, nesse sentido as pontes serão estruturas fundamentais para integração do território municipal.

A conformação e distribuição dos lotes coloniais influencia até hoje o desenho urbano da cidade. Como exemplo, temos os loteamentos que tendem a ter uma única rua, em linha reta, traçada perpendicularmente às curvas de nível, no sentido do comprimento da gleba, sem saída e sem ligação com os loteamentos vizinhos (MORETTI, 2006, p. 52).

A sede da colônia (*Stadtplatz*) pode ser considerada como um marco inicial do desenvolvimento urbano. A sede foi implantada no último trecho d rio Itajaí-Açú navegável de canoa. Ali foi construída a casa do Dr. Blumenau, foi traçada a primeira rua, a *Boulevard Wendenburg* (atual Alameda Duque de Caxias) e na parte mais alta da rua, a primeira igreja de confissão Evangélica Protestante. Conforme mais imigrantes fossem chegando, mais o crescimento da cidade direcionava-se para áreas mais periféricas.

Ao longo desse processo Blumenau consolida-se sua importância e influência, causada pela dimensão e importância que sua industrialização alcançou. De fato essa influência não se restringiu aos limites municipais. Para Pompílio (1987, p. 27-28)

Blumenau, centro regional de grande importância no Estado, estende seu *hinterland* pelo Vale do Itajaí, tradicional região de colônias agrícolas, povoadas por elementos europeus, principalmente de etnia alemã. A região caracteriza-se, atualmente, por vida urbana regional bastante densa onde emergem diversas localidades centrais. A área comandada por Blumenau limita-se a leste pela influência de Itajaí, a norte e a noroeste pela de Joinville e a oeste e sudoeste pelas áreas influenciadas por Criciúma e Tubarão.

De fato, essa a atividade capitalista exerce papel principal na consolidação de um município como uma localidade central. Segundo Corrêa (1989, p. 21)

Com o capitalismo, o processo de diferenciação de cidades se acentua, aí incluindo-se a hierarquização urbana: a criação de um mercado consumidor, a partir da expropriação dos meios de produção e de vida de enorme parcela da população, e a industrialização levam à expansão da oferta de produtos industriais e de serviços. Esta oferta, por sua vez, se verifica de modo espacialmente desigual, instaurando-se então a hierarquia das cidades. Esta, por sua vez, suscita ações desiguais por parte dos capitalistas e do Estado (...).

Mamigonian (1965) também destaca o fato da coesão étnica que havia regionalmente, devido à maioria dos imigrantes terem origem alemã e o alemão ter sido o único idioma falado até 1935. Esse cenário muda com a eclosão da segunda guerra mundial, e a série de desmembramentos territoriais que Blumenau sofre. Essa medida, embora com o intuito de enfraquecimento político, fez com que Blumenau continuasse a exercer influência sobre as áreas desmembradas, que por estarem distantes do centro da

colônia (*Stadtplatz*), tinham caráter agrícola, mas dependiam da indústria como complementação de renda, enquanto esta dependia da mão-de-obra oriunda do setor agrícola.

A primeira fase da urbanização blumenauense tem como marco inicial a elevação da colônia à categoria de município, através da Lei nº 860 de 4 de fevereiro de 1880¹¹. Antes a área da colônia pertencia ao município de Itajaí. Nessa época também foram anexados à área administrativa de Blumenau diversos outros distritos, que formaram mais tarde pequeno municípios, como Timbó, Massaranduba, Ascurra, Rodeio, etc.

Como registro cartográfico que ilustra melhor o estágio de desenvolvimento urbano da época está uma planta dos lotes coloniais feito por José Deeke em 1900, com escala de 1:10 000 (SIEBERT, 1999). Nela estão destacados os cursos de rio e elevações do terreno, e os lotes coloniais aparecem bem divididos, circuncidando esses caracteres físicos.

A cidade de colonização alemã, ao contrário das de colonização portuguesa, mais comuns no Brasil, elege como área central uma rua principal de cunho comercial. No caso da cidade de Blumenau, essa rua foi traçada acidentalmente através de uma picada aberta para perseguir uma vaca desgarrada. Surge então a rua da Linguíça (*Wurstrasse*), modificando o nome para o atual rua XV de novembro, numa homenagem à proclamação da república. A rua ganha esse nome devido ao seu traçado sinuoso com muitas curvas, dada as condições de seu surgimento.

Em 1902, a rua XV de novembro, constituída como centro da cidade, passa por sua primeira intervenção urbanística: uma tentativa de retificação para a circulação de automóveis que viria a acontecer no ano seguinte. Para Siebert (1999, p. 63), “a disseminação do uso de veículos motorizados, que permitiam o desenvolvimento de maiores velocidades, levou aos poucos à retificação dos antigos caminhos coloniais e à abertura de vias mais retilíneas”.

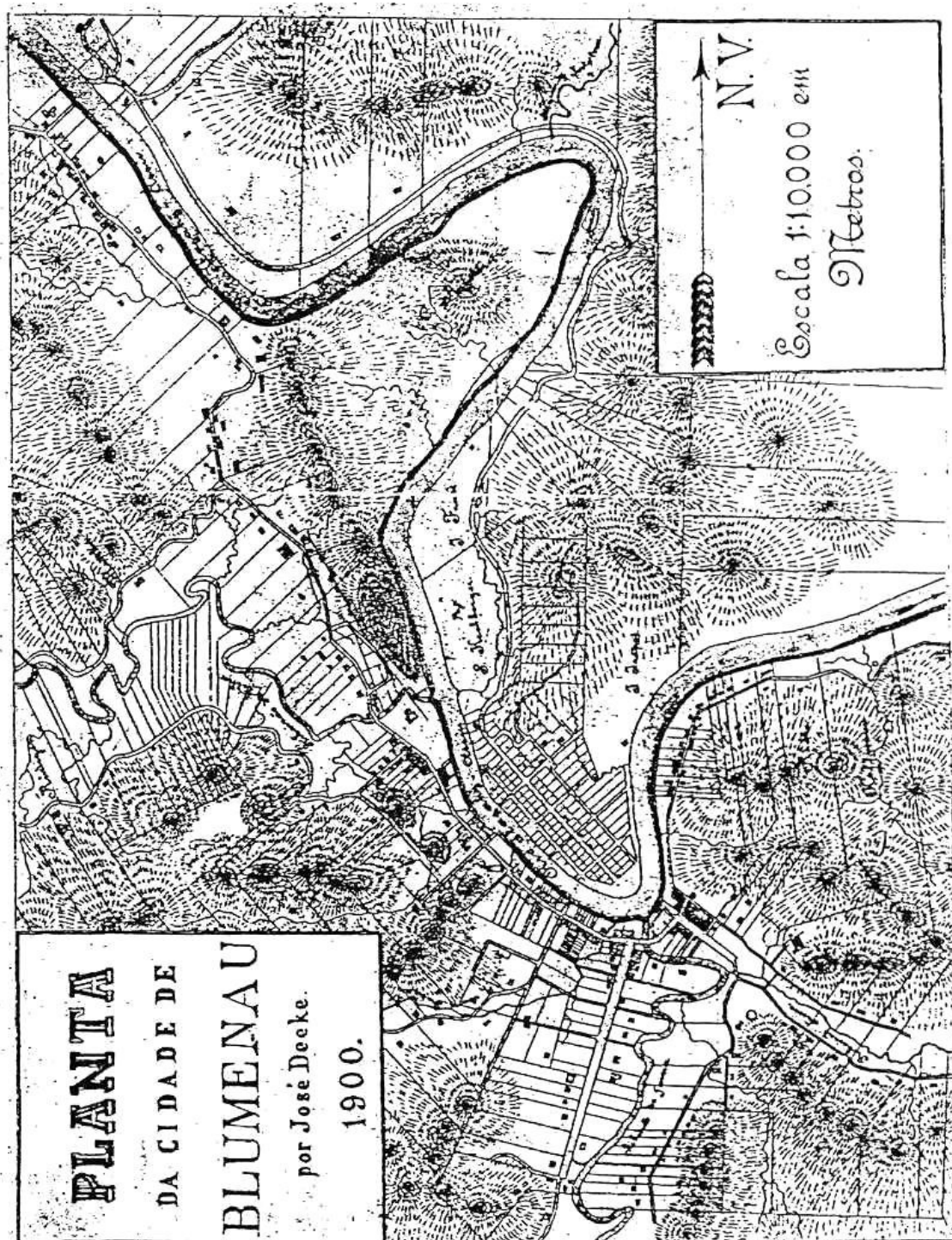
Na rua XV de novembro já fazia parte da paisagem urbana a casa comercial de Paul Husadel (atualmente ainda em funcionamento com o nome de Ótica Husadel) e o Hotel Holetz (atual Grande Hotel). Outro prédio de importância é o da Maternidade

¹¹ <http://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/historia>

Johannastif, fundado pela comunidade evangélica, que atualmente abriga a Câmara dos Dirigentes Logistas (CDL) de Blumenau.

Observando ainda a planta da colônia (figura 8), pode-se notar já a existências de caminhos que se tornarão futuramente vias de importante acesso. Na margem direita, próximo à rua XV de novembro, já aparecem os traçados das ruas Floriano Peixoto, São Paulo e João Pessoa (mostrando um direcionamento de crescimento que seguia o ribeirão da Velha). A atual Alameda Duque de Caxias, onde se situava a residência de Dr. Blumenau, apresenta-se mais larga, denotando a importância que esta estava ganhando. Na margem esquerda do rio, onde atualmente situa-se o bairro mais próximo do centro, a Ponta Aguda (*Scharf Eck*), pode-se observar os traçados das ruas Uruguai, rua Brasil e rua Paraguai, mostrando uma ligação mais longínqua com a futura rua Das Missões e rua dois de setembro, dando pistas do futuro surgimento do bairro da Itoupava Norte, que abrigou a Indústria “Teka”.

Figura 8: Planta da cidade de Blumenau em 1900



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Nesse sentido, a cidade pode desenvolver-se para a outra margem do rio com o auxílio de duas pontes construídas nesta fase. A primeira ponte construída foi a Ponte Lauro Müller (Ponte do Salto), entre os bairros do Salto e Salto do Norte. Com 200 metros de comprimento, todo o processo de construção durou cerca de dezessete anos, iniciando-se em 1896 com o erguimento dos pilares de granito, até a chegada da estrutura de ferro em 1912, fabricada na Alemanha. A inauguração ocorreu em 29 de

junho de 1913. A segunda ponte construída foi a Ponte Aldo Pereira de Andrade, conhecida popularmente como “A Ponte da Estrada de Ferro” (ou Ponte de Ferro) no bairro Centro. Esta servia de travessia sobre o Rio Itajaí-Açú para a ferrovia que ligava Blumenau à Itajaí. Teve sua construção iniciada em 1929, também com material importado da Alemanha.

Nessa fase de desenvolvimento urbano também há a inserção de energia elétrica, com a inauguração da Usina do Salto, em 1905, e da Usina do Gaspar Alto, em 1909. A partir de 1908, a cidade já passa a contar com uma iluminação pública.

A energia elétrica e a energia a vapor substituíram a energia humana e hidráulica na produção industrial. Esta transição possibilitou o aumento da produtividade da indústria, contribuindo também para liberar as empresas de condicionamentos locais, uma vez que não eram mais obrigadas a necessariamente se instalar junto a quedas d'água, como haviam feito a Hering, a Garcia e a Karsten (SIEBERT, 1999, p. 69).

A partir de 1939, a cidade começa a tomar uma dimensão diferente. Essa fase é marcada pelo Código de Construções, a primeira legislação com o intuito de direcionar e controlar o avanço urbano. Observa-se que na época, devido à precoce urbanização, preocupações com segurança, higiene, tranquilidade e moral pública ruas, estradas e caminhos; das construções, das rendas municipais e do uso de armas. Entretanto, esta fase também é fortemente marcada pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, e por medidas de nacionalização impostas por Getúlio Vargas, que temia o poder político que as colônias alemãs vinham conquistando.

Sendo assim ocorrem inúmeros desmembramentos do território blumenauense, dando luz a novos municípios, como por exemplo, Rio do Sul, Taió, Ituporanga, Rio do Oeste, Pouso Redondo, Lontras, Laurentino, Agrônômica, Braço do Trombudo, Aurora, Mirim Doce, Rio do Campo, Salete, Ibirama, Presidente Getúlio, José Boiteux, Dona Emma, Vitor Meireles, Witmarsum, Gaspar, Indaial, Ascurra, Apiúna, Timbó, Benedito Novo, Rio dos Cedros, Rodeio e Dr. Pedrinho. Mais tarde o antigo distrito de Massaranduba também é elevado à categoria de município, assim como o antigo distrito de Pomerode.

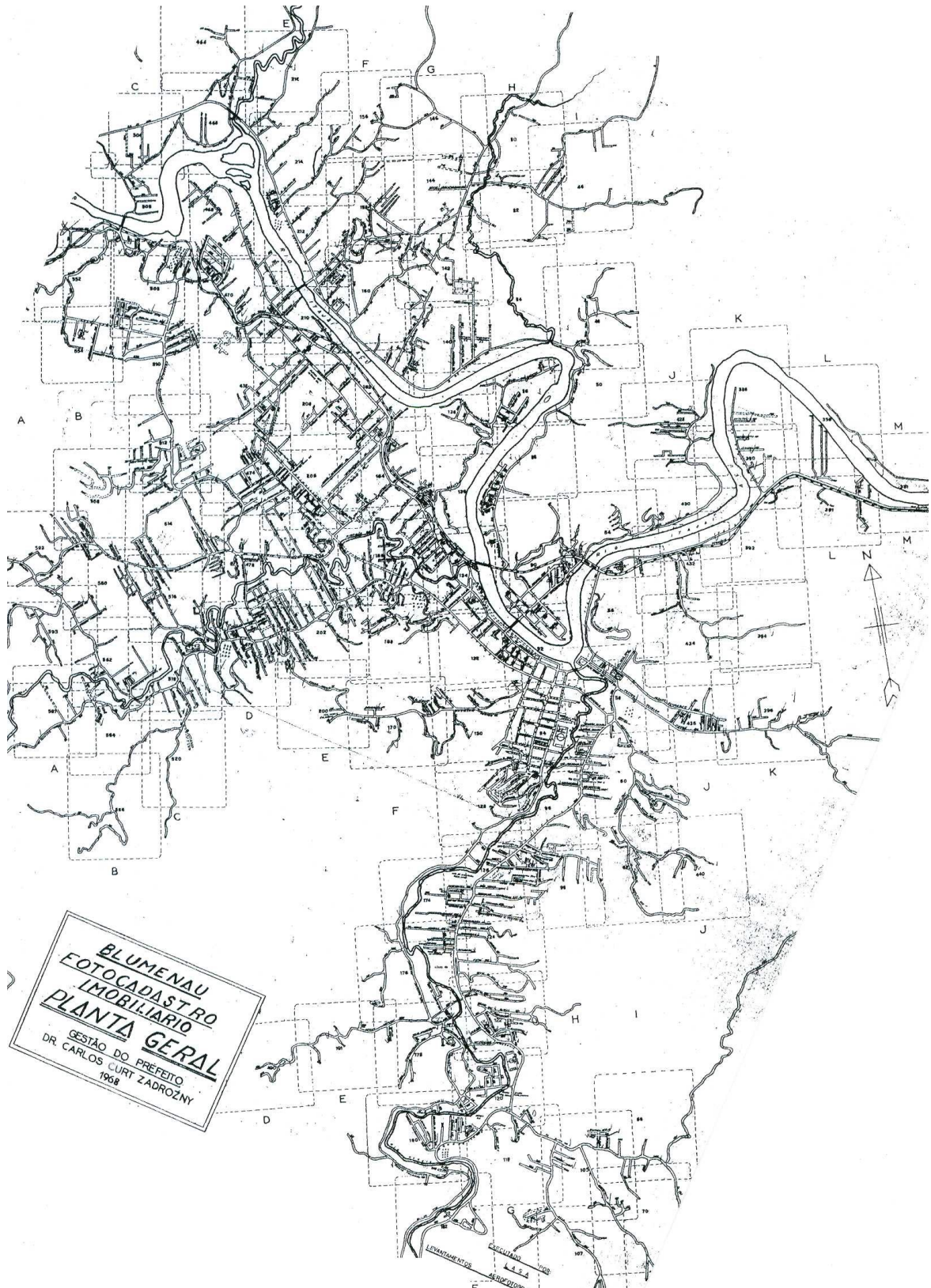
Essa série de desmembramentos causa uma drástica diminuição do número de habitantes, passando de 72.213 em 1920, para 48.108 em 1950. Entretanto, como essas áreas desmembradas, distantes do centro da colônia, ainda permaneciam com caráter fortemente agrário, a cidade de Blumenau passa a adquirir uma imagem fortemente

urbana, uma vez que nesse período há uma série de indústrias surgindo e se consolidando.

A paisagem urbana nesse período também sofre com as políticas do movimento nacionalistas. Construções típicas enxaimel são rebocadas, mascarando sua identidade cultura, ruas e clubes com nomes alemães são renomeados e o idioma alemão é proibido de ser falado.

Contudo, nos anos seguintes a população continuou a subir, assim como a cidade, e novas vias de acesso tomaram forma. Era um período em que o número de automóveis subia e áreas antes inacessíveis puderam ser habitadas. Segundo Siebert (1999) o registro cartográfico que melhor ilustra esse período é a “Foto do cadastro imobiliário – Planta Geral” (figura 9), confeccionado pela Levantamentos Aerofotogramétricos S.A. (LASA).

Figura 9: Planta Geral Fotocadastro Imobiliário



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Observa-se que mais vias de acesso importante tomam forma, como, por exemplo, no sul da cidade, o caminho do Encano que leva até a cidade de Indaial.

Também seguindo o direcionamento do Ribeirão Fortaleza, as ruas Francisco Wahldieck e 1º de maio, seguindo ao longo do Ribeirão Itoupavazinha aparecem a atual Rua Pomerode e também as ruas Frederico Jensen e Jacob Ineichen. No bairro Ponta Aguda, a ocupação transversal à Rua República Argentina, já estava iniciada e no bairro Vorstadt, mais ao leste, a Rua Pedro Kraus Sênior havia sido aberta, perpendicular à rua Itajaí.

No sentido oeste da cidade, a ocupação no bairro da Velha avança com a abertura das ruas Frei Estanislau Schaette, General Osório e rua dos Caçadores, alcançando até a Rua José Reuter. A urbanização do bairro Itoupava Norte havia iniciado e intensificado, que com o estabelecimento da indústria “Teka”, levou infraestrutura para a região norte, para o bairro Fortaleza, até a Rua Fritz Koegler (SIEBERT, 1999).

Córregos e ribeirões próximos à área central da cidade também sofrem ação antrópica, sendo retificados e canalizados. A construção da Beira-Rio (Avenida Castelo Branco) faz com que a população começasse a conceber a cidade de maneira diferente, porque antes crescendo “de costas” para o rio, agora ele passa a ter papel de destaque na paisagem.

A construção de uma avenida na beira do rio foi uma mudança de paradigma para a época, pois a cidade sempre cresceu de costas para os rios, com os fundos das casas aproveitando os cursos d’água como coletores de esgotos. A visão panorâmica do rio proporcionada pela Beira-Rio, de alto impacto paisagístico, tornou-se marca registrada de Blumenau, um dos seus referenciais mais fortes no imaginário coletivo (SIEBERT, 1999, p. 80-81).

Mais quatro pontes de fundamental importância serão construídas, promovendo novas acessibilidades entre as duas margens do rio. São construídas a Ponte Engenheiro Antonio Vitorino Ávila Filho (Ponte dos Arcos), a primeira ponte a servir simultaneamente para tráfego viário e ferroviário, inaugurada em 18 de dezembro de 1954, ligando os bairros Ponta Aguda e Vorstadt. Também é construída a Ponte Adolfo Konder (defronte ao Castelinho da Moelmann), importante ligação entre o bairro Centro e o bairro Ponta Aguda, que foi inaugurada em 1º de dezembro de 1957, esta sendo a primeira a ser construída com todo o material de procedência blumenauense.

Também ganha espaço a Ponte Irineu Bornhausen (Ponte da Itoupava Norte) inaugurada no dia 15 de novembro de 1953 ligando o bairro Itoupava Norte com o bairro Itoupava Seca. Por último, na porção leste da cidade, a Ponte José Ferreira da

Silva (Anel Viário Norte), tornando-se importante ligação entre os bairros Vorstadt e Ponta Aguda, principalmente para quem entra no município vindo de Gaspar.

Politicamente, o município de Blumenau estava sob a gestão do prefeito Frederico Guilherme Busch Júnior, que através da Lei Municipal nº. 717/1956, dividiu a área da cidade em zona central e bairros. Com isso foram criados 19 bairros: Centro, Jardim Blumenau, Bom Retiro, Petrópolis, da Velha, Dr. Victor Konder, Vila Nova, do Asilo, do Salto, Itoupava Seca, Boa Vista, Itoupava Norte, Ponta Aguda, Vorstadt, Ribeirão Fresco, Garcia, da Gloria, Progresso e Vila Formosa. Acrescenta-se também o distrito da Vila Itoupava, criado em 31 de dezembro de 1943 pelo Decreto Estadual nº 941, a partir do Distrito de Massaranduba¹².

Outro marco, ainda para esta fase, é a criação da primeira instituição de curso superior de Blumenau, a Universidade Regional de Blumenau (FURB) que ganha sede própria em 1968, denotando importância também para os municípios vizinhos, afirmando a centralidade de Blumenau na região do Vale do Itajaí.

Dessa maneira, a urbanização do município de Blumenau teve como condicionantes principais as atividades econômicas realizadas desde o período colonial e a estrutura física do espaço onde o município está inserido. O modelo de povoamento utilizado, importado da Alemanha, traçou lotes perpendiculares às linhas coloniais que deram origem às principais vias de acesso na cidade.

A preocupação com o controle urbanístico aparece desde 1933 com o Código de Posturas. Através da análise deste, observa-se que Blumenau, apesar da atividade predominante ser agrícola, já apresentava problemas urbanos como segurança, higiene, etc. Conforme as indústrias desenvolviam-se, a cidade crescia através da chegada de mais mão-de-obra, seja pela imigração ou pelo êxodo rural de áreas próximas ao município, uma vez que os imigrantes alemães vinham de uma sociedade já industrializada, e o sustento provido unicamente pela atividade agrícola não era de agrado da maioria.

¹² <https://www.leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1956/71/717/lei-ordinaria-n-7171956-divide-o-perimetro-urbano-da-cidade-em-zona-central-e-bairros-1956-04-28.html> - acessado em 25/10/2013.

2.2.A nova etapa da expansão urbana

A partir da década de 1970 diversos acontecimentos marcam uma nova fase na expansão urbana e ordenamento territorial no município de Blumenau. Primeiramente, a confecção do primeiro plano diretor em 1977, em seguida as enchentes de 1983 e 1984, após isso o surgimento da Oktoberfest e investimentos turísticos, e numa conjuntura mais recente, os deslizamentos de 2008, que alteram a perspectiva de crescimento da cidade.

As enchentes ocorridas em julho de 1983 e agosto de 1984, foram as maiores registradas, inundando cerca de 70% da área urbana. Tal ocorrido deve-se ao fato da ocupação no município de Blumenau ter desenvolvido-se no leito do rio, por causa da topografia acidentada, de difícil ocupação. Sendo assim, quando o rio Itajaí-Açú alcançou as marcas de 15,34 metros em 83 e 15,46 metros em 84, a população, indústria e comércio sofrem consequências.

Observa-se uma significativa diminuição da população que residia no bairro Centro, de 3.080 em 1980 para 2.328 em 1991, tendo o número de domicílios reduzido de 941 em 1980 para 853 em 1991. Contudo o comércio não parou de crescer, dando novos usos à propriedade antes residenciais. As formas foram aproveitadas, mas com uma nova função, mostrando uma característica de superação do povo blumenauense.

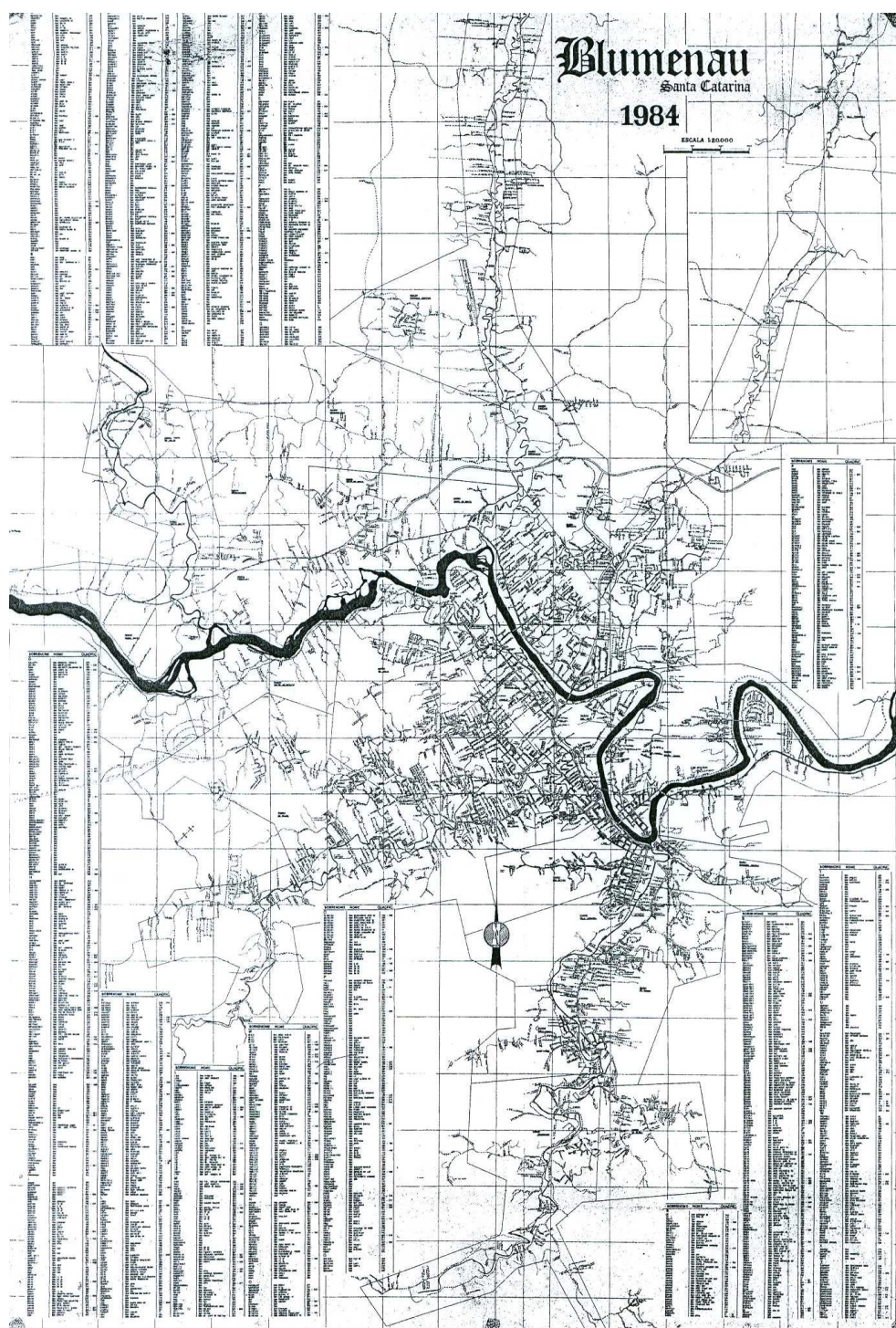
Uma vez que a população não se sentia mais confortáveis em áreas baixas próximas do rio, as encostas aparecem como alternativa para ocupação. Dessa maneira, morar em morro em Blumenau não é significado de ser de uma classe social baixa, como em outras cidades, mas uma alternativa viável pra quem quer afastar a possibilidade de passar por outra inundação.

O melhor registro que se tem da época é o Mapa de Blumenau feito em 1984 (figura 10). Desta vez, devido ao avanço populacional pós década de 70, o ápice do desenvolvimento industrial na cidade, a região norte aparece registrada alcançado o seu extremo, o distrito da Vila Itoupava. A região do sul da cidade, por sua vez, aparece saturada em termos urbanísticos, ocupando encostas de risco inclusive.

Segundo o mapa (figura 10), a BR-470 aparece com um novo traçado ligando-se com a Via Expressa do bairro da Fortaleza, e à Ponte do Tamarindo. Além desta ponte, nomeada Ponte Gov. Wilson Pedro Kleinübing, que faz a ligação entre os bairros Itoupava Seca e Itoupava Norte, sendo de fundamental importância para o

desenvolvimento da região norte da cidade; uma outra ponte é inaugurada num cenário mais recente, em agosto de 2014, a ponte do Badenfurt que pertence ao Complexo Viário Bernardo Wolfgang Werner, mostrando que as ligações entre as regiões norte e sul agora fazem-se necessárias em áreas periféricas.

Figura 10: Malha Urbana de Blumenau em 1984



Fonte: <http://csiebert-arq.wix.com/blumenau-urbana>

Desde 1880, quando após uma enchente o Dr. Blumenau escreve à D. Pedro II, o poder público passa a se preocupar com as consequências de uma enchente. Com o passar dos anos, mais e mais enchentes atingiram Blumenau, fazendo com que diversas iniciativas filantrópicas tomassem forma. Por um lado, essas iniciativas humanizam o fenômeno da enchente, e o caráter político-social do problema é ignorado (FLORIANI, 2014).

Tratando-se desse assunto, alguns comportamentos podem ser observados na população blumenauense. Quando um período de chuvas se estende, estoques de comida e água são feitos em casa. Veículos aquáticos, como canoas, dividem espaço com o carro na garagem. Diversas moradias são construídas no segundo andar, deixando o térreo livre. Inúmeras promessas surgem em períodos de campanha eleitorais, que não chegam a ser cumpridas, ou ficam incompletas. Entretanto ao ocorrer um evento climático extremo, a população já se habituou a aceitar o desígnio “da mãe natureza” e isenta o poder público de qualquer responsabilidade.

As duas grandes enchentes das décadas de 1980 de fato acarretaram inúmeras consequências negativas para cidade, fazendo com que a população procurasse lugares mais altos para morar, mas não necessariamente lugares apropriados do ponto de vista geomorfológico. Reflexo disso aparece na enchente de 2008, que além das tradicionais inundações, acarretou no deslizamento de morros.

O excesso de chuva provocou além do alagamento das áreas baixas, o deslizamento das encostas. Os solos molhados de semanas de chuva não puderam conter a população que habitava nos morros, ainda mais sem a estrutura na fundação necessária para segurar uma residência em altos declives. Dados da Defesa Civil indicam uma elevação do nível do rio em 11,52m, atingindo além de Blumenau, um total de 13 municípios, a maioria no Vale do Itajaí.

5.617 habitantes ficaram desabrigados e outros 9.390 foram forçados a sair de suas casas para que não houvesse mais vítimas, uma vez que já se somavam no momento 135 óbitos, dos que a defesa civil teve informações, esse número pode ser ainda maior considerando os indivíduos, que soterrados, tiveram apenas o desaparecimento registrado pelas suas famílias.

O evento causou comoção nacional, e novamente o poder público e o empresariado puderam se apropriar do discurso de “combate às enchentes”. Entretanto desta vez, o município para de conceber esses eventos apenas como um infortúnio

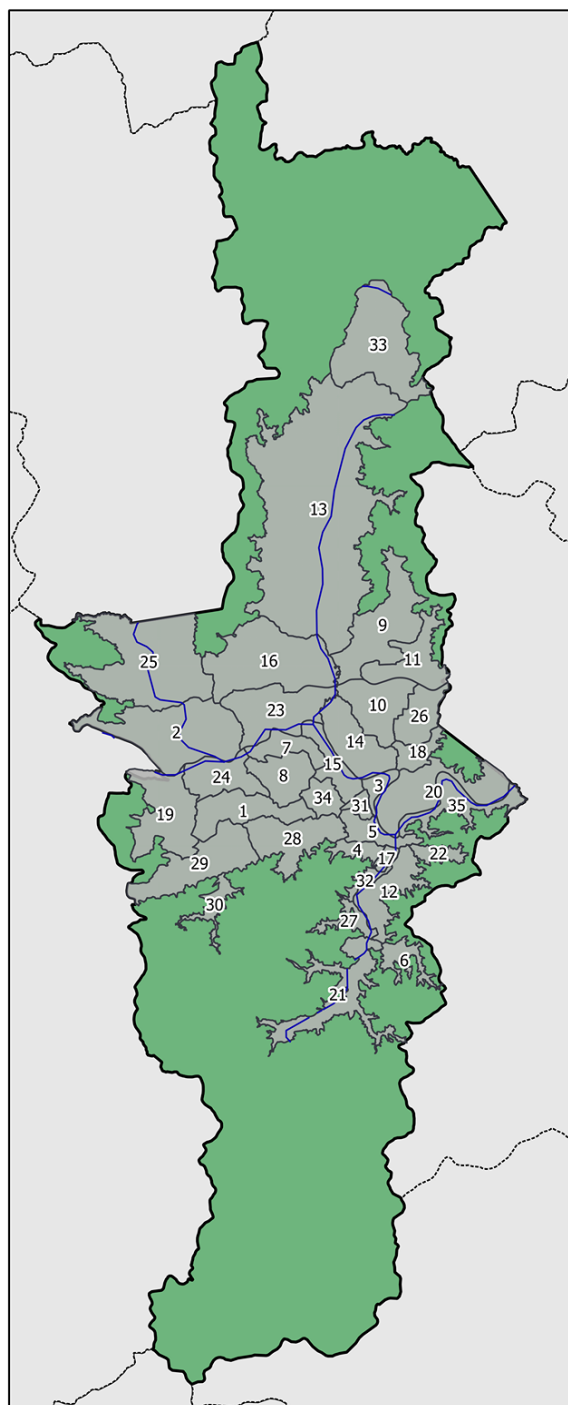
natural, e passa a promover o crescimento da cidade para áreas na região norte do município, que estão menos sujeitas do ponto de vista geomorfológico, à desastres naturais.

Durante a gestão do prefeito Décio Lima, através da Lei Complementar nº. 489 de 25 de novembro de 2004, que fixou o Novo Perímetro Urbano do Município de Blumenau, mais quinze bairros são criados, resultando na configuração espacial atual com dois distritos, Vila Itoupava e Grande Garcia, e 35 bairros: Água Verde, Badenfurt, Boa Vista, Bom Retiro, Centro, Escola Agrícola, Fidélis, Fortaleza, Fortaleza Alta, Glória, Itoupava Central, Itoupava Norte, Itoupava Rega, Itoupava Seca, Itoupavazinha, Jardim Blumenau, Nova Esperança, Passo Manso, Ponta Aguda, Progresso, Ribeirão Fresco, Salto, Salto do Norte, Salto Weissbach, Testa Salto, Tribess, Valparaíso, Velha, Velha Central, Velha Grande, Victor Konder, Vila Formosa, Vila Nova e Vorstadt (figura 11).

Assim observa-se o município de Blumenau tomando a forma atual, tendo as atividades econômicas como influenciadoras e os problemas na estrutura física do município. Outro aspecto econômico que se materializa na configuração da cidade é o turismo, que passa a influenciar as tomadas de decisões e focos de investimentos por parte do poder público e privado.

Figura 11: Mapa com a nova divisão de bairros – 2014

MAPA DE BAIROS E ÁREA URBANIZADA DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU



Legenda
 — Hidrografia
 ■ Área urbanizada

0 1.5 3 km



ID	Nome
1	AGUA VERDE
2	BADENFURT
3	BOA VISTA
4	BOM RETIRO
5	CENTRO
6	DA GLORIA
7	DO SALTO
8	ESCOLA AGRICOLA
9	FIDELIS
10	FORTALEZA
11	FORTALEZA ALTA
12	GARCIA
13	ITOUPAVA CENTRAL
14	ITOUPAVA NORTE
15	ITOUPAVA SECA
16	ITOUPAVAZINHA
17	JARDIM BLUMENAU
18	NOVA ESPERANCA
19	PASSO MANSO
20	PONTA AGUDA
21	PROGRESSO
22	RIBEIRAO FRESCO
23	SALTO DO NORTE
24	SALTO WEISSBACH
25	TESTO SALTO
26	TRIBESS
27	VALPARAISO
28	VELHA
29	VELHA CENTRAL
30	VELHA GRANDE
31	VICTOR KONDER
32	VILA FORMOSA
33	VILA ITOUPAVA
34	VILA NOVA
35	VORSTADT

Fonte: SEPLAN

Elaboração: a autora.

2.3. Oktoberfest, espetáculo e novas centralidades

A Oktoberfest surge como uma alternativa de recuperação econômica após as enchentes de 1983 e 1984. Atualmente garante o título de maior festa alemã da América Latina, inspirada na tradicional *Oktoberfest* de Munique, no estado da Baviera, na Alemanha. A intenção inicial era o de recuperação econômica e o de recuperação do ânimo da população depois das enchentes arrasadoras, iniciativa dada pelos empresários locais e pelo governo municipal. Era fruto também da motivação turística dos anos anteriores.

Blumenau é cidade industrial, sede de um dos maiores pólos têxteis da América do Sul, com um centro dinâmico de comércio e serviços e influência sobre toda a região do Vale do Itajaí. A competência dos blumenauenses para organizar eventos em grande estilo é uma das características marcantes da cidade. Sua Oktoberfest é o exemplo mais conhecido deste talento: todos os anos a festa da cerveja reúne, em média, 750 mil pessoas durante três semanas de dança, música e atrações variadas (VERAS, 2004, p.31).

O poder público é o principal tomador de decisões para a realização do evento, entretanto suas ações dependeram da iniciativa privada e da comunidade, que precisaram participar do processo. A Fundação Promotora de Exposições de Blumenau, a PROEB com o apoio da ACIB, Associação Comercial e Industrial de Blumenau, e da CDL, Clube de Diretores Lojistas, bem como dos sindicatos patronais e empresas ligadas ao ramo turístico-hoteleiro foram responsáveis pela idealização e organização da primeira *Oktoberfest*.

A Oktoberfest passou por três períodos distintos no decorrer de sua história ao longo de seus 26 anos de existência, o momento inicial com caráter cultural e comunitário, o segundo momento de grande influência do setor privado e a fase atual que procura resgatar a essência cultural e comunitária do início.

Em 1986 a festa já se consagrava no calendário das festas típicas nacionais e Blumenau já despontava como principal destino turístico no mês de outubro. Em sua edição de 1992 registrou recorde de público com mais de um milhão de visitantes, porém nos anos seguintes, 1993 até 1998, a festa apresentou uma fase de estagnação e declínio.

Essa situação foi revertida com mudanças nas ações em turismo, um processo de reciclagem que teve início com o convênio firmado entre o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (Sebrae/SC), a Organização Regional de Turismo

(ORT) e a Prefeitura Municipal de Blumenau visando executar um Programa Regional de Serviço Turístico Organizado (Presto). Esse programa visava à elaboração de um planejamento turístico da cidade buscando ações que de desenvolvimento da atividade com contribuição da própria comunidade, dentre essas ações estava uma avaliação do produto da Oktoberfest.

Para tanto foi realizado em dezembro de 1998 o seminário estratégico com foco na Oktoberfest que contou com presença de representantes de setores como o hoteleiro, o alimentício, de bebidas, segurança, trânsito, comércio, clubes de caça e tiro, músicos e administradores municipais. O trabalho seria então centrado em cinco áreas do planejamento: macroplanejamento, marketing, segurança, infra-estrutura e atrações. Porém essas ações não tiveram o efeito desejado por conta da troca contínua de secretários de turismo e de presidentes da fundação organizadora da festa o que provocou a descontinuidade das ações bem como a diminuição do público anual e da qualidade do evento.

A festa foi de certa maneira descaracterizada com a introdução de elementos externos como repertório musical com temas não alemães, gastronomia diversa da típica germânica e as bandas alemãs já não eram mais contratadas por uma questão de reduzir custos. Dessa forma se viu a necessidade urgente de resgatar as características originais da festa que era o que dava sentido ao produto turístico. Assim, somente em 2005 os investimentos necessários quanto a revitalização das ações e serviços tiveram início, com a posse de novo presidente da Proeb, Norberto Mette. Buscou-se valorizar o aspecto histórico da imigração alemã, tornando-a tema dos desfiles e oferecendo ao público um espetáculo ao ar livre. As bandas passaram a executar majoritariamente músicas de origem germânica, e novas formas de decoração foram empregadas.

O marketing passou a ser um ponto muito forte para o evento, e o enfoque publicitário agora projetava a Oktoberfest como a maior festa típica do Brasil, isso se deu tanto na cidade de Blumenau como fora dela através da veiculação em rádios, jornais, sites e na televisão, o propósito era comunicar um grande número de pessoas sobre as mudanças que iriam acontecer principalmente a adoção de um novo conceito para a festa. O foco agora era a cultura local, a gastronomia típica, as danças, o folclore e as músicas alemãs, isso tudo daria o norte a realização das demais edições da festa.

Nesse caso a festa é alimentada basicamente pelo que se denomina de turismo de massa e do lazer, fenômeno tipicamente pós-industrial, em Santa Catarina além de

abranger as áreas litorâneas no verão incorpora o calendário da Embratur¹³ para as festas típicas de outubro que acontecem em todo o estado a exemplo da ‘Festa das Tradições’ de Joinville, a ‘Fenarreco’ de Brusque, a ‘Schützenfest’ de Jaraguá do Sul, a ‘Marejada’ de Itajaí, a ‘Tirolerfest’ de Treze Tílias, a ‘Oktoberfest’ de Itapiranga, a ‘Kegelfest’ de Rio do Sul, ‘Musikfest’ de São Bento do Sul, a ‘Festa do Imigrante’ de Timbó, a ‘Fenaostra’ de Florianópolis, a ‘Oberlandfest’ de Rio Negrinho e a ‘Bananenfest’ de Corupá.

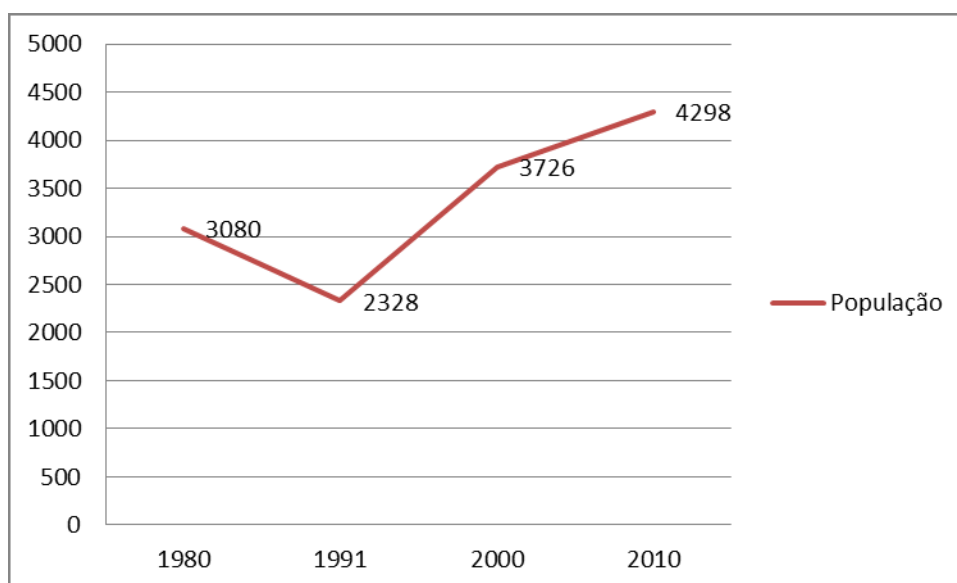
Contudo, apesar dos benefícios econômicos, Blumenau não tem capacidade para comportar uma festa dessa magnitude.

Em termos urbanísticos, a *Oktoberfest* é uma violência para com a cidade. O fluxo de veículos paralisa a cidade, uma vez que a área da festa fica próxima ao Centro, e o sistema viário local não comporta os automóveis e ônibus dos visitantes que chegam de todos os lados. Não há estacionamento suficiente, e os desfiles tomam conta e interrompem as já escassas vias centrais (SIEBERT, 1999, p. 86).

2.4.A antiga centralidade: o bairro do Centro

O bairro do Centro foi a primeira área ocupada no município de Blumenau, apesar de ter sido delimitado oficialmente apenas em 1956 com a Lei nº. 717, de 28 de abril. Sua função mistura-se entre a comercial e de serviços e a residencial. O uso industrial limita-se apenas à escritórios, uma vez que o Centro não dispõe do espaço necessário para abrigar uma linha de produção. Sua população apresentou queda após as enchentes da década de 1980, mas nas últimas décadas têm apresentado crescimento.

¹³ Instituto Brasileiro de Turismo

Gráfico 5: População no bairro do Centro

Fonte: SEPLAN – PMB

A primeira rua delimitada, a *Boulevard Wandenburg* (atual Alameda Duque de Caxias), abrigou a residência do fundador da colônia, local onde este a dirigia. Entretanto ela não adquiriu a mesma importância que a rua XV de Novembro, principal rua da cidade, concentradora dos principais comércios e serviços. Esses sistemas de característica germânica em que se elege uma rua principal logo se saturou, sendo necessário ampliações no sistema viário. As mais significativas foram a abertura da rua 7 de Setembro, por volta de 1915, e a Alameda Castelo Branco, aberta em 1975, ambas paralelas à rua XV de Novembro. Esta deixa de comportar veículos pesados na década de 70, sendo necessárias essas outras vias para escoamento viário.

A paisagem urbana sofreu profundas transformações com o passar dos anos, apesar de construções antigas ainda permanecerem e coexistirem com prédios modernos. De fato muitas dessas construções foram concebidas como comércio no térreo e a residência da família no piso superior. Muitas dessas formas, portanto, permanecem as mesmas, mas a função muda. Merece destaque a Casa de Comércio de Paul Husadel, construída em 1895 (figura 12), permanece inalterada e ainda em funcionamento com o nome de Ótica Husadel (figura 13).

Figura 12: Casa de Comércio Paul Husadel em 1911



Fonte: <http://angelinawittmann.blogspot.com.br/2015/03/casa-husadel-120-anos.html>

Figura 13: Ótica Husadel – dias atuais



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Blumenau

O Sindicato Agrícola do Município de Blumenau foi o idealizador da primeira instituição financeira da cidade, fundada em 27 de outubro de 1907, sendo denominada “Caixa Econômica”, operando a partir do dia 10 de janeiro de 1908. Logo após outros bancos de fora também tomam a passar a figurar no cenário blumenauense, como por exemplo o Banco Nacional do Comércio SA, Banco Sul do Brasil SA e Banco do Brasil.

No âmbito cultura, a primeira iniciativa dramática partiu da “Sociedade Teatral Frohsin” em 1860. Inicialmente mantinha suas atividades na Alameda Duque de Caxias (*Boulevard Wandenburg*), mas após uma parada nas atividades durante a Primeira Guerra Mundial, retorna sob o nome de Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, inaugurando o teatro em 1939, e atualmente ainda em funcionamento (figura 14).

Figura 14: Teatro Carlos Gomes nos dias atuais



Fonte: www.teatrocarlosgomes.com.br

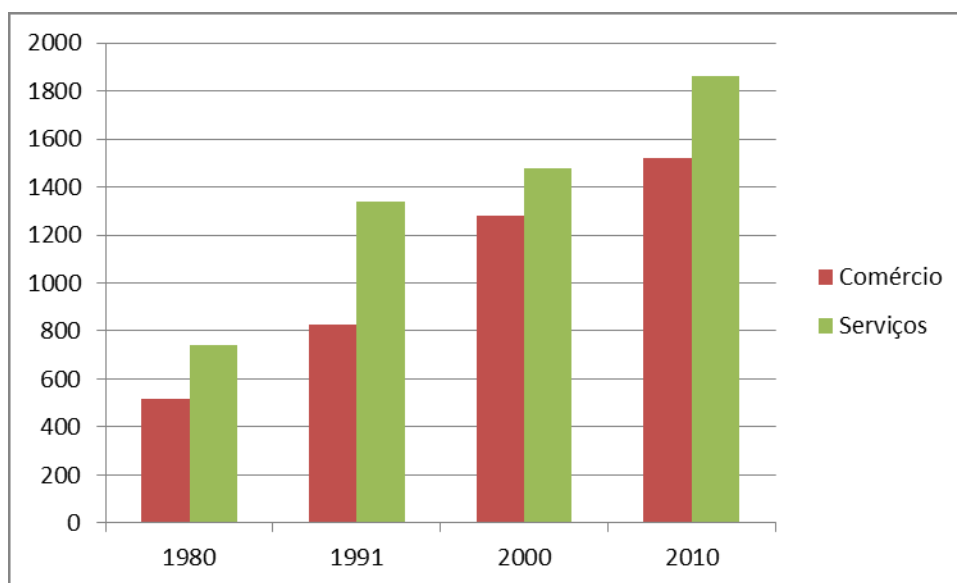
Apesar da nítida diferença entre centralidade germânica e lusitana, as igrejas também marcam presença no centro da cidade, mas sem exercer o papel principal, como nas cidades portuguesas. Na primeira rua traçada, atual Alameda Duque de Caxias, a primeira igreja foi construída, uma igreja Evangélica Luterana. Mais tarde, a igreja católica toma forma, esta construída na rua do comércio, a XV de Novembro.

Outra forma que merece destaque é o *Shopping Center Neumarkt*, construído em 1993, na rua 7 de Setembro, que na época, não exercia grande importância comercialmente, restringindo-se apenas ao fluxo de veículos. Os *shoppings*, segundo Corrêa (1993) são uma forma de centralidade de comércios e serviços diversificados. Dentro da lógica capitalista, a estratégia é incentivar o consumidor a fazer compras que não estavam em seus planos.

Os equipamentos públicos também localizaram-se preferencialmente no bairro do Centro, e este hoje abriga a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal, a Fundação Cultural, o Procon, a Delegacia Regional, um hospital público (Hospital Santa Isabel) e dois particulares (Hospital Santa Catarina e Hospital Dia Unimed), a Biblioteca Municipal Fritz Müller, Fórum Trabalhista, etc. Outros, como por exemplo o Terminal Rodoviário Municipal, tiveram que ser transferido devido à problemas de circulação viária.

Nos últimos anos, a soma total de estabelecimentos comerciais e de serviços tem apresentado alta, tendo no setor de serviços um número sempre um pouco maior do que o de comércios. Em 1980 Blumenau apresentava um total de 515 comércios, subindo para 825 em 1991, depois 1.281 em 2000, resultando num total de 1.521 em 2010. O total de serviços, por sua vez, apresentava uma soma de 736 em 1980, passando para 1.339 em 1991, 1.476 em 2000, e por último 1.862 em 2010. A evolução de ambas atividades pode ser ilustrada com mais clareza no gráfico 6.

Gráfico 6: Comércio e Serviços no bairro do Centro entre 1980 e 2010



Fonte: SEPLAN – PMB

A dinâmica recente da economia de Blumenau e as novas centralidades

Atualmente a economia blumenauense apresenta crescimento. As atividades originárias do setor manufatureiro ainda representam boa parte da receita municipal. Contudo novas atividades econômicas passaram a figurar a partir da década de 1970. São as atividades ligadas à informática, que assim como as atividades têxteis no início do século passado, mantêm ligações com a Alemanha na expectativa de atender o mercado internacional¹⁴.

Em 15 anos de atuação da incubadora *Blusoft*, já foram viabilizadas atividades que movimentaram cerca de R\$ 14 milhões para a cidade. A ascensão dessa atividade representa uma mudança do ponto de vista espacial, pois por ser uma atividade com o produto final improdutivo (não concreto), a empresa não depende da centralidade da cidade para se desenvolver, podendo ramificar sua base produtiva para outras áreas da cidade.

Em Blumenau a atividade industrial inicialmente foi bem distribuída entre os bairros, pois a população deslocava-se em direção às indústrias. Essa distribuição levou o comércio tradicional, como por exemplo supermercados, para os bairros onde as indústrias se instalavam. Atualmente as indústrias que procuram instalar-se onde há mão de obra cativa, terrenos mais baratos e facilidade de escoamento de produção.

Na década de 1990, a reestruturação produtiva ocasionou numa reestruturação patrimonial. Apesar do câmbio, a produção aumentou na cadeia têxtil blumenauense, o que é considerado fruto da reestruturação produtiva. Além da terceirização de etapas da produção, as indústrias passaram a importar máquinas e matéria prima, aproveitando-se da taxa de câmbio e do crédito do BNDES.

O fato de boa parte de essas indústrias têxteis terem se mantido no mercado, é o grande *know how* que elas possuíam para fortalecerem-se perante a uma desverticalização da produção. A Hering, por exemplo, lança por ano 6 campanhas novas, enquanto a italiana Benetton lança 2 campanhas por ano.¹⁵

Contudo a balança comercial continua fechando negativamente. Os dados demonstram que a importação tem aumentado, mas a exportação não (

Gráfico 7). As exportações já representaram metade da produção nacional, mas atualmente é muito mais difícil competir no mercado externo, fazendo com que toda a

¹⁴ Blusoft

¹⁵ Fonte: informação oral obtida em entrevista realizada com Dr. Ivo Raulino, 2017.

produção nacional seja voltada para o mercado externo. As importações também são, em sua maioria, matérias primas, e não bens de consumo final.

Gráfico 7: Série Histórica da Balança Comercial da Indústria Têxtil (2003-2016)



Fonte: ABIT

As instituições financeiras estrangeiras, como o “Bank Boston” e o “City Bank”, fecharam em massa na cidade de Blumenau, restando apenas as instituições financeiras nacionais, que agora, além de se consolidarem na área central da cidade, especialmente diversificam-se para os outros bairros, sendo levadas onde há crescimento populacional. Destaque recente na cidade é a abertura do “Banco Chinês da Construção”, sendo este o segundo maior banco da República Popular da China. Atualmente comandado por uma sociedade anônima, este banco chinês comprou o brasileiro Banco Industrial e Comercial (BicBanco) em 2013 e, desde então, vem operando em solo brasileiro. Como em Blumenau havia uma unidade do “BicBanco”, o Banco da Construção Chinês passou a marcar presença também em território blumenauense.

Outro destaque asiático para a cidade é a instalação da empresa Huvis no bairro Itoupava Central. Essa empresa coreana beneficiadora de fios sintéticos, responsável pela fabricação de fibras especiais. Esta empresa instala-se no “Blumenau Business Park”, um condomínio empresarial multissetorial, com 172 mil m² e localizado no bairro Itoupava Central, às margens da rua Dr. Pedro Zimmermann (SC-474).

O “Blumenau Business Park” vem com essa premissa de ser um parque tecnológico onde se concentrará empresas dos mais variados setores. O projeto contempla desde uma clínica hospitalar (Baum), até um pólo tecnológico, um centro de

serviços (Trade Center) e um instituto ambiental. A perspectiva é que o empreendimento ofereça 52 galpões para indústria e prestadores de serviços, gere 2,2 mil empregos diretos e movimente R\$ 3,8 milhões.

Este empreendimento segue a lógica do programa de desenvolvimento “Blumenau 2050”, um programa da Secretaria de Planejamento (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Blumenau. Este programa visa o planejamento da cidade de Blumenau a longo prazo, dividindo as áreas de planejamento em cinco eixos diferentes: uso e ocupação do solo, sistema de circulação e transporte, desenvolvimento econômico com o turismo e lazer, habitação e regularização fundiária e saneamento básico e meio ambiente. Esta ação desprende-se também do passado sem planejamento da cidade, uma vez que Blumenau demorou muito para ter um instituto que ficasse nas questões urbanas e as ações realizadas visavam apenas interesses pontuais, mas que prejudicaram a cidade à longo prazo.

Para o uso e ocupação do solo, o programa parte do balanço dos planos diretores anteriores, preocupado com a constante possibilidade de enchente e deslizamentos. Para tanto é firmado o direcionamento do crescimento da cidade para a região norte, para onde se volta o foco de investimentos do setor público e privado. Os subcentros (intra-centralidades) continua sendo prospectado para descentralização das atividades comerciais e de serviços, e a área próxima ao Terminal do Aterro, no bairro Salto do Norte (região norte) ganha atenção especial.

Para o sistema de circulação e transporte, o sistema de anéis viários projeta-se para desafogar a área central e acompanhar o desenvolvimento da região norte da cidade. Entretanto, o projeto de prolongamento da via expressa para a região norte da cidade encontra barreiras naturais como o rio Itajaí-Açu e artificiais como a BR-470. O programa também possui projetos visando a construção de mais dois terminais de ônibus, a revitalização do aeroporto e a possível construção de uma via férrea para integração a nível regional.

Para o terceiro eixo que contempla o desenvolvimento econômico, do turismo e do lazer, contudo, o programa foca mais no lazer com propostas de revitalização da área ciliar ao rio para que a população possa interagir mais com este. Seguindo a linha de descentralização, as áreas de lazer também deixam de resumir-se a apenas o Parque Ramiro Ruediger, no bairro da Velha, próximo à Vila Germânica, e ganham projetos voltados para os bairros. Algumas ações pontuais de infra-estrutura visa afirmar a

“vocação blumenauense” para o turismo e o foco na região norte como área de emergente desenvolvimento econômico.

O quarto eixo, que visa a habita o e a regulariza o fundiária, procura desapegar-se do passado de crescimento urbano sem controle e sem planejamento, para um futuro ordenado e minimizando os impactos do passado sem planejamento. Para tanto o planejamento procurar  regularizar e reurbanizar áreas de ocupa o irregular, relocar habita es que se encontram em áreas de risco, evitar novas mor dias irregulares e priorizar mais a habita o nas políticas públicas.

Por último, para a área de saneamento básico e meio ambiente, a preocupa o   ampliar a rede de água e esgoto e aumentar o tratamento de esgoto no município. O abastecimento de água através do Serviço Aut nomo Municipal de água e Esgoto (SAMAE) prevê a cria o de novos reservatórios observando o crescimento populacional da cidade. Com rela o   coleta de lixo, o programa prevê que a grande maioria do lixo possa ser reaproveitado e reciclado através de sistemas de triagem.

O programa “Blumenau 2050”, que na sua cria o contou algumas consultas   popula o, mostra, sobretudo a preocupa o do poder público em manter um ritmo de crescimento na cidade de Blumenau que não seja frágil ao sítio natural da cidade. Reúne um planejamento que busca corrigir erros do passado, sem planejamento e ordenamento territorial, e focar num futuro de desenvolvimento econômico e atra o turística, focando o direcionamento urbano principalmente para a região norte, onde há mais abundância de terras e menos suscetibilidade   enchentes e deslizamentos.

Esse processo de descentraliza o das atividades econômicas para o norte acompanha o desenvolvimento da indústria de software, um dos principais ramos econ micos atuais da cidade. A chamada “indústria do software”, por comercializar uma mercadoria que não   física, não têm sua localiza o definida por muitos fatores.

O investimento na cidade também continua a ser observado na cria o de dois shoppings centers na região norte da cidade, “Shopping Park Europeu” e “Norte Shopping”, e na atra o de grandes grupos comerciais, como a Cassol, a Balarotti e até mesmo o supermercado Giassi e a nova unidade do Bistek, cujo grupo foi responsável pela cria o do Shopping Park Europeu.

Outros setores industriais que, apesar de antigos, ganham destaque com a centralidade da cidade e seu potencial polarizador de investimentos,   o setor cervejeiro e o setor de cristais. Ambos estão presentes desde o início do desenvolvimento das atividades econômicas da cidade, têm no turismo um combustível novo para o

crescimento de suas atividades. Principalmente o setor cervejeiro, que possui na cidade empresas importantes, como a Eisenbahn, a Bierland e a Wunder Bier e também a Feira Nacional da Cerveja que ocorre em paralelo com o Festival da Cerveja Brasileiro, que objetiva num futuro próximo tornar-se um festival internacional, confere à cidade de Blumenau o título de polo nacional cervejeiro.

Dessa maneira, observa-se em Blumenau, da mesma forma que em outros lugares, que o progresso técnico, nas palavras de Santos (1999), torna complexas as diferentes regiões e subespaços, ao mesmo tempo fragmentando-os, mas sem excluí-los do grande processo de globalização. Em Blumenau, isto se manifesta com o desenvolvimento e consolidação das diferentes intra-centralidades urbanas, que sem se sobreporem ao centro principal, vêm exercendo papel principal de apoio ao desenvolvimento da cidade e transformação do espaço e modo de vida blumenauense.

3.AS INTRACENTRALIDADES

O fenômeno da urbanização tomou nas últimas décadas uma proporção muito mais significativa, fazendo com que esse processo seja alvo de diferentes estudos e análises. Diversos autores vêm pesquisando, analisando, sintetizando e sistematizando diferentes dados e informações sobre o espaço urbano para identificar os padrões e a lógica de produção deste.

A urbanização depende dos fatores naturais e socioeconômicos para o seu desenvolvimento. Portanto, observam-se diferentes ritmos de urbanização em diferentes períodos de acordo com cada local. Santos (2008) observa justamente que na Europa a urbanização é mais antiga e deu-se através das revoluções do meio técnico. Já no início do século XX, devido à distribuição da atividade industrial, a urbanização permaneceu mais estagnada. Nos países subdesenvolvidos, por sua vez, a urbanização deu-se mais recentemente e de maneira mais concentrada. (SANTOS, 2008)

É justamente nesse processo intenso de urbanização observado nos países subdesenvolvidos que podemos observar a larga influência do capitalismo nesse processo. A industrialização tardia impulsionada pelo desenvolvimento desigual e combinado fez com que o processo de urbanização tomasse uma magnitude maior, mas também um descontrole maior. Observa-se, portanto, o papel central que a industrialização exerce no modo de produção capitalista, delineando também o processo de urbanização (SPOSITO, 2001).

É a lógica da acumulação de capital, que fragmenta o espaço urbano atribuindo -lhe valor de troca simultaneamente ao valor de uso, e a condição de mercadoria ou de oferta de mercadorias. Esta elite é a portadora de capital fundiário, rural, mercantil, industrial ou de serviços, e representa uma classe importante na consolidação da função urbana intermediária (ROCHA, 2011, p. 5)..

Observado isso, cidades industriais constituíram-se em posições elevadas na hierarquia urbana, polarizando cidades menores em seu entorno. Cria-se assim a complexa rede urbana de cidades interdependentes. Nessa rede nota-se o papel singular das cidades médias, que adquirem características específicas quanto à organização do espaço intra-urbano. De fato, para uma cidade manter-se na posição de “cidade média”,

segundo Corrêa (2007), é necessário três fatores, que são a elite empreendedora, a localização relativa e as interações espaciais. (CORRÊA, 2007).

Conforme a cidade cresce, tem se notado também que as cidades médias estão descentralizando suas atividades comerciais e de serviços para outras áreas da cidade, pois o aumento da urbanização em consequência do aumento populacional leva as pessoas a ocuparem outras partes da cidade. Segundo Singer (1978, p. 29)

Na medida em que a cidade vai crescendo, centros secundários de serviços vão surgindo em bairros, que formam novos focos de valorização do espaço urbano. O crescimento urbano implica necessariamente uma reestruturação do uso das áreas já ocupadas. Assim, por exemplo, o centro principal tem que se expandir à medida que aumenta a população que ele serve.

Sendo assim, o centro principal, surgido a partir da centralização de atividades econômicas, exerce grande influência na cidade, fazendo com que as transformações ocorridas nesta área sejam refletidas na cidade como um todo. “Por incorporarem tantos signos, as áreas centrais tendem a estar entre as mais valorizadas da cidade - seja por valor de uso ou de troca” (DE LUCCA, 2015, p. 40).

Contando com o desenvolvimento econômico da cidade, observa-se uma ampliação dos papéis urbanos, demandando novas funções na cidade. Sendo assim, o centro da cidade torna-se não mais suficiente, e novas áreas são valorizadas e passam a concentrar atividades em novas áreas intra-urbanas. Surgem novas formas e funções nessas áreas, como, por exemplo, shoppings centers.

As intra-centralidades urbanas no município de Blumenau, diferentemente, manifestam-se desde o período de colônia, mostrando a necessidade de se abastecer populações residentes distantes do centro principal. São diversos os fatores que influenciaram no deslocamento da população para áreas periféricas do centro da cidade, e cada uma dessas áreas ganham funções únicas, ao passo que sua estrutura reproduz a do centro principal.

Neste capítulo pretender-se-á verificar a estrutura interna de diferentes bairros do município de Blumenau, destacando novas economias de aglomeração e as funções de cada de cada bairro. Também será observado as diferentes formas espaciais, as especificidades do desenho interno desses bairros e o papel do poder público na geração

dessas economias e no fornecimento de infraestrutura. Partindo da análise quantitativa, observa-se a relação entre o total de empresas (industriais, de comércio e de serviços) e a área do bairro, e então se pode determinar quais bairros concentram mais atividades, relacionados na Tabela 3.

Tabela 3: RELAÇÃO DA DENSIDADE DE EMPRESAS EM CADA BAIRRO

BAIRRO	TOTAL EMPRESAS	ÁREA DO BAIRRO	DENSIDADE DE EMPRESAS
Água Verde	1255	5,09	246,5618861
Badenfurt	762	11,54	66,03119584
Boa Vista	81	1,11	72,97297297
Bom Retiro	165	1,31	125,9541985
Centro	3905	2,37	1647,679325
Da Gloria	220	2,44	90,16393443
Do Salto	345	8,76	39,38356164
Escola Agrícola	699	4,05	172,5925926
Fidelis	199	8,76	22,71689498
Fortaleza	1080	5,29	204,1587902
Fortaleza Alta	172	4,72	36,44067797
Garcia	1367	4,53	301,7660044
Itoupava Central	1455	44,67	32,5721961
Itoupava Norte	1777	5,4	329,0740741
Itoupava Seca	749	2,95	253,8983051
Itoupavazinha	980	11,71	83,68915457
Jardim Blumenau	634	0,64	990,625
Nova Esperança	116	1,84	63,04347826
Passo Manso	368		
Ponta Aguda	809	7,09	114,1043724
Progresso	577	6,68	86,37724551
Ribeirão Fresco	93	1,22	76,2295082
Salto Do Norte	1061	7,11	149,2264416
Salto Weissbach	370	4,15	89,15662651
Texto Salto	280	14,98	18,69158879

Tribess	345	3,32	103,9156627
Valparaíso	268	1,42	188,7323944
Velha	1620	5,85	276,9230769
Velha Central	1005	7,29	137,8600823
Velha Grande	56	1,63	34,35582822
Victor Konder	781	0,81	964,1975309
Vila Formosa	59	0,8	73,75
Vila Itoupava	207	7	29,57142857
Vila Nova	1261	1,9	663,6842105
Vorstadt	478	3,9	122,5641026

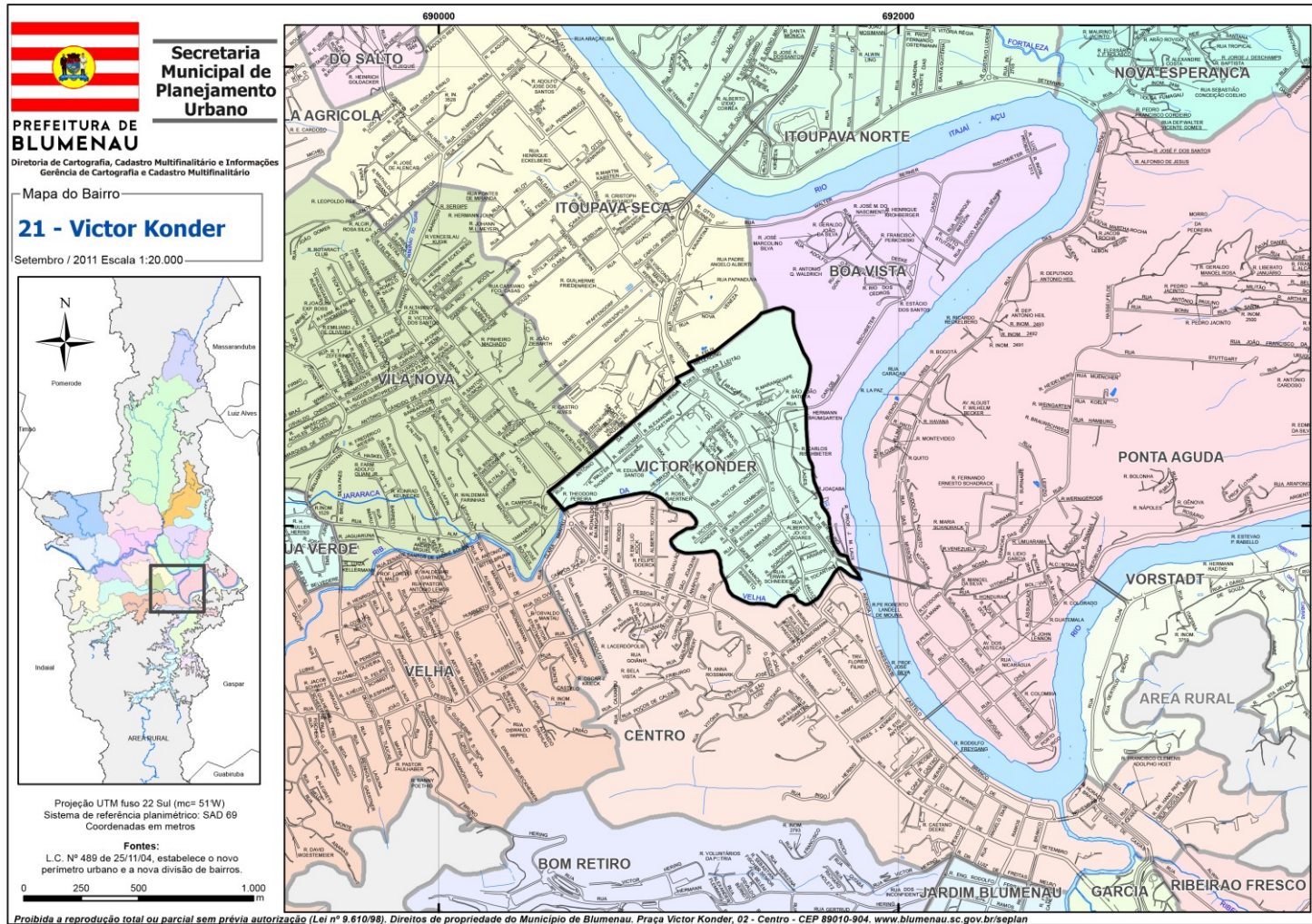
Fonte: SEPLAN

3.1. Victor Konder

Dentre os bairros que concentram mais empresas, ficando atrás apenas do centro da cidade, o bairro Victor Konder destaca-se entre todos. Este bairro localizado na porção central do território blumenauense limita-se ao norte com o bairro Boa Vista, ao oeste com o bairro Itoupava Seca e Vila Nova e ao sul e leste com o Centro (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

O bairro Victor Konder foi criado pela Lei nº. 717, de 28 de abril de 1956. Contudo a rua São Paulo, principal via do bairro, já data de 1860, apenas dez anos depois da fundação da cidade. O calçamento desta é realizado na década de 1950.

Figura 15: Mapa de localização do bairro Victor Konder



Fonte: SEPLAN – PM

O bairro chegou a abrigar uma importante indústria, a Fábrica de Chapéus Nelsa, que esteve em funcionamento até a década de 1960. Atualmente, dentre os locais de destaque do bairro Victor Konder, podemos citar a própria FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau), o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e o Supermercado Giassi, que faz parte de uma rede de supermercados a nível litoral catarinense.

Figura 16: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Victor Konder e suas principais ruas.



Fonte: Software Google Maps

O bairro conta com uma área urbana de 0,81 km² (Figura 16). Entre as principais vias que o recortada destacam-se ruas como a Avenida Martin Luther, a rua São Paulo, Antônio da Veiga e Max Hering, que por sinal são importantes vias de acesso ao Centro da cidade. A maioria dos estabelecimentos comerciais e de serviços concentram-se nas

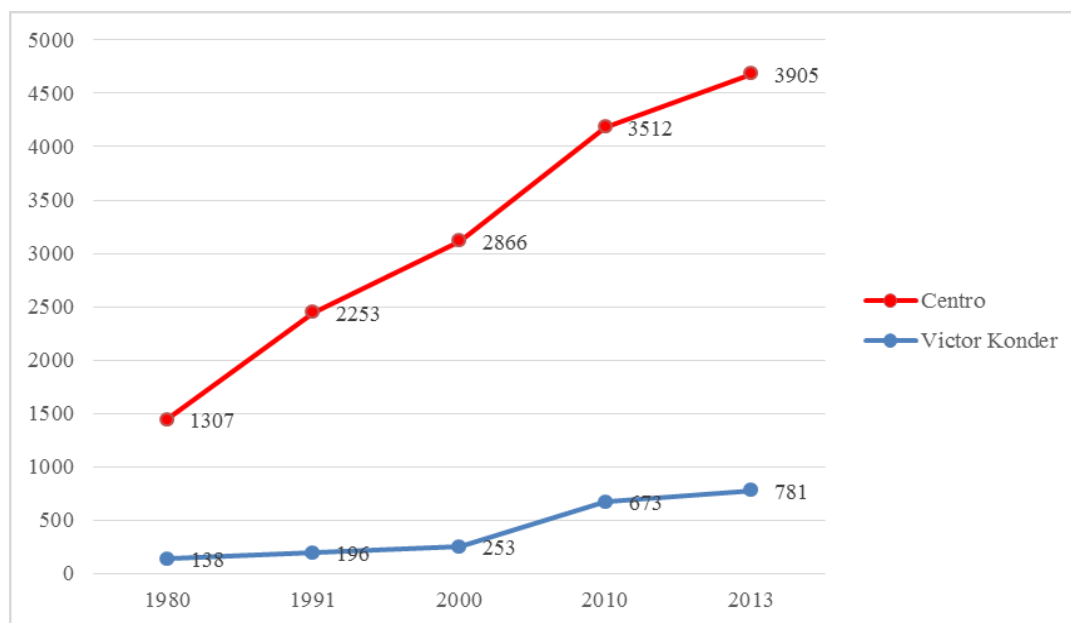
vias Avenida Martin Luther, rua São Paulo e Antônio da Veiga, enquanto nas outras vias pode ocorrer a predominância de residências, mas estas manifestam-se de maneira verticalizada (prédios).

O bairro vem passando nos últimos anos profundas transformações que alteram sua paisagem e denotam novos usos às formas já existentes. Uma intensa verticalização também se observa, principalmente após as enchentes de 1983 e 1984.



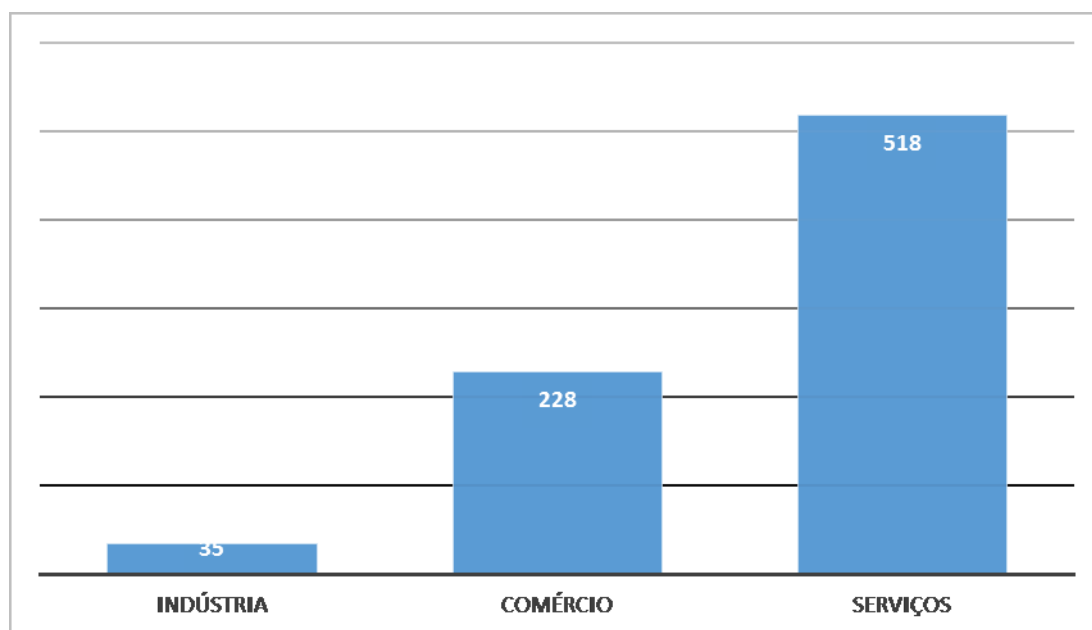
Analisando o Gráfico 8, observa-se que o número de empresas tem aumentado mais significativamente a partir do ano 2000. Os dados de 1980 e 1991 apresentam um avanço de 42%, enquanto de 2000 para 2010 apresenta um salto de 166%. No geral, os dados mostram que o número total de empresas quadruplicou de 1980 até 2013.

Gráfico 8: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO VICTOR KONDER, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Gráfico 9: EMPRESAS NO BAIRRO VICTOR KONDER DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

O Gráfico 9 mostra que 66 % das empresas do bairro Victor Konder é do setor de serviços. O comércio, por sua vez, representa apenas 29 %, e as indústrias são praticamente inexpressivas. O motivo mais óbvio que emerge ao analisa-lo espacialmente e ao conversar com proprietários e funcionários de empresas locais, é o fato desse bairro ficar ao lado do centro de cidade, sendo um local de passagem obrigatória para quem precisa ir até o centro da cidade.

Apesar da quantia de comércios não acompanhar de perto o número de serviços, comerciantes do bairro alegam que este oferece algumas vantagens para quem quer começar um negócio. É o caso de Ronaldo Borba, proprietário da “Bier Lagerhaus” (*Figura 17*), empresa especializada em cervejas que se aproveita da imagem positiva que a cidade passa perante ao setor cervejeiro (anexo). Este conta que escolheu o bairro Victor Konder, além de ser perto de sua moradia, mas também por ser próximo da Furb (universidade) e isso proporcionar uma boa movimentação e uma vida noturna mais ativa. Isso já mostra que a loja de 40m², 1 funcionária (esposa do proprietário) e apenas 7 meses de existência abarca com mais facilidade uma clientela que circula e mora no entorno. Como perspectiva futura o proprietário afirma o interesse de expandir para outras cidades.

Figura 17: “Bier Lagerhaus” no bairro Victor Konder



Numa linha um pouco diferente encontra-se a “Ponsoni”. Segundo Edel Lanser, antiga funcionária, esta loja especializada em móveis para escritório existe

desde 1997, mas está desde 1999 no atual ponto (anexo). Ela afirma que o motivo de escolha do local foi a disponibilidade de terreno para construção da loja. Nesse meio tempo foi necessário a loja ampliar seu espaço para atender a demanda. Atualmente conta com 300m² e 15 funcionários (apenas 5 na loja). Por oferecer um produto mais específico, a clientela é bem diversificada quanto ao local de origem, abarcando tanto a cidade de Blumenau, como também os municípios vizinhos.

Figura 18: Loja “Ponsoni” no bairro Victor Konder



Já no caso da “Body House” (**Figura 19: “Body House” no bairro Victor Konder**), loja especializada em suplementos e acessórios para musculação, a história foi um pouco diferente. Mateus dos Santos, funcionário da loja, afirma que a loja já existia e foi comprada pelo atual proprietário numa postura de monopólio, buscando adquirir lojas deste ramo para ampliar seu negócio e eliminar a concorrência (anexo). A loja que já possui 8 anos, conta com 45m² e 2 funcionários. Durante esse meio tempo o faturamento aumentou, fazendo com que o proprietário expandisse seu negócio para outras partes da cidade e até para outros municípios, instalando uma loja em Florianópolis. A relação com o entorno é próxima por causa da intensa circulação de

universitários nas redondezas. Como perspectiva futura o funcionário alega apenas que o proprietário pretende manter a política expansiva.

Figura 19: “Body House” no bairro Victor Konder



De fato, as empresa no bairro (

Figura 20) aproveitam o fato deste bairro servir de acesso ao centro da cidade e também pela intensa circulação da universidade. A população residente divide-se entre estudantes e população de alta renda nas ruas transversais, uma vez que estas passam

por intenso processo de verticalização, abrigando prédios de apartamentos voltados para um público mais específico.

Figura 20: Bairro Victor Konder



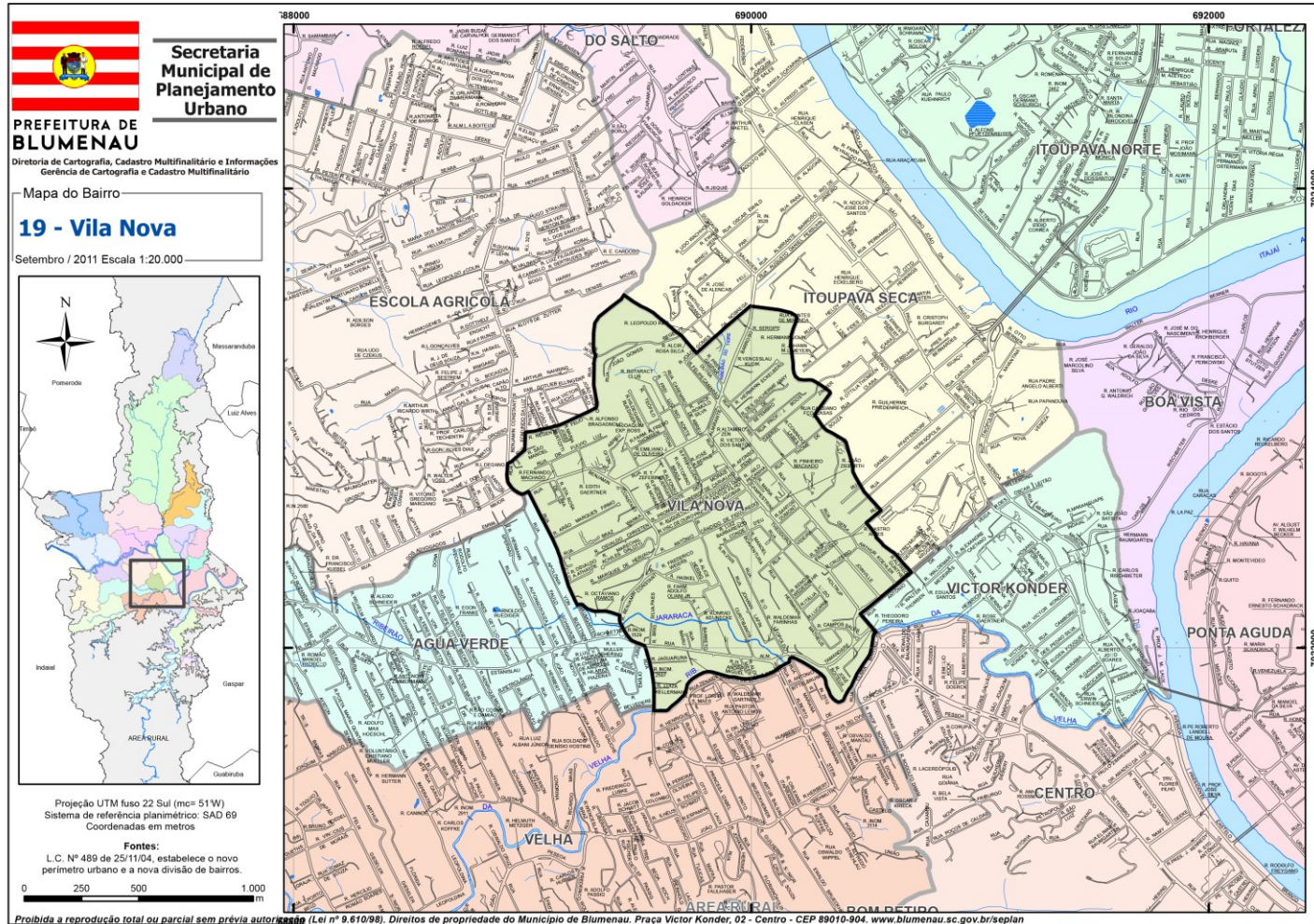
3.2. Vila Nova

O bairro da Vila Nova, assim como a maioria dos outros bairros, foi oficializado pela Lei nº. 717, de 28 de abril de 1956. Ele recebe este nome por ter sido uma área de ocupação recente, sendo que o primeiro loteamento foi aberto em 1924 (Figura 21).

O bairro Vila Nova se situa na região Central do município de Blumenau e se limita, ao norte, com os bairros Escola Agrícola e Itoupava Seca e, ao sul, com o bairro Velha; a leste, com os bairros Itoupava Seca, Victor Konder e Centro e, a oeste, com os bairros Água Verde e Escola Agrícola.

A população do bairro variou de 5653 em 1980, para um avanço tímido de 0,28%, chegando a 5669 em 1991. Mais tarde observa-se um avanço mais significativo de cerca de 20%, chegando a 6787 em 2000. Dados mais recentes apontam que o bairro atingiu a marca de 8678 em 2010, mostrando um aumento de 53% desde 1980.

Figura 21: Mapa de localização do bairro Vila Nova



Fonte: SEPLAN – PMB.

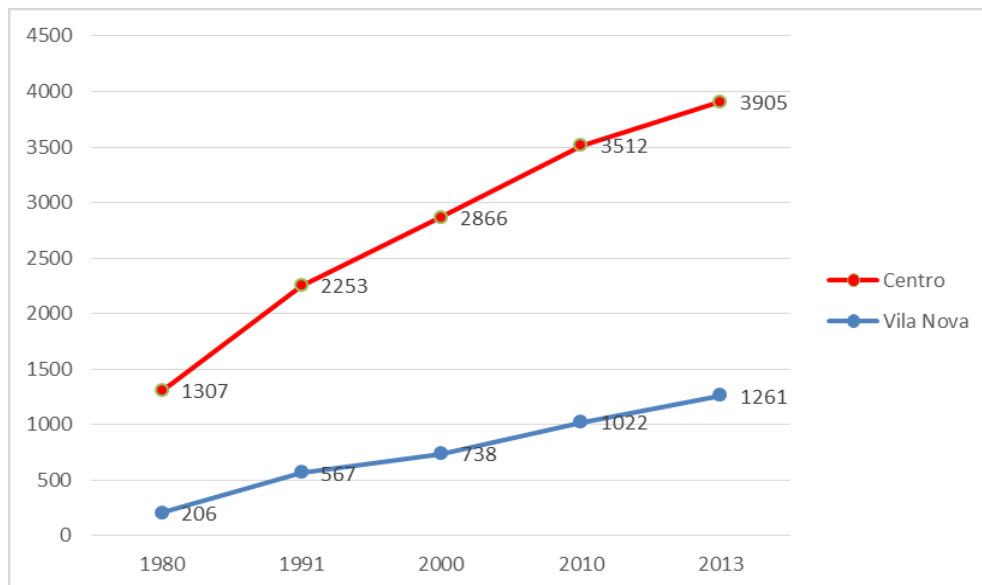


O bairro é responsável por abrigar o SINE (Sistema Nacional de Emprego), a GERED (Gerência Regional de Educação da Secretaria Estadual da Educação) e uma unidade de Pronto Atendimento da Unimed.

O Gráfico 10 mostra que o número de empresas no bairro vem passando por um aumento gradativo, sem picos de expansão. O aumento mais significativo foi entre 1980 e 1991, quando o número de empresas apresentou um salto de 175%. Nos anos

seguintes de 2000, 2010 e 2013, o aumento representou 30%, 38% e 23% respectivamente.

Gráfico 10: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO VILA NOVA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)

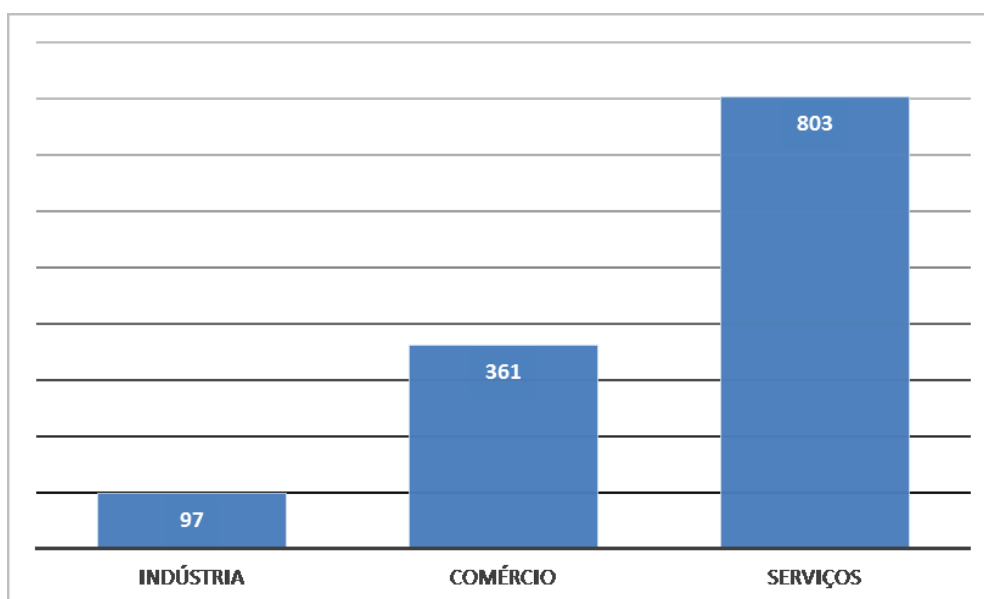


Fonte: SEPLAN

Elaboração: autora

Contudo, o Gráfico 11 mostra o perfil do bairro voltado para o setor de serviços, já que este toma cerca de 64% da quantia total de empresas em 2013. O comércio acaba por somar cerca de 29% do total. A indústria novamente mostra-se inexpressiva, somando apenas 7%.

Gráfico 11: EMPRESAS NO BAIRRO VILA NOVA DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte: SEPLAN

Elaboração: autora

De fato o bairro tem algumas características próprias, como por exemplo a concentração de uma população de mais alta renda. Foi esse o motivo que a funcionária da loja “Cah Botique”(Figura 23), Milena Borges, alegou ser a razão da proprietária escolher o bairro Vila Nova para implantar seu negócio (anexo). A loja de 60m², aberta em 2016, possui apenas 2 funcionárias e reúne uma clientela mais próxima ao bairro. A funcionária que cedeu a entrevista alega que a proprietária não tem vontade de ampliar ou diversificar, mas apenas manter o ponto já existente.

Figura 23: Loja “Cah Boutique” no bairro Vila Nova.



Diferentemente da loja “Retok” (

Figura 24), que possui uma característica mais antiga ao reunir num mesmo local roupas femininas, cama, mesa e banho. A loja já está em funcionamento desde 1991 e a proprietária que cedeu a entrevista (anexo), Sônia Maria Pereira, afirma que o local foi escolhido por ser próximo a moradia e porque, na época, os preços eram baixos naquela região. A loja, ao longo do tempo, mudou de lugar, começando num ponto com aspecto mais de residência, e mudando-se depois para um prédio maior, com cerca de 110m². Atualmente, o ponto inicial abriga uma vertente dessa mesma loja, mas com o

foco mais para decorações. Como perspectivas futuras a proprietária afirma que quer apenas manter as lojas em funcionamento.

Figura 24: Loja “Retok” no bairro Vila Nova.



Indo numa vertente mais diferenciada, foi entrevistada também a proprietária da “Bonatti Ferramentas e Afições” (

Figura 25). Tatiana de Sousa Bonatti (anexo) afirma que a escolha do bairro Vila Nova tem a ver com a acessibilidade, uma vez que seus clientes vêm de vários locais, pois esta oferece um serviço mais especializado. Além da venda de ferramentas, principalmente voltado às marcenarias, o serviço de afiação de serras também é

oferecido. A proprietária afirma ainda a vontade de ampliar seu negócio, que atualmente conta com uma sala comercial de 45m².

Figura 25: Loja e serviços “Bonatti”, no bairro Vila Nova.



De um modo geral, ao circular pelo bairro (Figura 26) observa-se duas épocas distintas coexistindo. Uma população mais antiga do bairro atualmente divide seu espaço com uma população mais recente, com um poder aquisitivo maior. Por isso é possível observar simultaneamente no bairro lojas mais antigas voltadas para um público mais simples, mas também lojas mais elegantes voltadas para uma população

mais abastada financeiramente. Esse fato manifesta-se principalmente em lojas boutiques e de decorações de interiores. Além é claro, da proximidade com o centro que o bairro desfruta.

Figura 26: Bairro Vila Nova



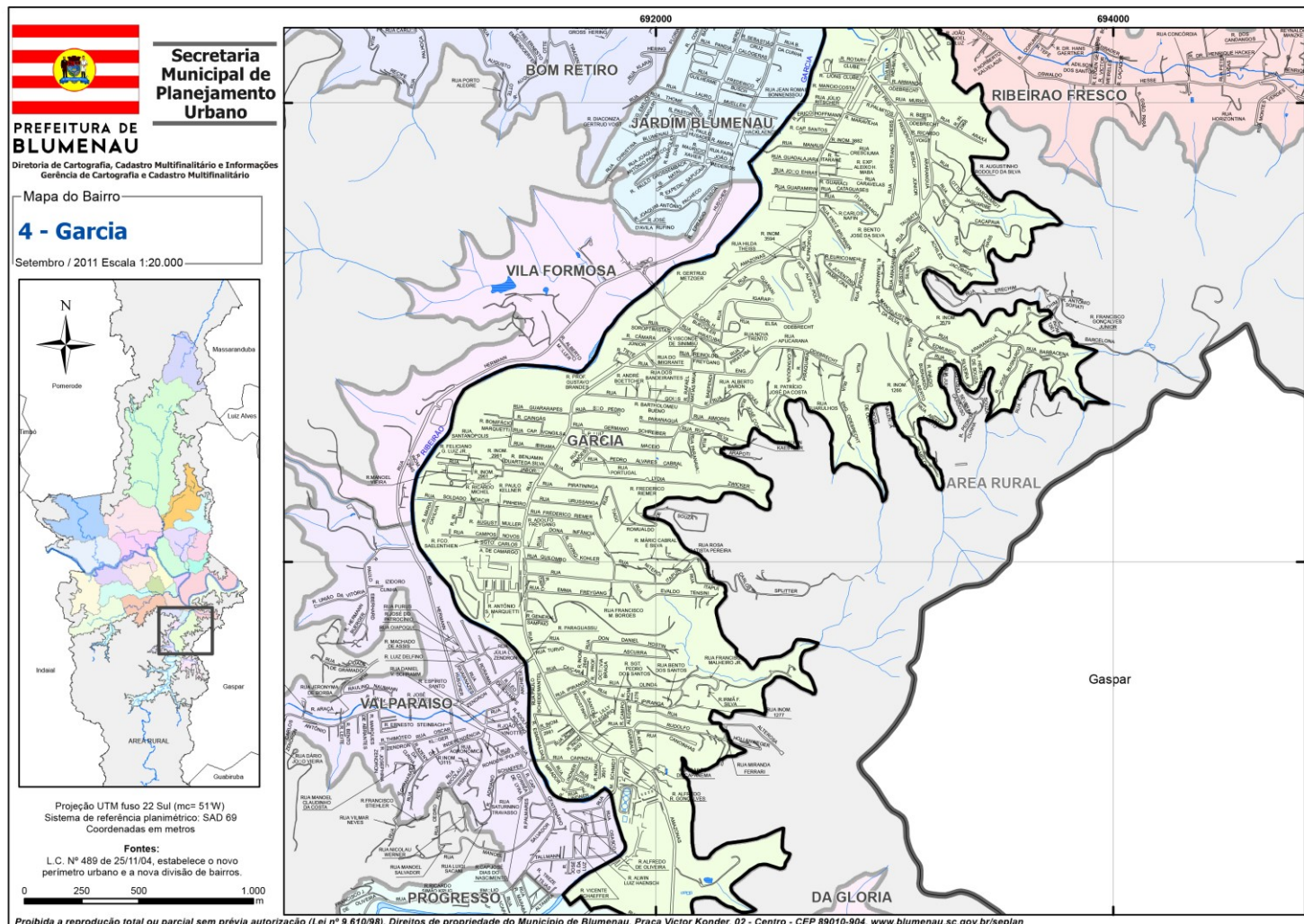
3.3. Garcia

O bairro Garcia é um dos mais tradicionais, tendo sua localidade representada já no mapa da colônia de 1864. Este recebe essa denominação devido ao fato de haver

moradores oriundos da região do rio Garcia, em Camboriú, antes da chegada do Doutor Blumenau (Figura 27).

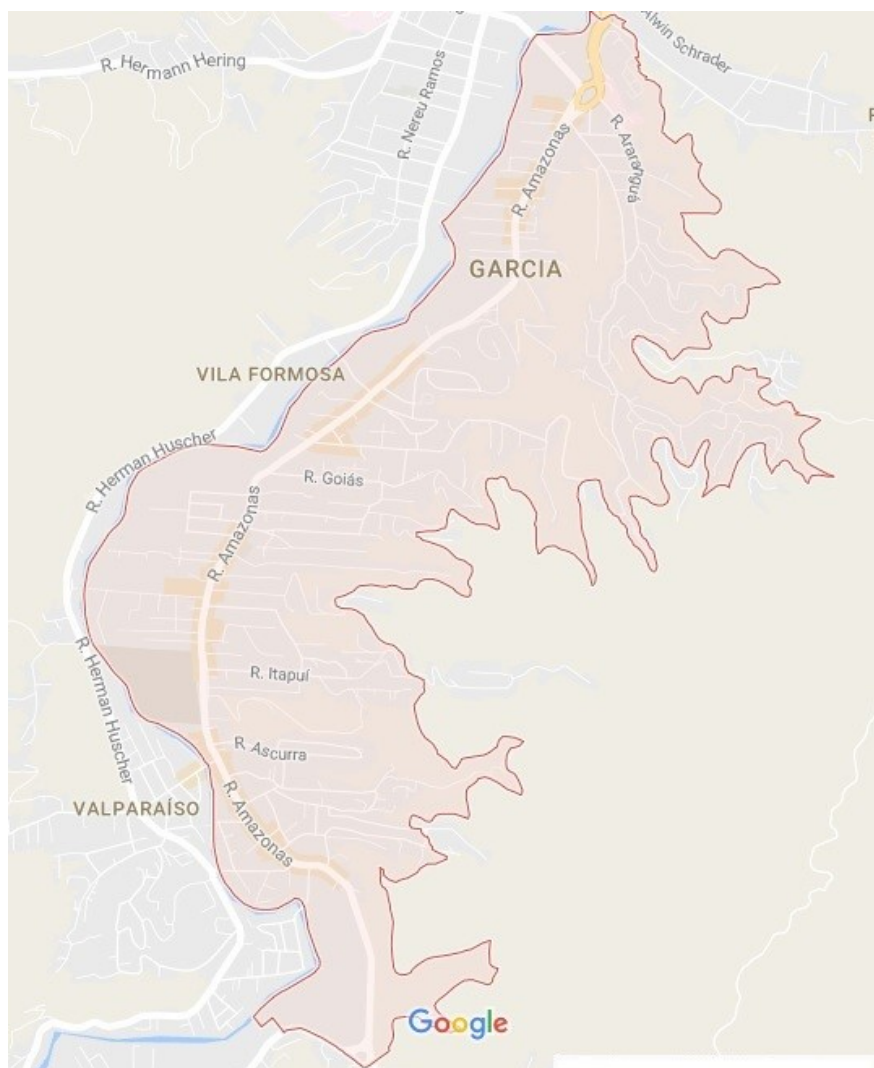
Historicamente no Distrito do Vale do Garcia constavam 56 lotes, segundo o mapa da Colônia de 1864. Os lotes começaram a ser demarcados a partir da região mais central do bairro e avançando para localidades que mais tarde se tornariam os bairros do Progresso, Vila Formosa, Valparaíso e da Glória. Seguindo o curso do ribeirão, as primeiras picadas abertas para acessibilidade aos lotes tornaram-se as principais vias do bairro, como a rua Amazonas por exemplo.

Figura 27: Mapa de localização do bairro Garcia



Fonte: SEPLAN – PMB.

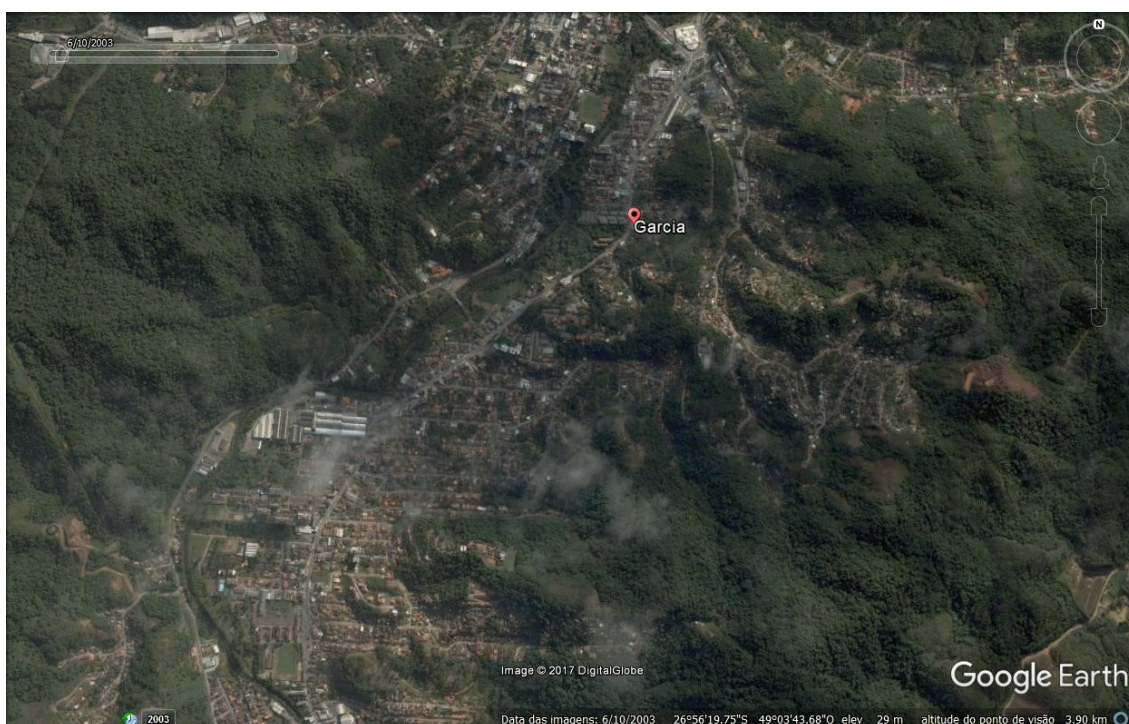
Figura 28: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Garcia e suas principais ruas.



Fonte: Software Google Maps

O bairro do Garcia localiza-se na porção centro-sul do território blumenauense e limita-se ao norte com os bairros Ribeirão Fresco e Centro, ao leste com a área rural do município, ao oeste com os bairros jardim Blumenau, Vila Formosa e Valparaíso e ao sul com os bairros Glória e Progresso. A área urbana do bairro atinge 4,53 km².

Em 1980 o bairro já contava com uma população de 13989 habitantes, passando por um aumento de 10% e alcançando a marca de 15474 habitantes em 1991. Já para o ano 2000, houve uma redução de cerca de 7% na população do bairro. O crescimento retorna em 2010 quando o bairro atinge a marca de 16899 habitantes, totalizando um aumento de 20% desde 1980.



Alguns fatores a serem considerados referentes à dinâmica populacional do bairro, é que este é suscetível a cheias em períodos com concentração de chuvas. De fato, a rua Amazonas, principal rua do bairro, não apresenta uma cora hipsométrica muito alta, fazendo com que enchentes sejam comuns nessa região da cidade. Até então o crescimento no bairro só é retomado quando a cidade como um todo passa a alterar sua

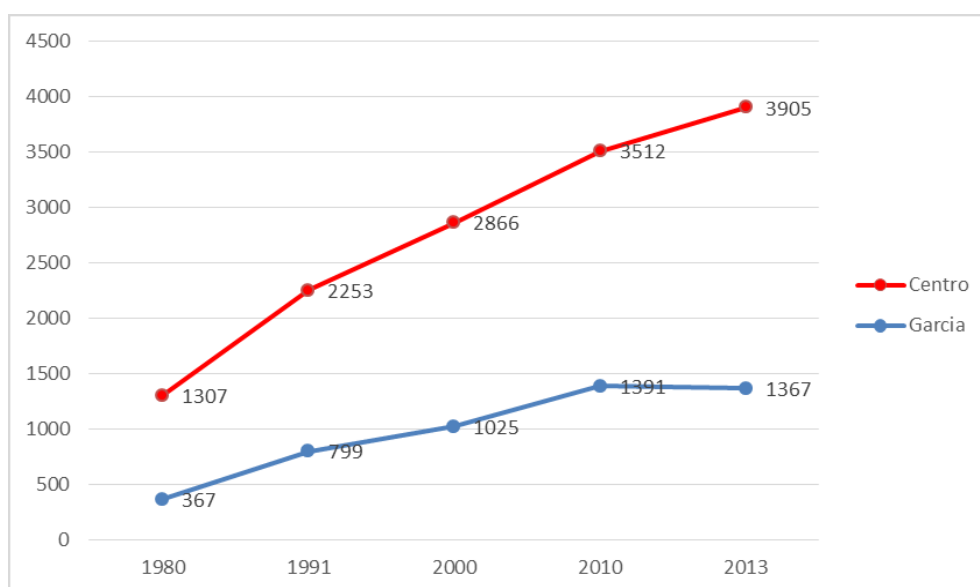
paisagem com o intenso processo de verticalização, pois diferentemente das residências, os apartamentos passam uma segurança maior durante períodos de enchentes.

Historicamente o bairro abrigou importantes industriais como a “Empresa Industrial Garcia”, a “Artex” e a sede blumenauense da “Souza Cruz”. No presente momento, os estabelecimentos industriais perdem um pouco mais o espaço para os estabelecimentos comerciais e de serviços. No geral neste bairro, estes estabelecimentos concentram-se ao longo da rua Amazonas e outras vias de menor importância (Figura 28).

O processo de verticalização é intensificado não só pelo crescimento iminente da cidade, mas também por causa da fragilidade do bairro perante as enchentes. As moradias passam a acomodar-se nas vias perpendiculares à via principal, que normalmente possuem uma cota hipsométrica maior. Contudo, os morros também podem apresentar uma ameaça evidenciada pelos desastres de 2008, fazendo com que a população esteja sempre em risco de enchentes nas áreas planas e deslizamentos de terra nos morros.

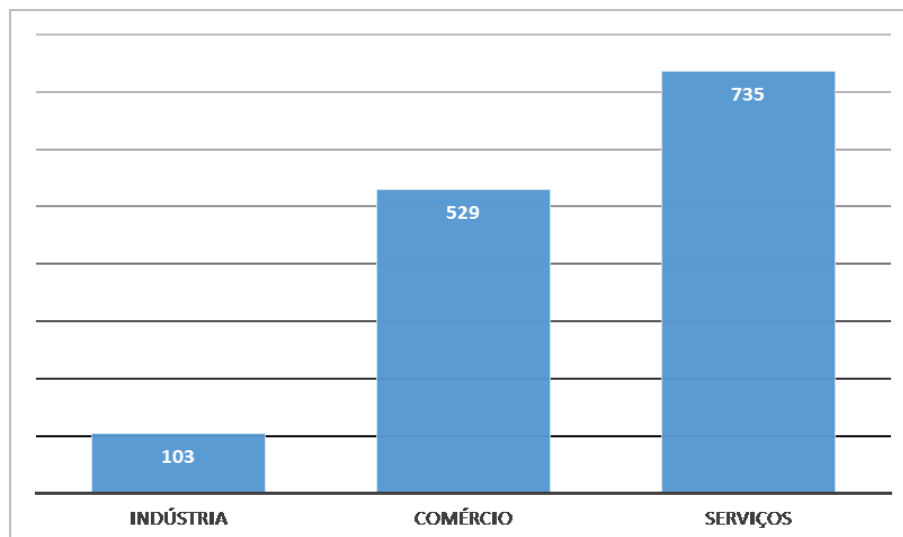
Apesar disso, o bairro Garcia teve sua consolidação desde o período industrial e o Gráfico 12 mostra um pouco da evolução que ocorreu no bairro. Inicialmente, de 1980 até 1991 o número total de empresas dobrou em cerca de 118%. De 1991 até 2000 e de 2010 o aumento foi menor e mais constante, somando 28% e 35% respectivamente. Contudo, há uma pequena diminuição de cerca de 2% entre os anos de 2010 e 2013.

Gráfico 12: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO GARCIA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Gráfico 13: EMPRESAS NO BAIRRO GARCIA DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

O Gráfico 13, por sua vez, mostra que o número de comércio e serviços estão mais pareados de certa forma. O comércio abarca cerca de 38% e o setor de serviços soma 53%. As atividades industriais ficam com a soma de 7%.

De fato a proximidade com o centro e o fato do bairro estar situado na zona distrital do Grande Garcia, faz com que o Garcia (Figura 29) tenha uma movimentação e fluxo constante. Os bairros da região sul passaram por momentos de grande expansão, uma vez que boa parte das indústrias localizavam-se neste bairro.

Figura 29: Bairro do Garcia



Esse fluxo de pessoas é o que fez Eduardo Roberto Bittencourt, proprietário da H. Bitten (Figura 30), a instalar sua loja de roupas masculinas num ponto da rua Amazonas no bairro Garcia. Este já era morador do bairro e mantém uma loja de 70m² com apenas dois funcionários da família trabalhando. Sua loja está em funcionamento desde 2011 e a relação com o bairro é próxima, mas também há uma clientela de bairros próximos. Segundo o próprio dono (anexo), 60% dos clientes são do bairro Garcia e outros 40% são de fora. Este ainda afirma que sente vontade de abrir uma segunda loja no bairro Escola Agrícola ou em outro bairro, projetando-se para a região norte da cidade.

Figura 30: Loja “H. Bitten” no bairro Garcia.



Numa linha um pouco mais diferenciada para um bairro, observamos a loja “Alternativa” (Figura 31) inserida no supermercado Cooper, que mantém em sua dependência um pequeno centro comercial com diferentes comércios (anexo). Esta loja focada em bijuterias e acessórios já existe desde 1992, mas neste ponto do Garcia especificamente, desde 2014. Segundo a funcionária Priscila Weingaertner, a proprietária herdou a loja da mãe, que iniciou as atividades num ponto no centro da

cidade. Contudo, as dificuldades com o aluguel fez com que a loja mudasse, primeiramente para a Cooper do bairro Água Verde, e depois para a Cooper do bairro Garcia. A clientela vem do próprio supermercado e são proveniente sobretudo do próprio bairro. Como perspectivas futuras, segundo a funcionária, a proprietária deseja apenas manter os dois pontos.

Figura 31: Loja “Alternativa”, inserida na filial do Supermercado Cooper do bairro Garcia



Nesse mesmo local observamos uma filial da “Ortobom Colchões”. Segundo o gerente da franquia Allan Vergílio Felizzete, o ponto foi escolhido pela própria empresa Ortobom através de um grupo de prospectores que acharam viável devido ao ponto ficar bem em frente a uma esteira rolante com fluxo intenso de clientes do supermercado. A franquia conta com 4 funcionários e um espaço de 2014. O proprietário, que possui outra franquia em Gaspar, não demonstra nenhuma perspectiva futura, segundo o gerente da loja.

Figura 32: Franquia da “Ortobom”, inserida na filial do supermercado Cooper do bairro Garcia



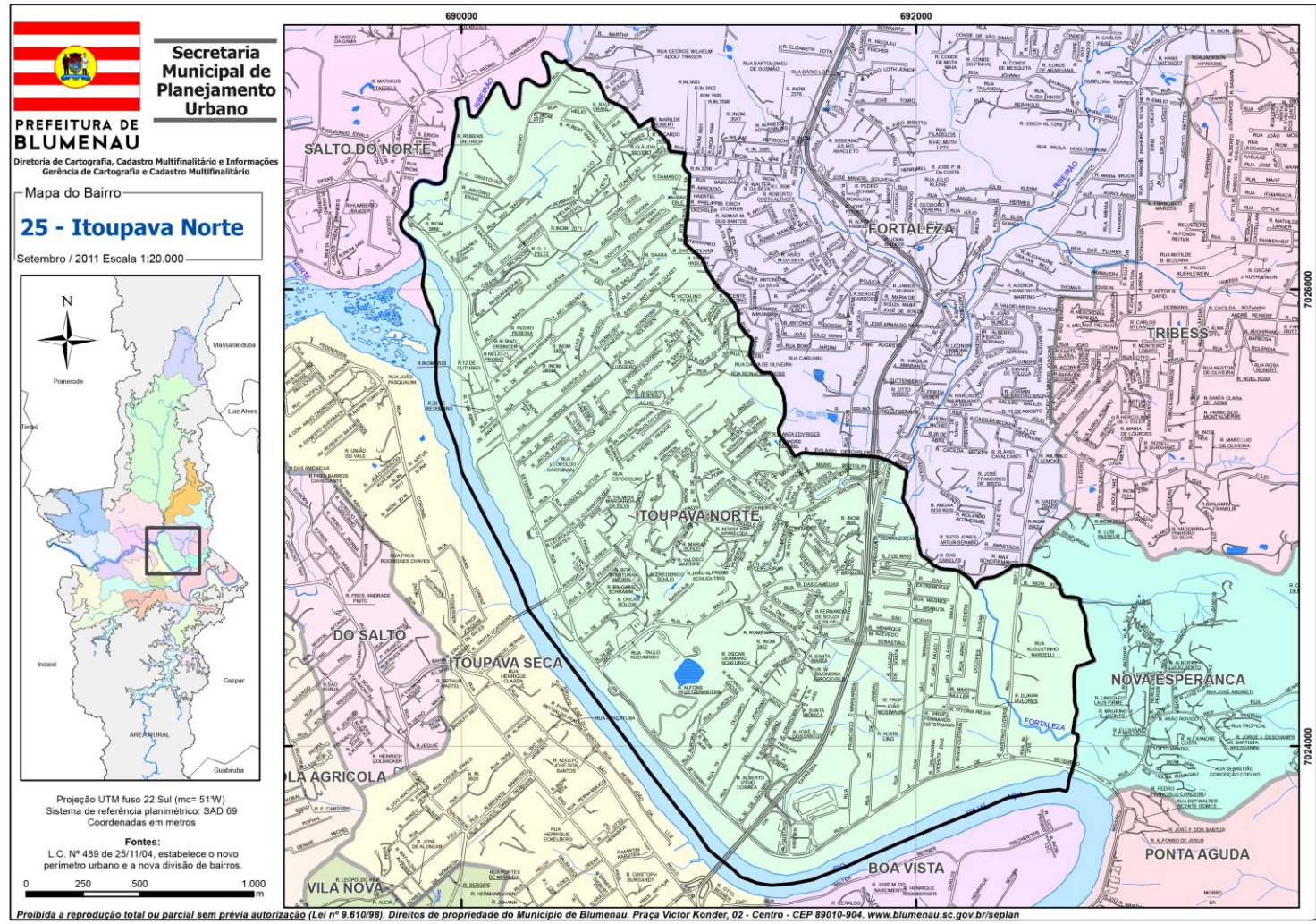
De fato o bairro do Garcia passou por momentos distintos, desde os primórdios ligado às primeiras indústrias, até uma significativa expansão populacional que mais tarde veio a sofrer com a suscetibilidade a enchentes da região, até a atualidade onde o bairro desfruta de sua consolidação como local de circulação e acesso de toda a população da região sul ao centro da cidade.

3.4.Itoupava Norte

O bairro da Itoupava Norte já figurava no mapa da Colônia Blumenau, de 1864, mostrando uma parte da futura rua 2 de setembro que dependia de balsa para o acesso. A evolução do bairro está intimamente ligada à presença da empresa Teka que juntou aos arredores de sua sede vilas operárias (Figura 33).

O bairro localiza-se na porção centro-norte do território blumenauense e limita-se ao norte com o bairro da Fortaleza, ao leste com o bairro Nova Esperança, ao oeste com o bairro Salto do Norte e ao sul ele é delineado pelo próprio rio Itajaí-Açu.

Figura 33: Mapa de localização do bairro Itoupava Norte



Fonte: SEPLAN – PMB.

A principal via do bairro é a rua 2 de setembro. Nesta via concentram-se grande parte dos estabelecimentos comerciais e de serviços. Outra via importante é a via expressa Fritz Koegler, que recentemente ganhou importância ao dar acesso a um dos *shoppings* da cidade, o Park Europeu Shopping.

Além do *shopping*, o bairro também é responsável por abrigar o Terminal Rodoviário (em 1980, já num processo de descentralização de serviços do Centro da cidade) e a própria via expressa Fritz Koegler que permite o acesso direto à BR-470.

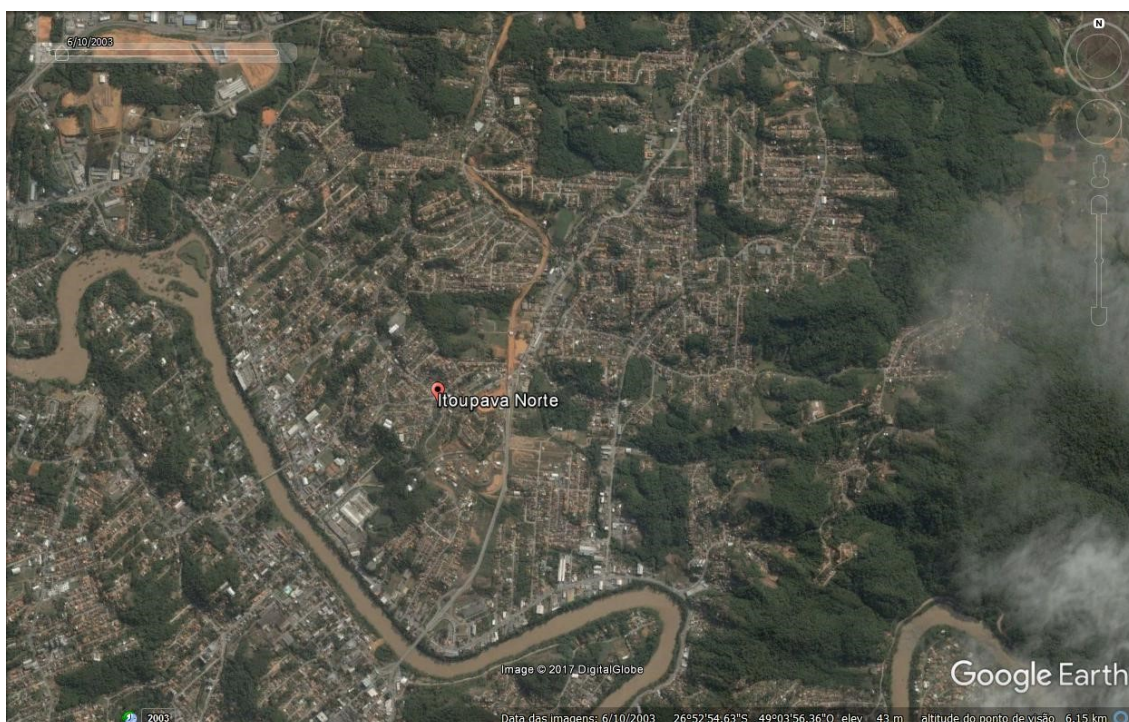
Figura 34: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Itoupava Norte e suas principais ruas.



Fonte: *Software Google Maps*

Os dados populacionais do bairro indicam que em 1980 já havia uma população de 11953 habitantes. Mais tarde observa-se um aumento de 18%, alcançando a marca de 14147 habitantes. Já em 2000, observa-se um aumento mais tímido de 1%,

fazendo com que a população não passe dos 14311 habitantes. Em 2010, o número de habitantes chega em 16016, contabilizando um aumento total de 33% desde 1980.

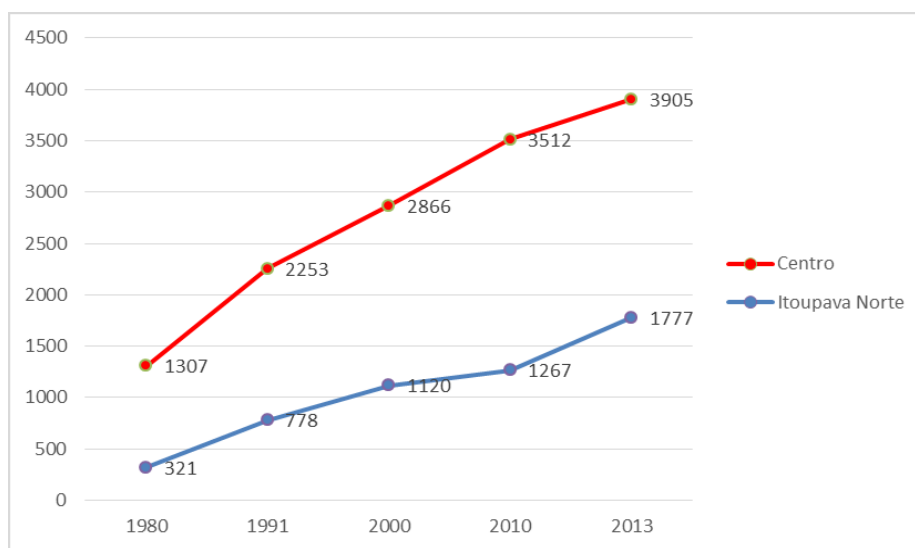


De fato, os dados referentes à população indicam a importância deste bairro. Seu crescimento dá-se em torno de indústrias como a “Teka”, que reunia em seu entorno vilas operárias. Não demorou para que o bairro desenvolvesse seu próprio

centro com agências bancárias e lotéricas, numa época em que não era comum essas atividades financeiras estarem descentralizadas na cidade.

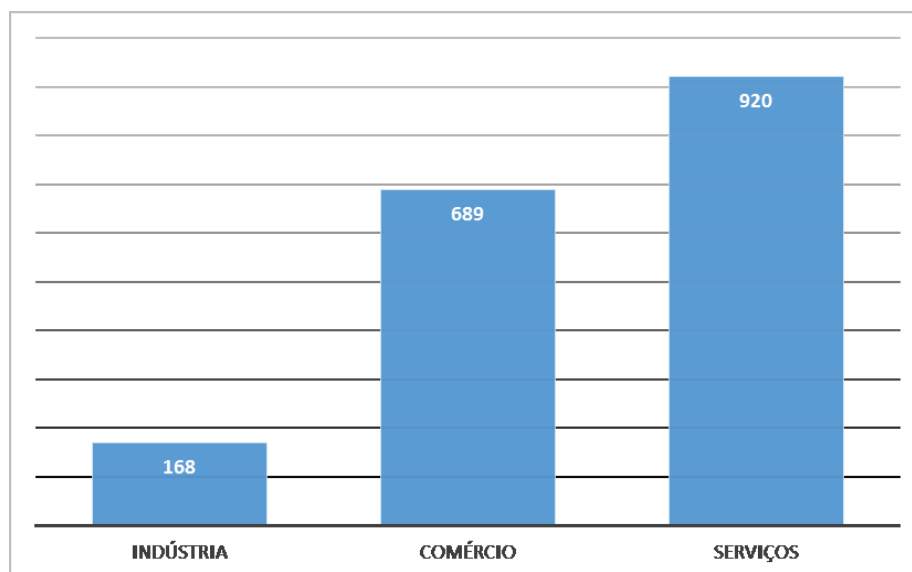
Os dados do bairro Itoupava Norte mostra que o total de empresas no bairro tem crescido, mas com um aumento maior nos últimos anos. Entre 1980 e 1991 o aumento foi de 142% e entre 1991 e 2000 de 43%. Entre 2000 e 2010 o aumento foi mais tímido, representando apenas 13%. Contudo, entre 2010 e 2013, volta a ter um crescimento considerável, apresentando-se na soma total de 40%.

Gráfico 14: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ITOUPAVA NORTE, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Gráfico 15: EMPRESAS NO BAIRRO ITOUPAVA NORTE DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

O Gráfico 15, mostra o perfil do bairro bem distribuído entre as atividades comerciais e o setor de serviços, contabilizando 38% e 51%, respectivamente. Até então, o bairro Itoupava Central é o que mais apresentou atividades industriais, apesar desta somar apenas 9% do montante.

O comércio e escritórios de serviços são mais tradicionais nesse bairro. É o caso da “Tecibom” (Figura 35), loja especializada em têxteis do segmento de cama, mesa e banho. Segundo o proprietário Johnson Plautz (anexo), a loja fundada em 1992 está localizada neste bairro por causa da intensa circulação e por causa do caráter comercial da rua 2 de setembro. Atualmente a loja de 250m², conta com apenas 4 funcionários e a perspectiva futura do proprietário é de apenas manter a loja, sem ampliar ou diversificar a atividade.

Figura 35: Loja “Tecibom” no bairro Itoupava Norte



Seguindo uma mesma linha, encontra-se a loja “Palestra Esportes” (Figura 36), especializada em artigos esportivos. Assim como a “Tecibom”, essa loja também iniciou seu funcionamento a partir de 1992. O proprietário Jean Correia (anexo) afirma que na época em que a loja abriu, não existiam muitos bancos na região norte da cidade,

o que atraia muitos clientes para o local que se encontra em frente a uma agência do Banco do Brasil e do lado de uma lotérica. A loja de 120m² conta atualmente com 3 funcionários. O proprietário já contou com uma experiência de expansão de negócios, uma vez que este chegou a comprar um ponto já existente e manter uma filial da no bairro da Fortaleza durante três anos. No entanto, uma série de dificuldades fez com que o proprietário optasse por manter apenas a loja na Itoupava Norte.

Figura 36: Loja “Palestra Esportes” no bairro Itoupava Norte



Ainda na perspectiva de comércios mais tradicionais desse bairro, encontra-se a “Blupapel” (Figura 37), papelaria que já atua no mercado há 30 anos. Nesta empresa, a gerente Silmara da Silva de Souza (anexo) afirma que os atuais proprietários compraram o negócio pronto 15 anos atrás. O motivo inicial para a abertura era a demanda local, uma vez que na proximidade situa-se a Escola Estadual João Widemann. A papelaria conta com 100m² e com a mão-de-obra de 2 funcionários. A perspectiva futura dos proprietários, segundo a própria gerente, é de apenas manter este negócio.

Figura 37: Papelaria “Blupapel” no bairro Itoupava Norte



De fato, o bairro da Itoupava Norte (

Figura 38) parece colher os frutos de um período em que a atividade industrial era muito mais significativa para a população local, do que é atualmente. O fato de abrigar uma importante indústria, fez com que o bairro atraísse população no seu entorno e também serviços financeiros, fazendo também com que a circulação no bairro aumentasse. Atualmente o bairro mantém sua posição também por ser importante via de acesso ao centro pela crescente população residente da porção norte da cidade de Blumenau.

Figura 38: Bairro Itoupava Norte



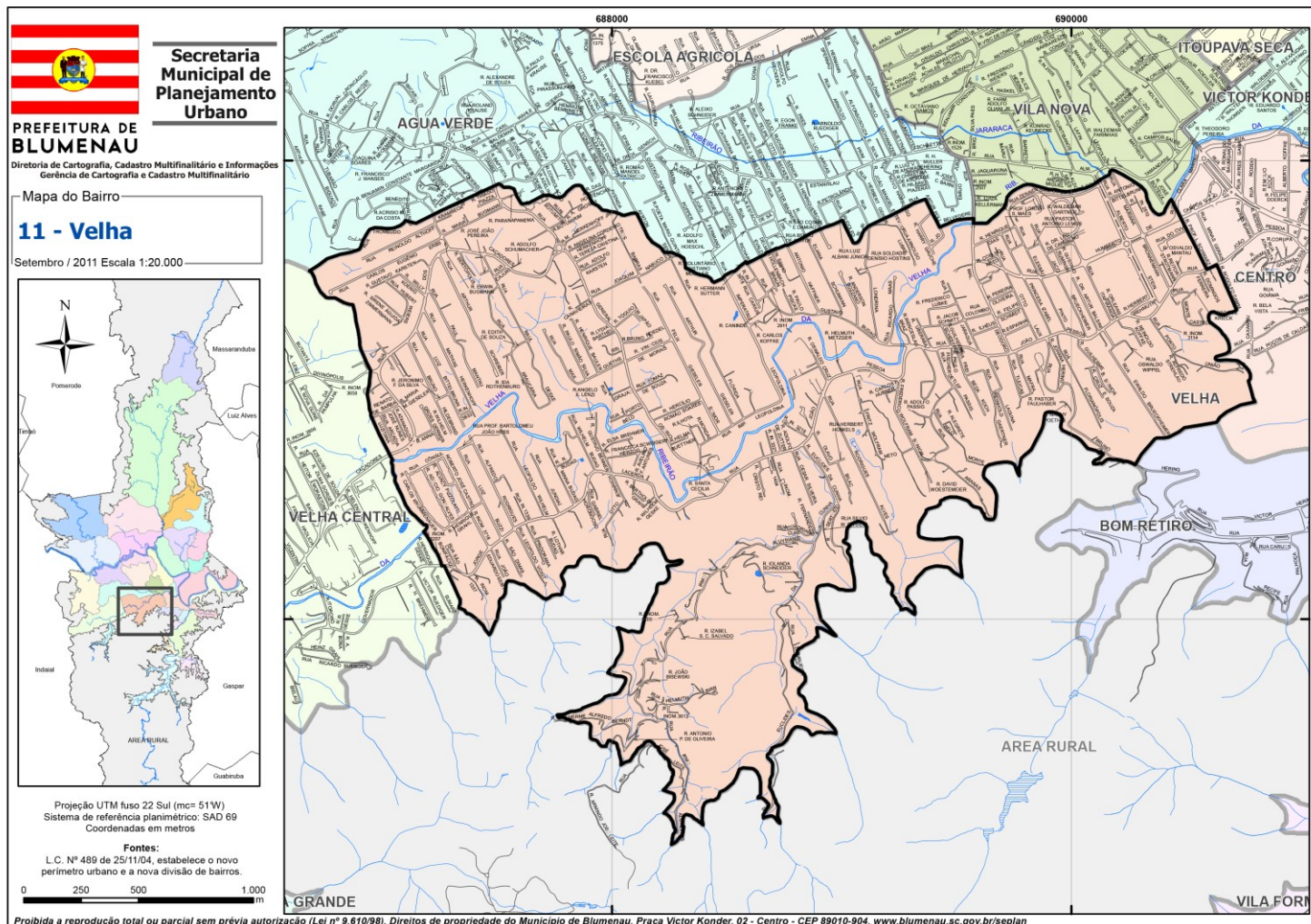
3.5.Velha

O bairro da Velha é um dos mais antigos da cidade de Blumenau. O próprio ribeirão da Velha já aparecia representado em mapeamentos iniciais da Colônia Dr. Blumenau. A área era conhecida como Velhapast, e tinha como pontos de referência os atuais ribeirão da Velha e ribeirão da Jararaca (Figura 39).

O bairro da Velha localiza-se mais na porção central do território blumenauense e limita-se ao norte com os bairros Vila Nova e Água Verde, a leste com os bairros

Centro e Bom Retiro, e a oeste com o bairro Velha Central. Ele teve sua ocupação determinada muito pelo ribeirão da Velha, que serviu de via de acesso e também de base ao processo de parcelamento inicial dos lotes coloniais. Hoje é considerado um dos bairros mais importantes da cidade.

Figura 39: Mapa de localização do bairro Velha



Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 40: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Velha e suas principais ruas.



Fonte: Software Google Maps

O bairro possui uma área urbana de 5,85 km², e conta com a Rua João Pessoa como via principal, e com as ruas do Caçadores e Gov. Jorge Lacerda como vias que alimentam diferentes extremos do bairro. Contudo, a rua General Osório também merece destaque, uma vez que esta leva a uma área de ocupação recente do bairro.

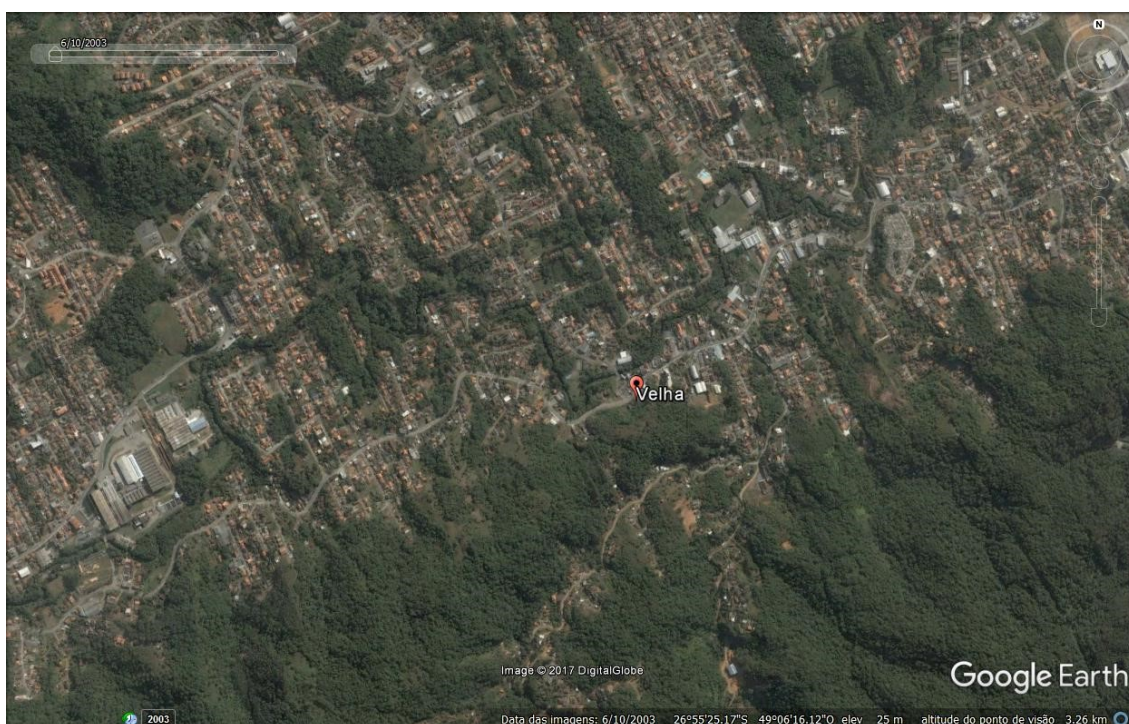
Ao longo dessas ruas é mais comum encontrar locais voltados para o comércio e a prestação de serviços, mas nas áreas mais periféricas do bairro observa-se também a presença de estabelecimentos industriais. A ocupação residencial fica mais marcante nas transversais dessas vias.

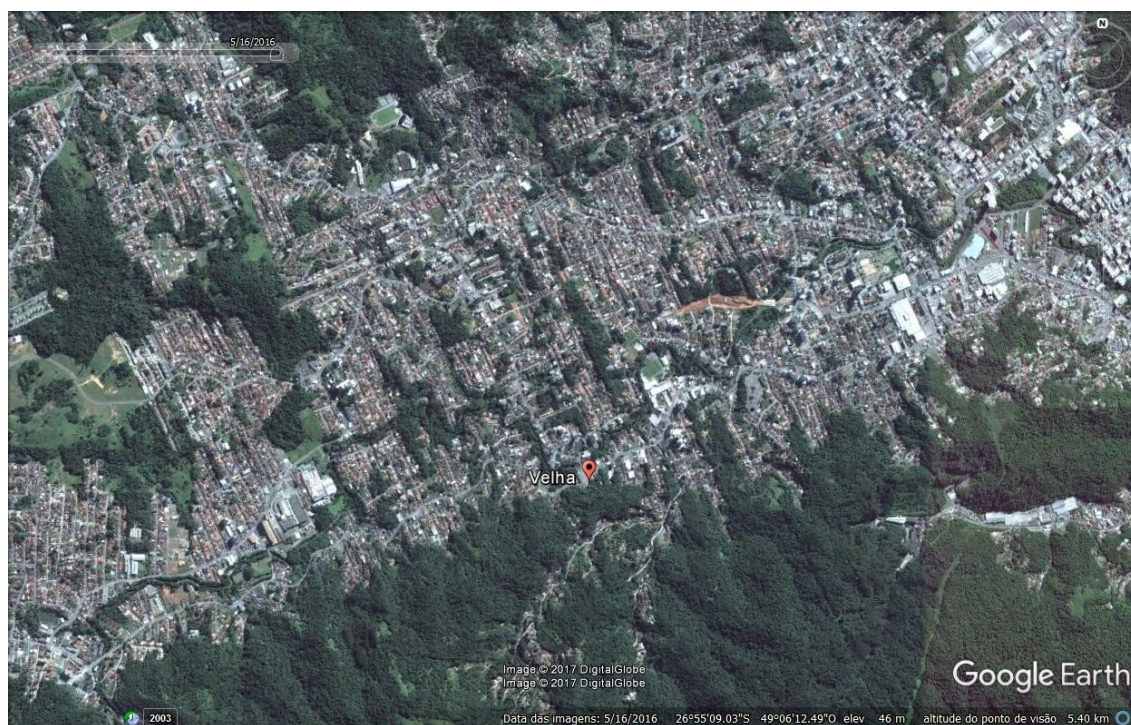
O bairro possui elevada densidade populacional, que ao longo dos anos tem crescido gradativamente. Importantes locais de interesse público, turístico, de negócios e de lazer encontram-se neste bairro, como o Parque Vila Germânica, o Parque Ramiro Ruediger, e o Fórum de Justiça da Comarca de Blumenau.

O território do bairro da Velha passou por um processo de fragmentação, que desmembrou dois outros bairros do seu território: a Velha Central e a Velha Grande.

Visto que essa fragmentação ocorreu através da Lei Complementar nº 489 de 2004, antes os dados do bairro contavam com uma abrangência maior e os efeitos quantitativos desse desmembramento são sentidos, como se pode observar nos gráficos abaixo.

Antes dessa fragmentação, os dados populacionais mostravam a expressividade desse bairro. Em 1980, o número total da população alcançava a marca de 20255 habitantes, sofrendo um aumento de 49% e alcançando a marca de 30292 habitantes em 1991. Em 2000 o bairro manteve a mesma linha de crescimento, passando por um aumento de cerca de 33% e atingindo a marca de 40254 habitantes. Contudo, em 2010 o número diminui com o desmembramento das áreas mais populacionais no bairro, e este passa a contar com uma população de 15379 habitantes, mostrando que as áreas desmembradas representavam 62% da população.

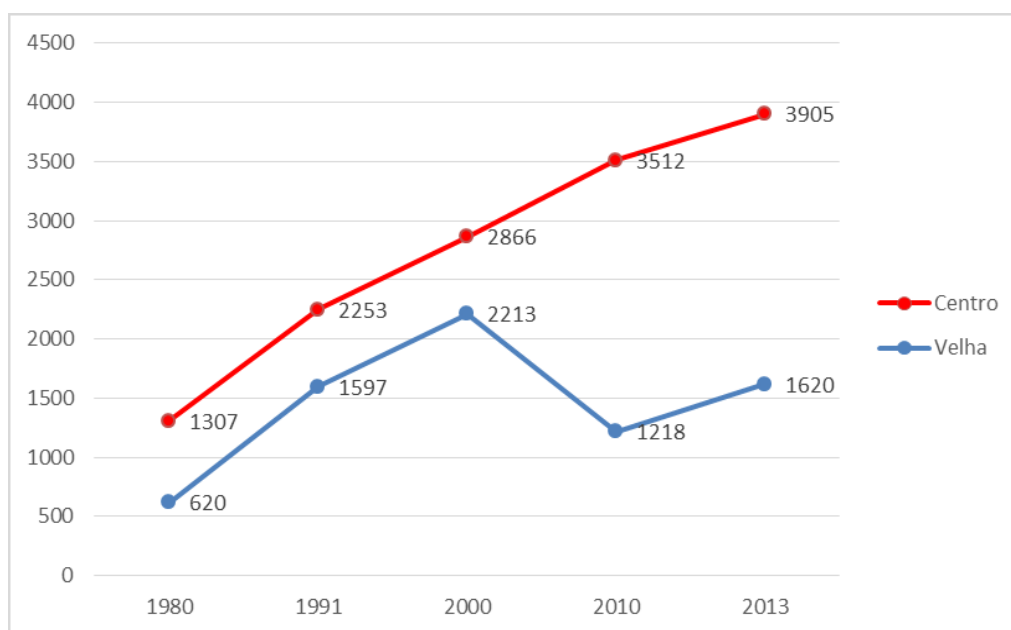




O

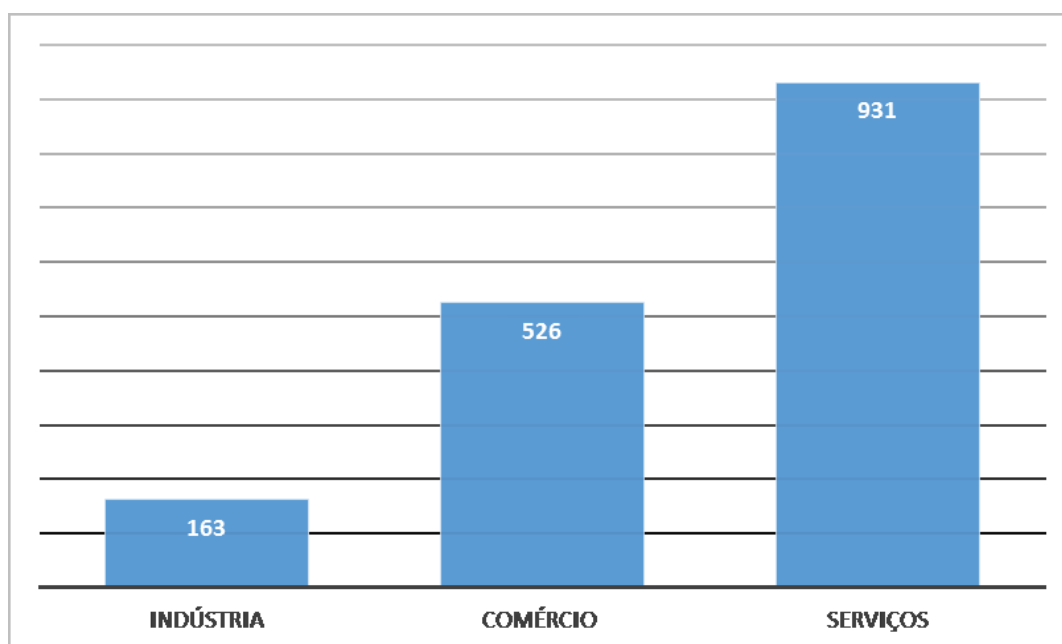
Gráfico 16 mostra que o total de empresas no bairro Velha acompanhou de perto a média do centro da cidade. Teve-se um pico de aumento entre 1980 e 1991, com 157%, e outro um pouco menor entre 1991 e 2000, com 38%. Entre 2000 e 2010, período em que ocorreu o desmembramento houve uma queda de 44%, contudo, pode-se estimar para a área remanescente do bairro que houve um crescimento de 22%, já que este vinha acompanhando de perto a evolução do centro da cidade, e as áreas desmembradas estão localizadas na zona mais periférica.

Gráfico 16: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO VELHA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Gráfico 17: EMPRESAS NO BAIRRO DA VELHA DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte: SEPLAN

Elaboração: autora

O bairro da Velha mostra sua função no Gráfico 17 muito mais associada ao setor de serviços do que às atividades comerciais. Esta última abarca 32%, enquanto o setor de serviços abarca já 57%. A indústria abarca 10% do total.

Nesta linha de empresas mais voltadas para o setor de serviços, encontramos no bairro da Velha a “BBC – Blumenau Business Center”, que é um escritório virtual, ou seja, uma empresa que loca salas para outros profissionais oferecendo também serviços de atendimento telefônico e endereço fiscal.

3.6. Itoupava Seca

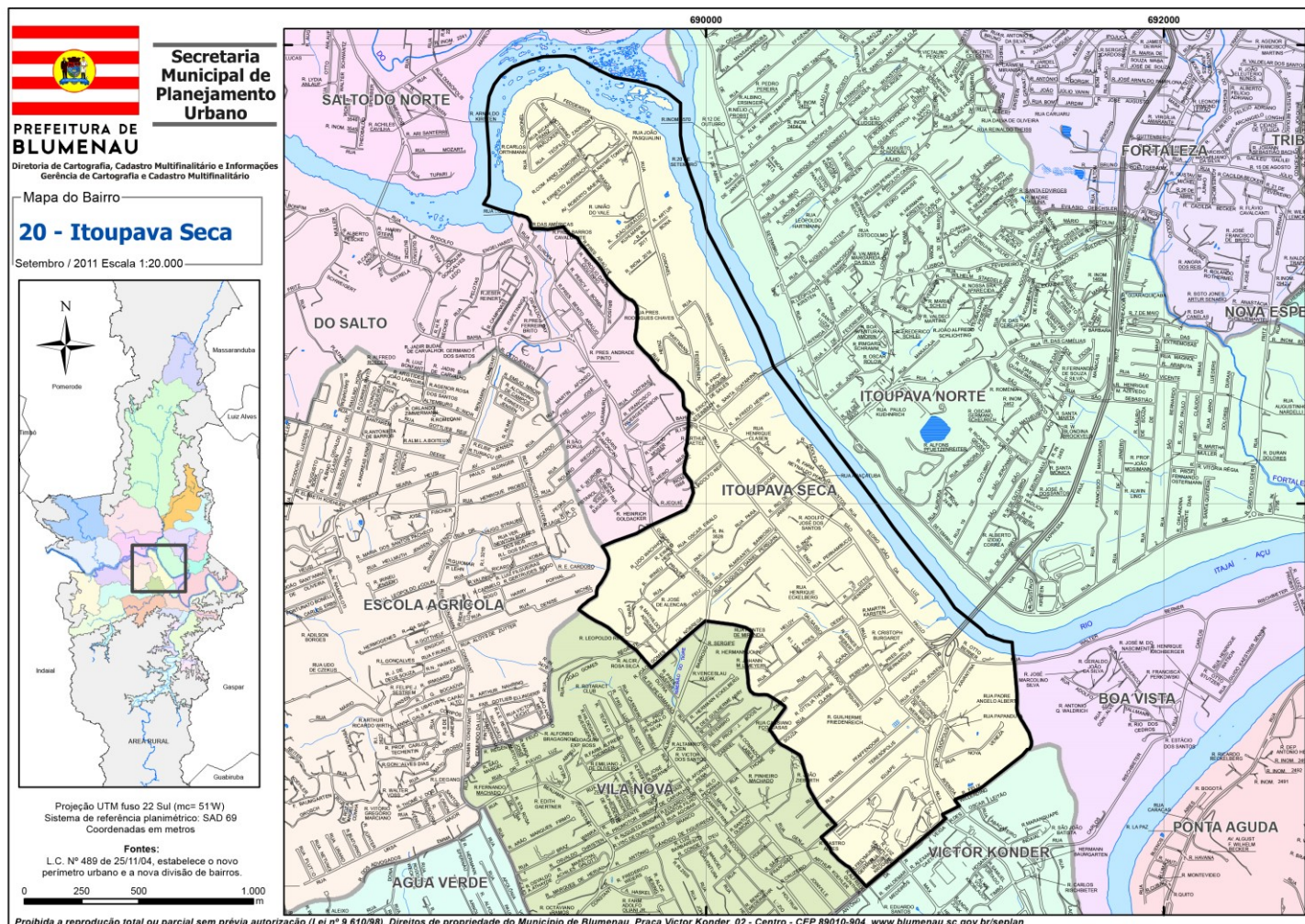
Assim como na maioria dos outros bairros, o bairro da Itoupava Seca foi criado pela Lei nº. 717 de 28 de abril de 1956. A região das Itoupavas como um todo já era conhecida antes da chegada dos colonizadores alemães, sendo que a palavra “itoupava” deriva do tupi-guarani e significa corredeiras (*Figura 41: Mapa de localização do bairro Itoupava Seca*).

Conforme a colonização deu-se em Blumenau, a localidade onde fica o atual bairro Itoupava Seca ficou conhecida por Altona, empresa que ainda atual no mesmo lugar nos dias atuais.

O bairro localiza-se na porção mais central do território blumenauense, limitando-se ao norte com o bairro Do Salto, ao sul com os bairros Victor Konder e Vila Nova, a leste, com o bairro Boa Vista, e a oeste com os bairros Do Salto, Escola Agrícola e Vila Nova. A área urbana do bairro soma 2,95 km², sendo que ao longo desta área

importantes vias tomam forma como as ruas São Paulo, Engenheiro Paul Werner e Coronel Feddersen.

Figura 41: Mapa de localização do bairro Itoupava Seca



Fonte: SEPLAN – PMB.

As ruas São Paulo, Engenheiro Paul Werner e Almirante Barroso, que são importantes vias de ligação ao bairro Vila Nova, são as vias onde se concentram a maior quantidade de estabelecimentos voltados ao comércio e à prestação de serviços, tendo nelas baixa ocupação por residências. Contudo em vias secundárias, a ocupação predominante continua sendo a residencial.

Figura 42: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Itoupava Seca e suas principais ruas.



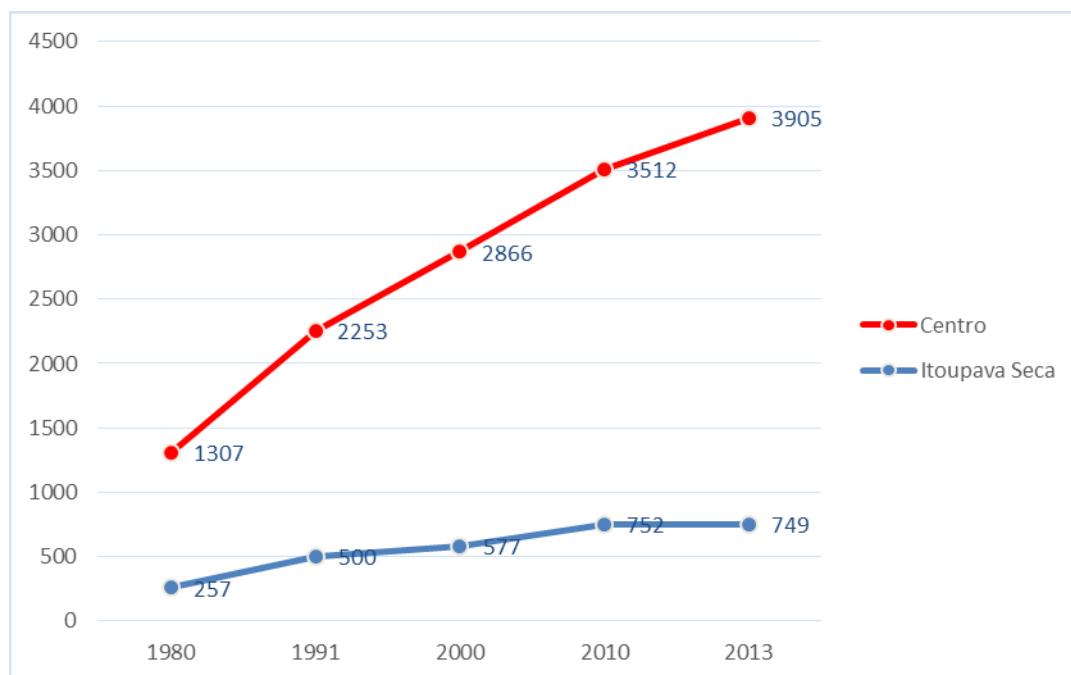
Fonte: *Software Google Maps*

A população no bairro variou de 3503 habitantes em 1980, para 3386 habitantes em 1991, representando uma diminuição de 3%. A diminuição populacional seguiu para 2000 quando o bairro passa a contar com 3149 habitantes, uma diminuição de cerca de 7%. Já em 2010, a população do bairro passa a apresentar um aumento de 32%, atingindo a cota de 4181 habitantes.



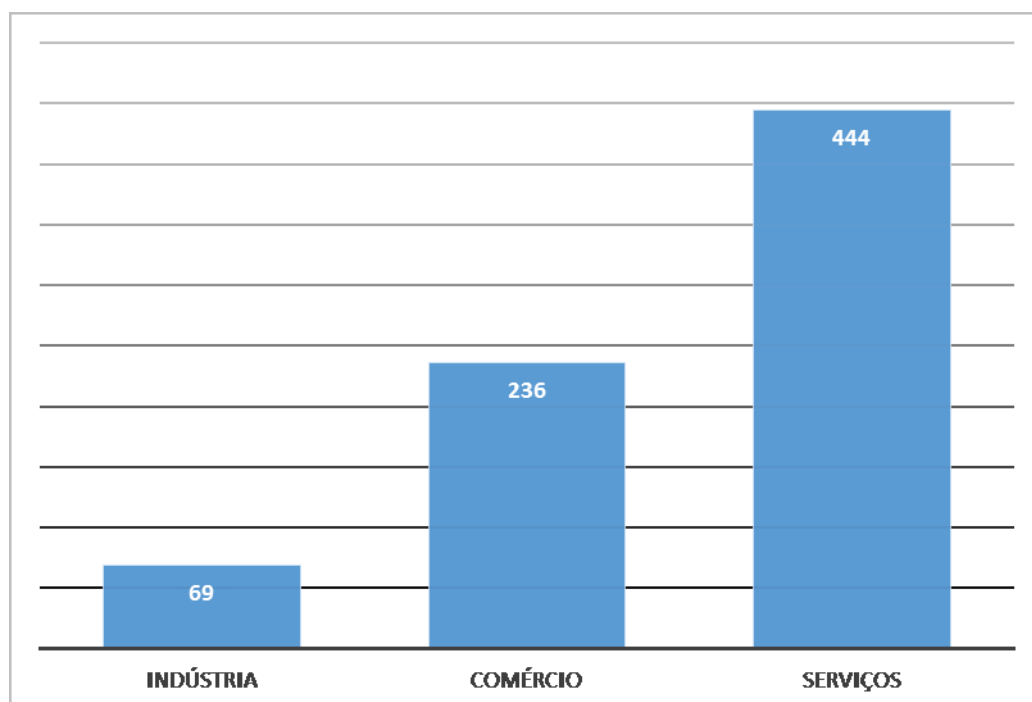
Ao analisar o Gráfico 18, observa-se que, apesar do bairro apresentar uma diminuição populacional, as empresas não diminuaram sua atuação no bairro. Ao contrário, o aumento de empresas entre 1980 e 1991 foi de 94%. Já entre 1991 e 2000 o aumento não foi tão significativo, contabilizando apenas 15%. O aumento entre 2000 e 2010 passa por uma elevação chegando a 30%, contudo entre 2010 e 2013 nota-se uma pequena diminuição de 0,39%.

Gráfico 18: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ITOUPAVA SECA, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Gráfico 19: EMPRESAS DO BAIRRO ITOUPAVA SECA DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

O Gráfico 19, por sua vez, é revelador se for analisar a diminuição populacional em relação ao aumento de empresas. O comércio parece muito mais especializado no setor de serviços, uma vez que este abarca 60% do total de empresas, deixando apenas 31% para o comércio e 9% para a indústria.

Apesar de o comércio ser menos significativo que os serviços, alguns estabelecimentos comerciais surgem e outros perduram no bairro. É o caso da “Princesa Camisaria” (

Figura 43), uma loja especializada em camisas tanto femininas como masculinas. Crislene da Silva Zimmermann, proprietária do estabelecimento, afirma que comprou a loja em 2016 (anexo), sendo que esta já existia há 8 anos. A loja de 55m², possui apenas 1 funcionária, e a relação com o bairro não é tão próxima, uma vez que o produto mais especializado demanda uma clientela mais abrangente. A proprietária afirma ainda um interesse em abrir uma filial num shopping futuramente.

Figura 43: Loja “Princesa Camisaria” no bairro Itoupava Seca.



Numa linha mais tradicional, encontramos a “Ótica Hoppe” (

Figura 44) nesse mesmo bairro. Glória Hoppe, proprietária da ótica fundada em 1933 (84 anos atrás) afirma que o local para abrir o negócio foi escolhido pelos seus sogros por já ser moradia da família (anexo). A edificação sofreu alterações para comportar a moradia no andar de cima, e a ótica no andar de baixo. Outro motivo para a localização é o fato de na época estar próxima a duas importantes indústrias, como a “Altona” e a antiga “Gaitas Hering”. A ótica conta no momento com 80m² e 4 funcionários, e a proprietária alega querer apenas manter a ótica e passar futuramente para o filho.

Figura 44: “Ótica Hoppe” no bairro Itoupava Seca



Numa linha mais atual encontra-se a “Sustenbike” (Figura 45), uma loja que vende e presta serviço para bikes. Carlos Schweder, proprietário do estabelecimento, conta que abriu a loja em 2015 e escolheu o bairro da Itoupava Seca por ter mais espaço por um aluguel menor (anexo). Este mantém uma loja de 120m² contando com 2 funcionários. O proprietário afirma também que a relação com o bairro é muito boa, que é um

ambiente muito cooperativo. Contudo, este revela o desejo de abrir uma “estação bike café” no centro da cidade.

Figura 45: Loja e serviços “Sustenbike” no bairro Itoupava Seca



De certa maneira, a proximidade do bairro com o centro da cidade, faz com que este se torne corredor de ligação entre diversos bairros com o centro, intensificando a grande circulação de veículos automotores e pessoas (

Figura 46). Outro fator agravante para o desenvolvimento recente do bairro é a implantação recente de outro Campus da Universidade Regional de Blumenau, fazendo

com que haja ainda mais movimento no bairro, com concentração de moradias estudantis no entorno da universidade.

Figura 46: Bairro Itoupava Seca

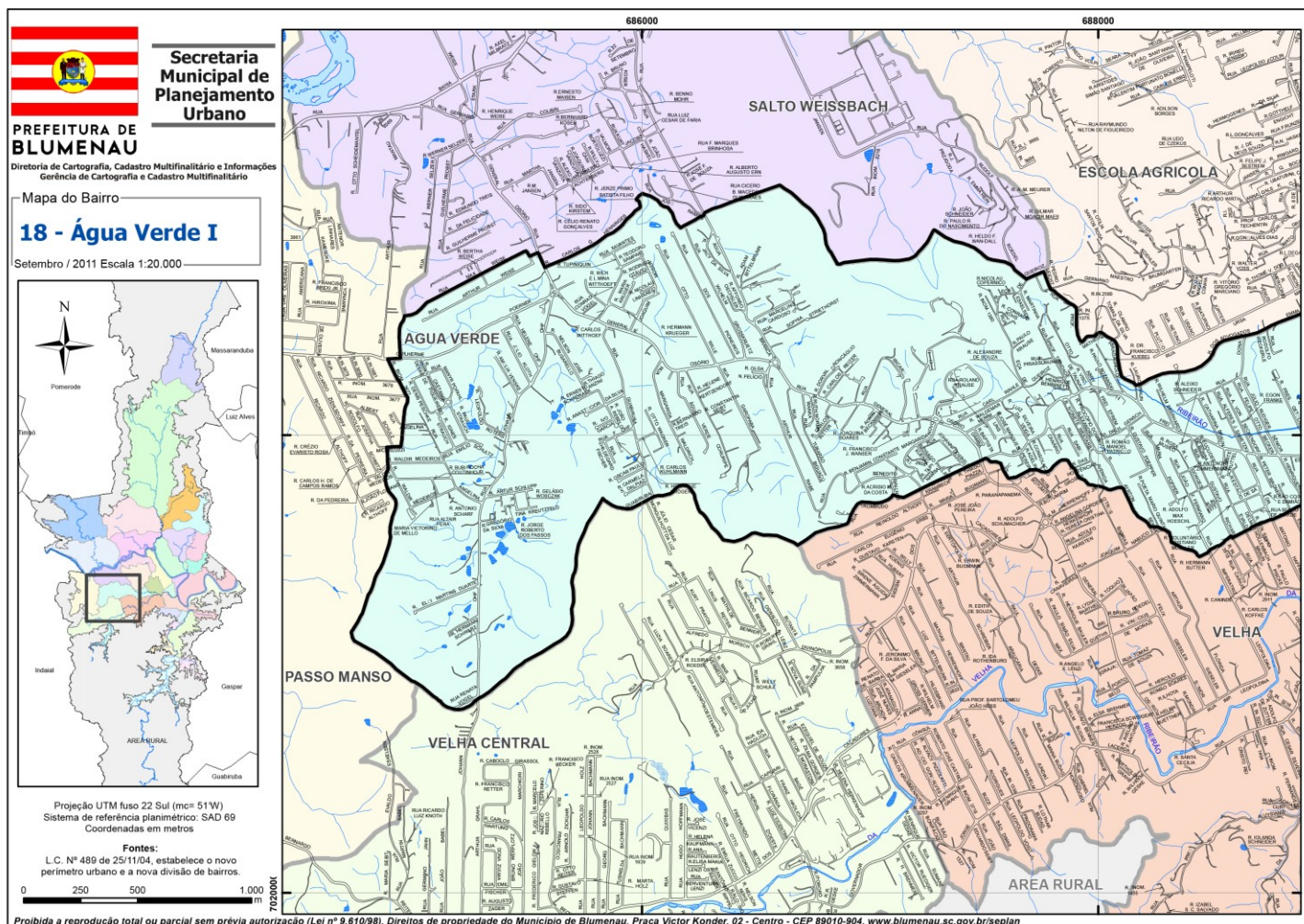


3.7. Água Verde

O bairro da “Água Verde” foi criado em 2004, desmembrando do bairro da Velha, através da Lei Complementar nº 489 de 25 de novembro de 2004.

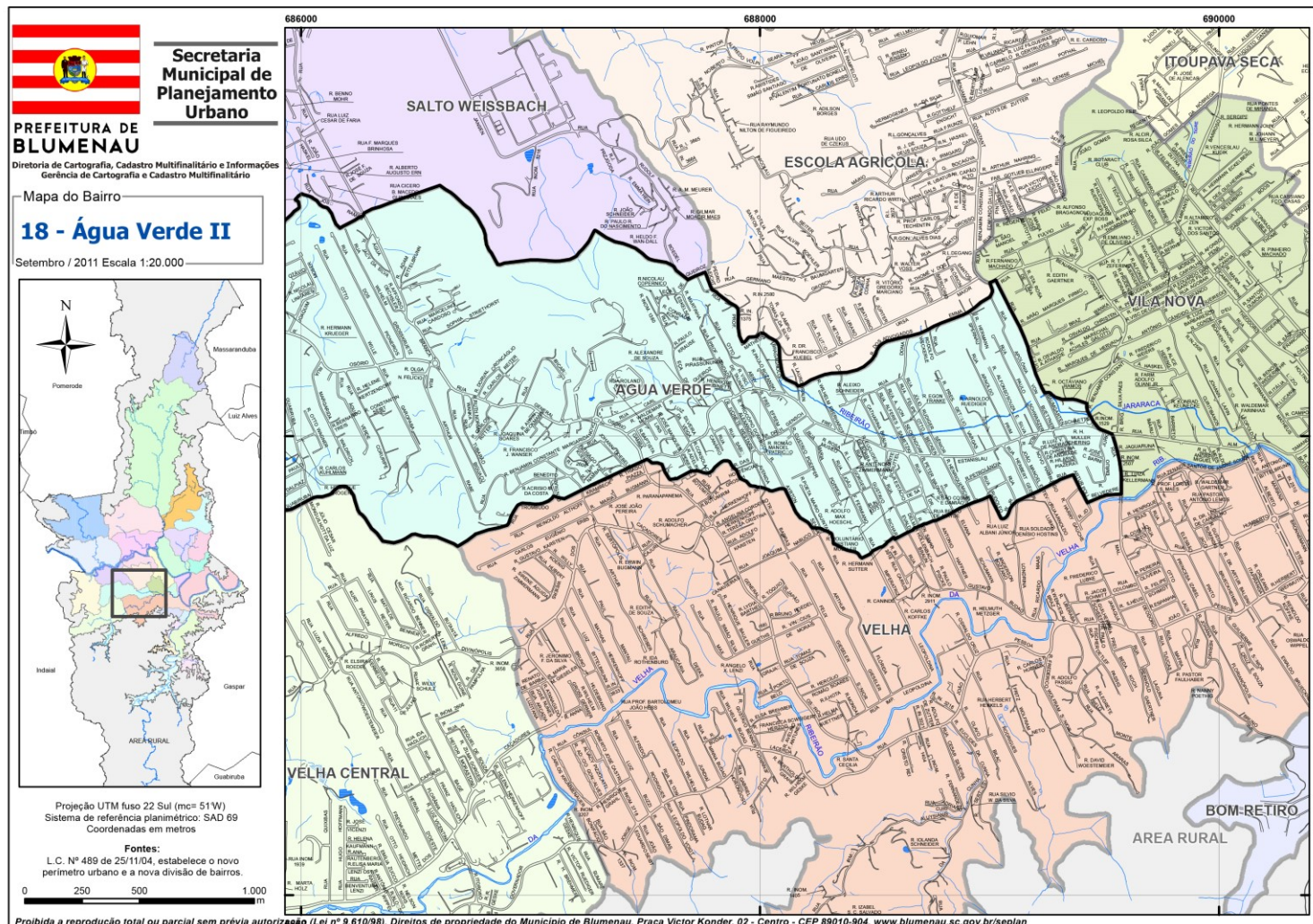
O bairro localiza-se na porção sudoeste do território blumenauense, limitando-se ao norte com os bairros Salto Weissbach e Escola Agrícola, ao sul com os bairros Velha Central e Velha, ao leste com o bairro Vila Nova e a oeste com o bairro Passo Manso. Sua distância até o centro da cidade é em torno de 7 km (Figura 47).

Figura 47: Mapa de localização do bairro Água Verde I



Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 48: Mapa de localização do bairro Água Verde II



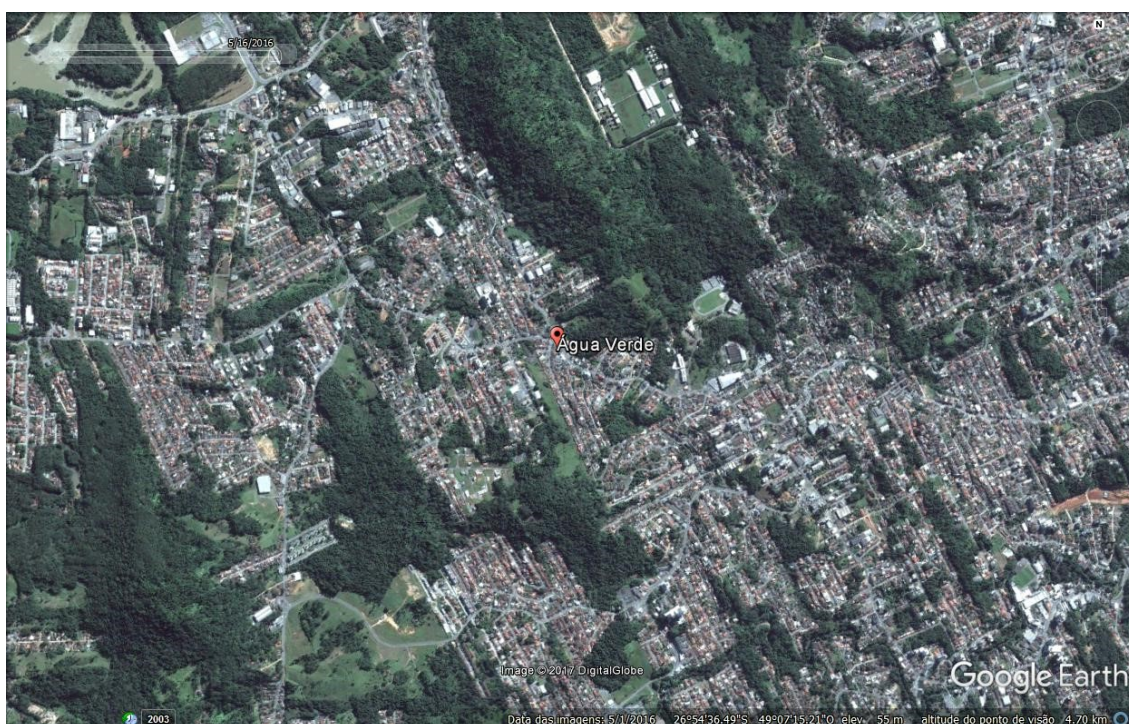
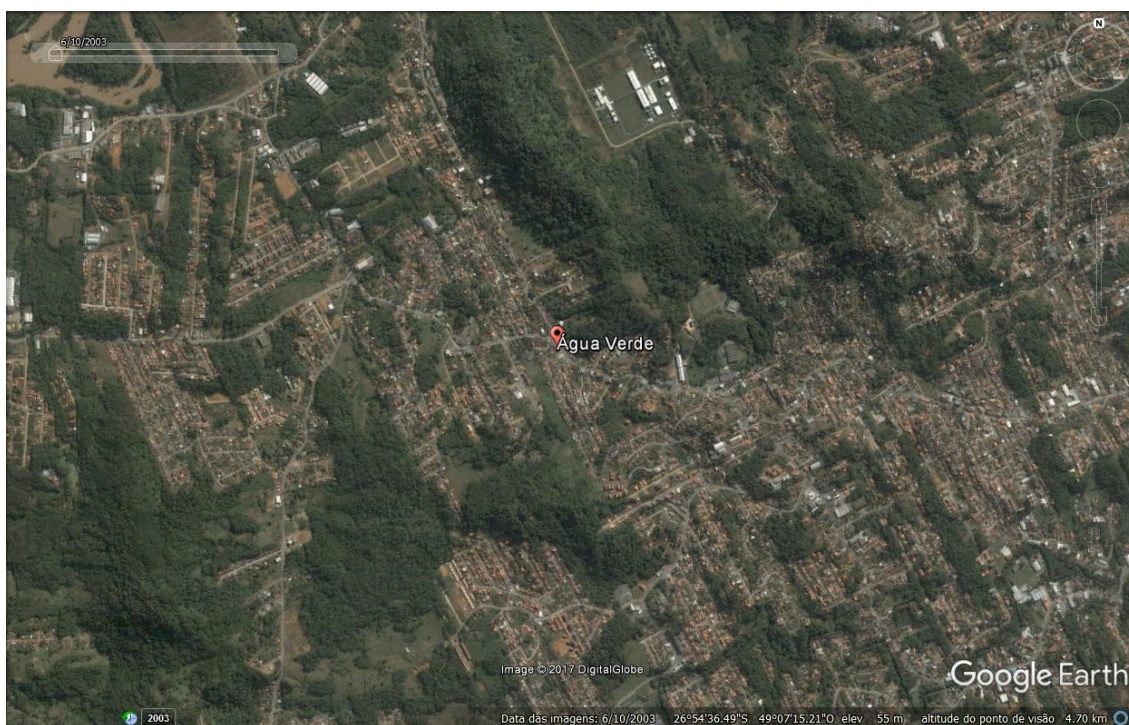
Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 49: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra a área do bairro Água Verde e suas principais ruas.



Fonte: Software Google Maps

A área urbana do bairro contabiliza um total de 5,09 km², sendo que, no sentido noroeste-sudeste, o bairro é cortado pela rua General Osório, uma das principais vias, assim como pela rua Frei Estanislau Schaette, esta no sentido oeste-leste. Estas duas vias são importantes para o bairro, uma vez que servem de acesso para outros bairros importantes, tais como o bairro da Velha e o bairro da Vila Nova.

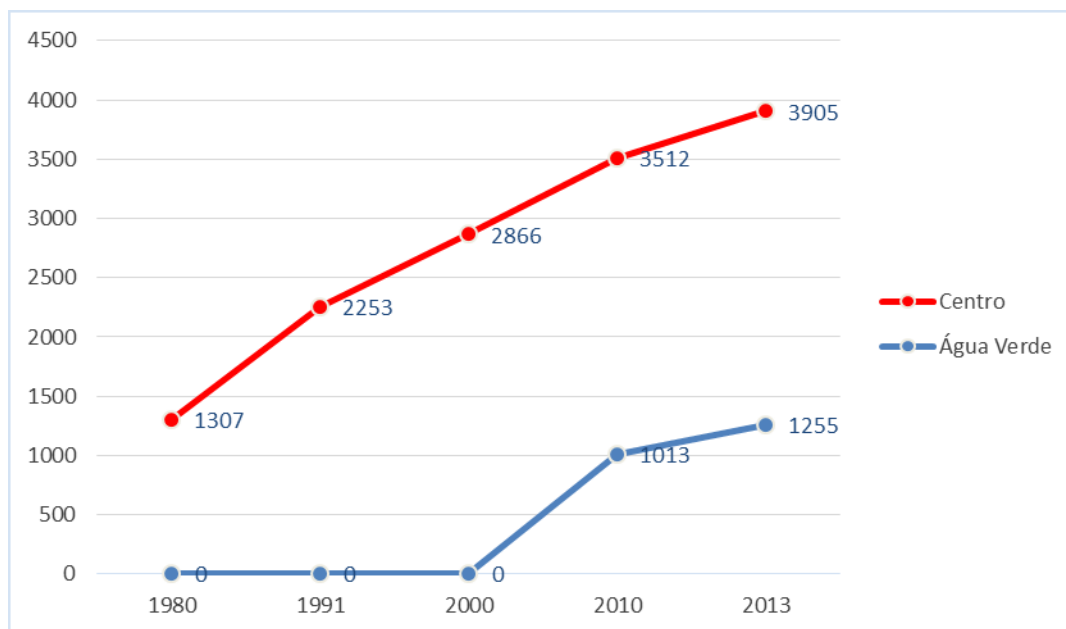


Nessas vias principais, predominam os estabelecimentos comerciais, disputando espaço com as residências. O fenômeno que se observa é que as casas residenciais mais antigas passam a abrigar um estabelecimento comercial, ou dando lugar para um novo prédio, que na maioria das vezes combinará tanto o uso comercial, quanto o residencial. Nas ruas transversais ainda predomina a ocupação residencial.

Como o bairro foi criado oficialmente em 2004, os únicos dados referentes à população são de 2010, e aponta um total de 14826 habitantes para o bairro. Da mesma

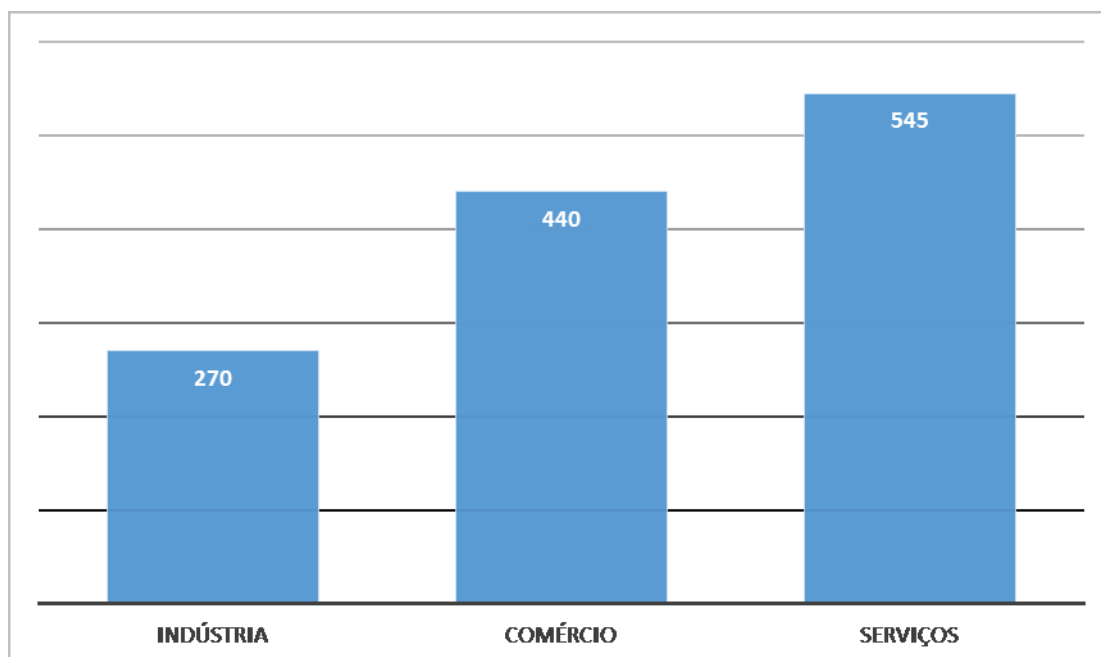
maneira, os dados referentes aos anos anteriores a 2004 não apresentam quantias reais. Somente a partir de 2010 observará a diferença de 1013, para 1255 empresas em 2013, um aumento de cerca de 24% (Gráfico 20).

Gráfico 20: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ÁGUA VERDE, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Gráfico 21: EMPRESAS NO BAIRRO ÁGUA VERDE DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Ao analisar o Gráfico 21, observa-se que comércio e serviços dividem o mesmo grau de importância no bairro, representando respectivamente 35% e 43%. As atividades industriais também revelam certa relevância, uma vez que representam 21% do total de empresas no bairro.

Voltada para estabelecimentos industriais está a “Malharia Mandel” (Figura 50). Daniel Mandel, funcionário do local, explica que a empresa foi aberta em 1992, e nesse meio tempo mudou da região mais periférica do bairro, para a área mais próxima do centro (anexo). A loja atualmente conta com 120m² e 7 funcionários. O motivo para ter sido escolhido o bairro da Água Verde é o fato desde ter, na época, terreno mais perto do centro com um bom custo benefício. A clientela não se restringe ao bairro, sendo bastante diversificada. Como perspectivas futuras, o funcionário afirma que os proprietários gostariam apenas de manter esse ponto.

Figura 50: “Malhas Mandel” no bairro Água Verde



Numa linha um pouco mais específica, encontra-se no bairro a “Duralflex”, loja especializada em persianas e cortinas. Larissa Rezena, funcionária do local, afirma que a loja foi aberta em 1998 e os motivos para o proprietário escolher esse ponto foi o fato deste ser morador do bairro e ser uma área de intensa circulação em direção ao centro da cidade. Atualmente a loja conta com 40m² e 2 funcionários, mas os planos

futuros é de se mudar para um ponto próprio um pouco mais à frente em direção ao centro e ao bairro da Velha. Como o serviço é mais específico, a empresa não restringe a clientela ao bairro, atendendo pessoas de todos os bairros da cidade.

Figura 51: Loja “Duralflex” no bairro Água Verde



Ainda no bairro Água Verde, encontra-se a “Ótica Floriani”, fundada em 2014. A proprietária Tatiana Puhler Fernandes afirma que comprou o ponto já em funcionamento e que já teve loja no centro, mas decidiu vir para o bairro devido ao alto valor dos aluguéis na área central da cidade (anexo). Atualmente a loja que esta possui tem 40m² e conta apenas com funcionários da própria família. A proprietária também afirma que 70% dos clientes são residentes deste bairro e que no momento não tem nenhuma perspectiva futura, a não ser manter a loja já existente

Figura 52: “Ótica Floriani” no bairro Água Verde



De fato o bairro Água Verde (

Figura 53) representa um fenômeno a ser analisado. Contudo, a falta de organização de dados anteriores a formalização do bairro atrapalha a análise. O que se observa, sobretudo, é que o bairro é extenso territorialmente e possui uma população elevada, comparável ao bairro da Velha por exemplo. No mais, o bairro serve de acesso ao centro, além é claro de estarem inseridas nele diferentes atividades industriais, fazendo com que haja um fluxo intenso de pessoas e de mercadorias.

Figura 53: Bairro da Água Verde



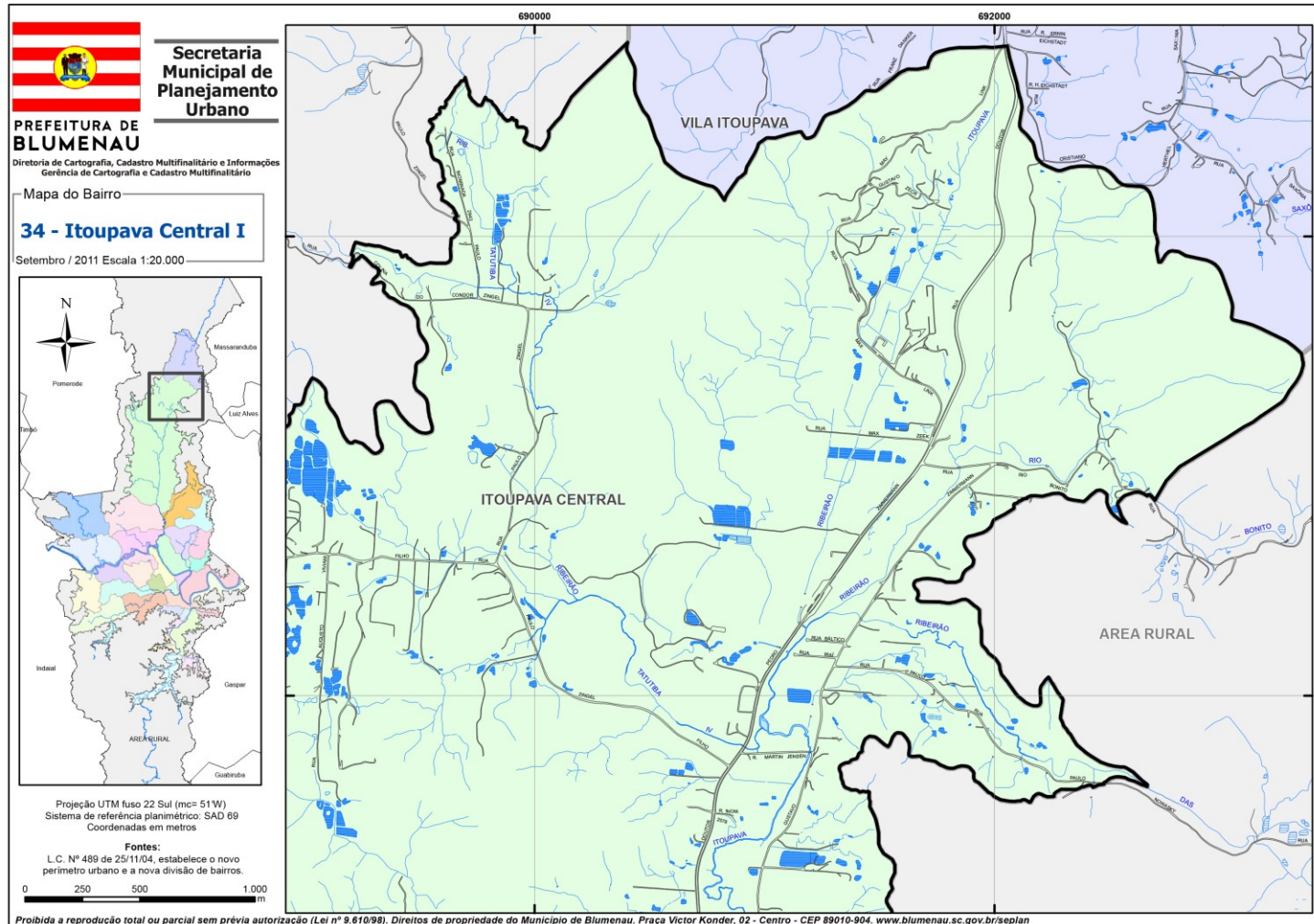
3.8. Expansão recente: o bairro Itoupava Central

Durante a primeira divisão dos lotes coloniais, poucos destes encontravam-se na região das itoupavas. A maioria dos lotes nessa área foram tomando forma nos anos seguintes. Historicamente, essa região da cidade sempre foi conhecida por concentrar atividades agropecuárias (Figura 54).

Inclusive, as primeiras atividades industriais foram ligadas ao setor agropecuário, a exemplo a “Cia. Jensen” que funcionou entre 1899 e 1984. Essa

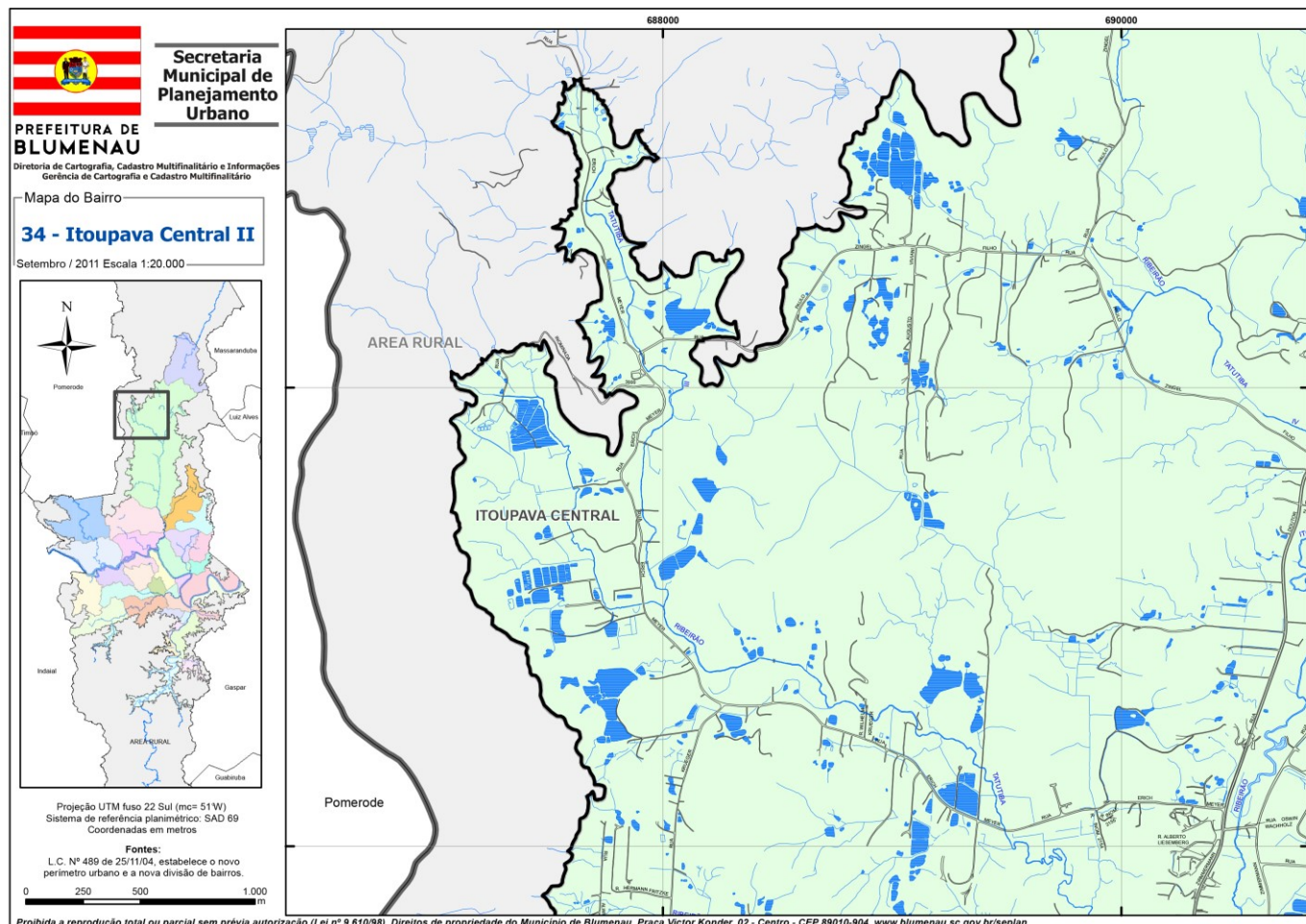
empresa era responsável por beneficiar carne suína e processar leite e derivados. Outras empresas voltadas para granjas como a “Kasulke” e “Ronchi”.

Figura 54: Mapa de localização do bairro Itoupava Central I



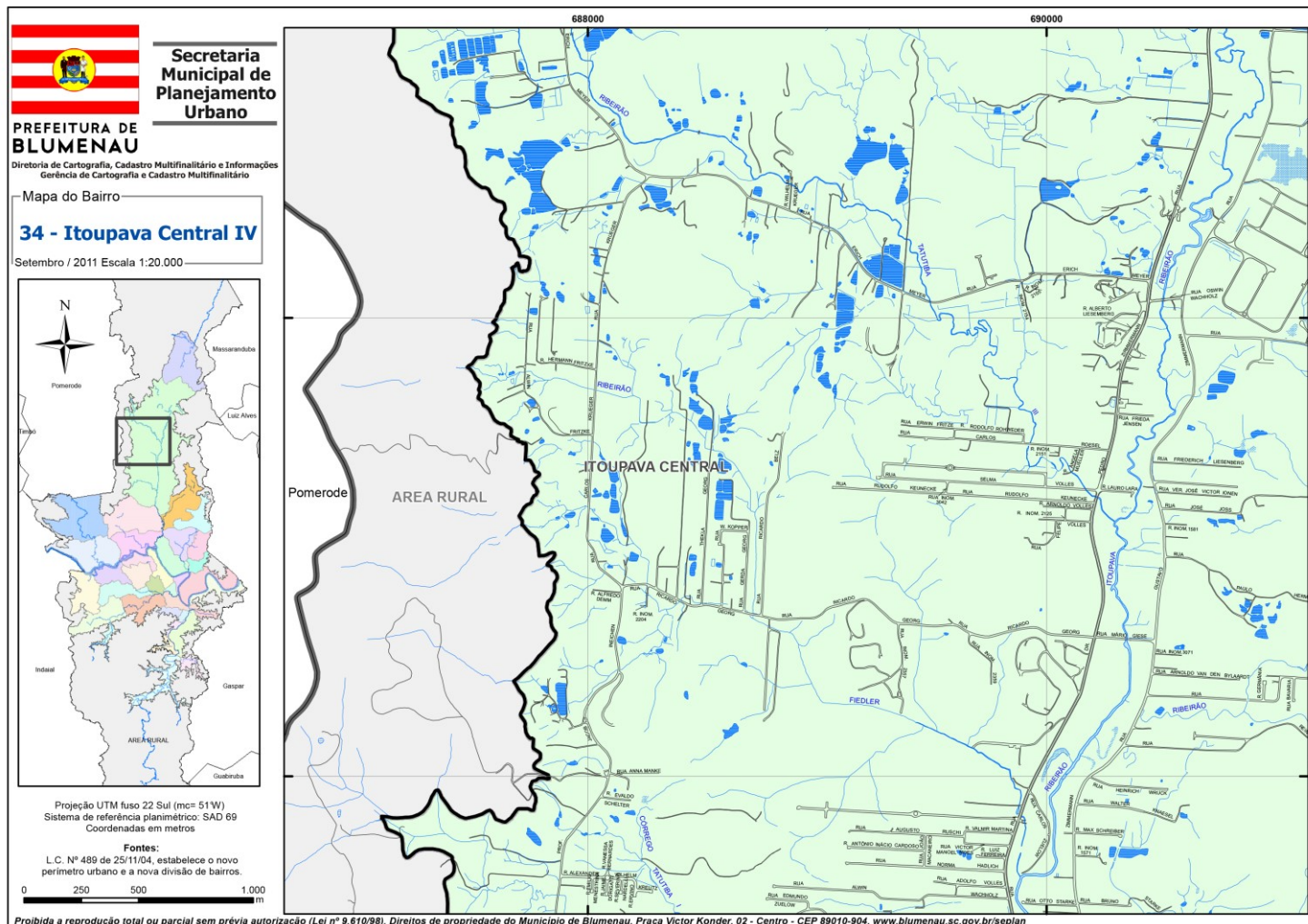
Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 55: Mapa de localização do bairro Itoupava Central II



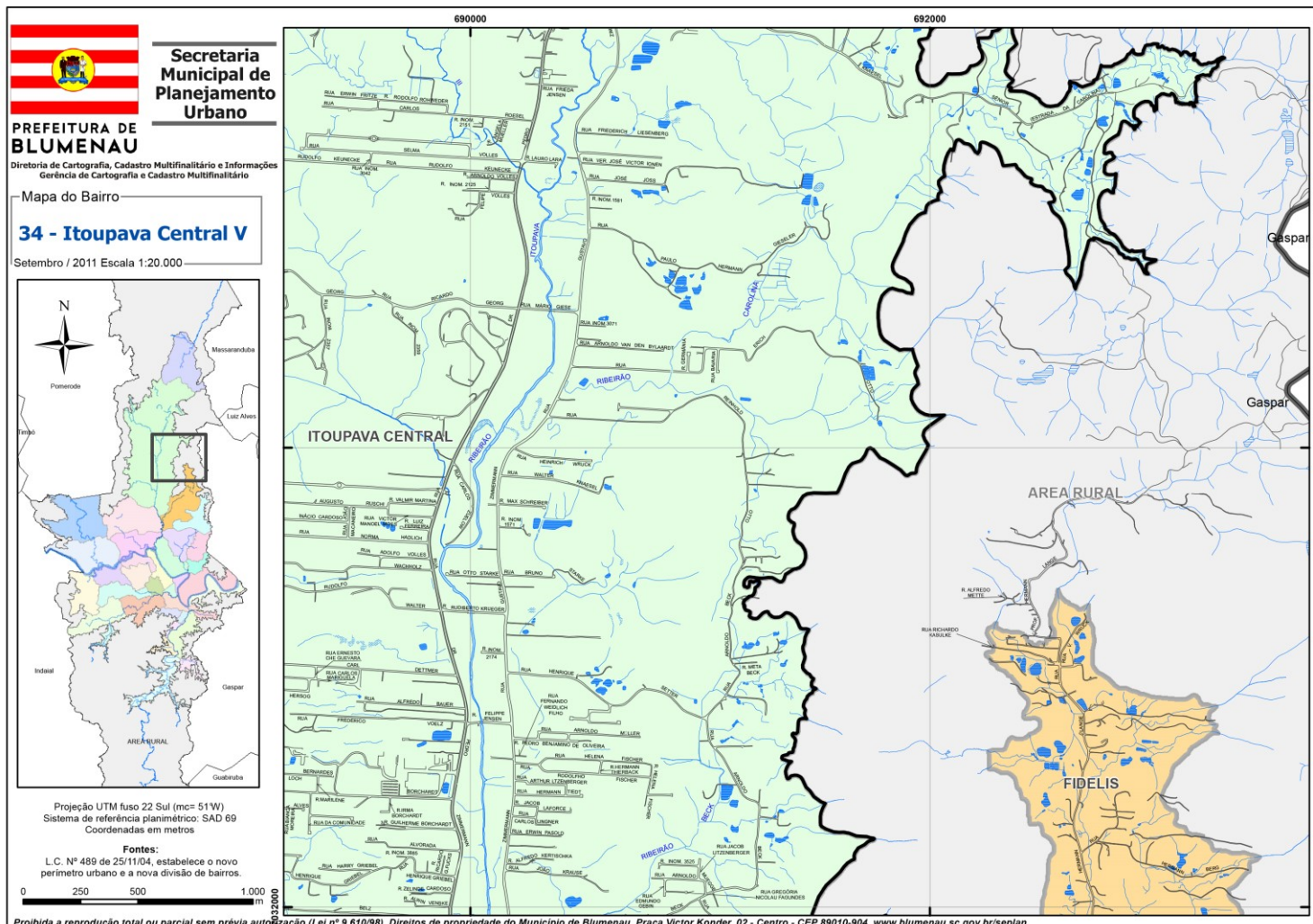
Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 57: Mapa de localização do bairro Itoupava Central IV



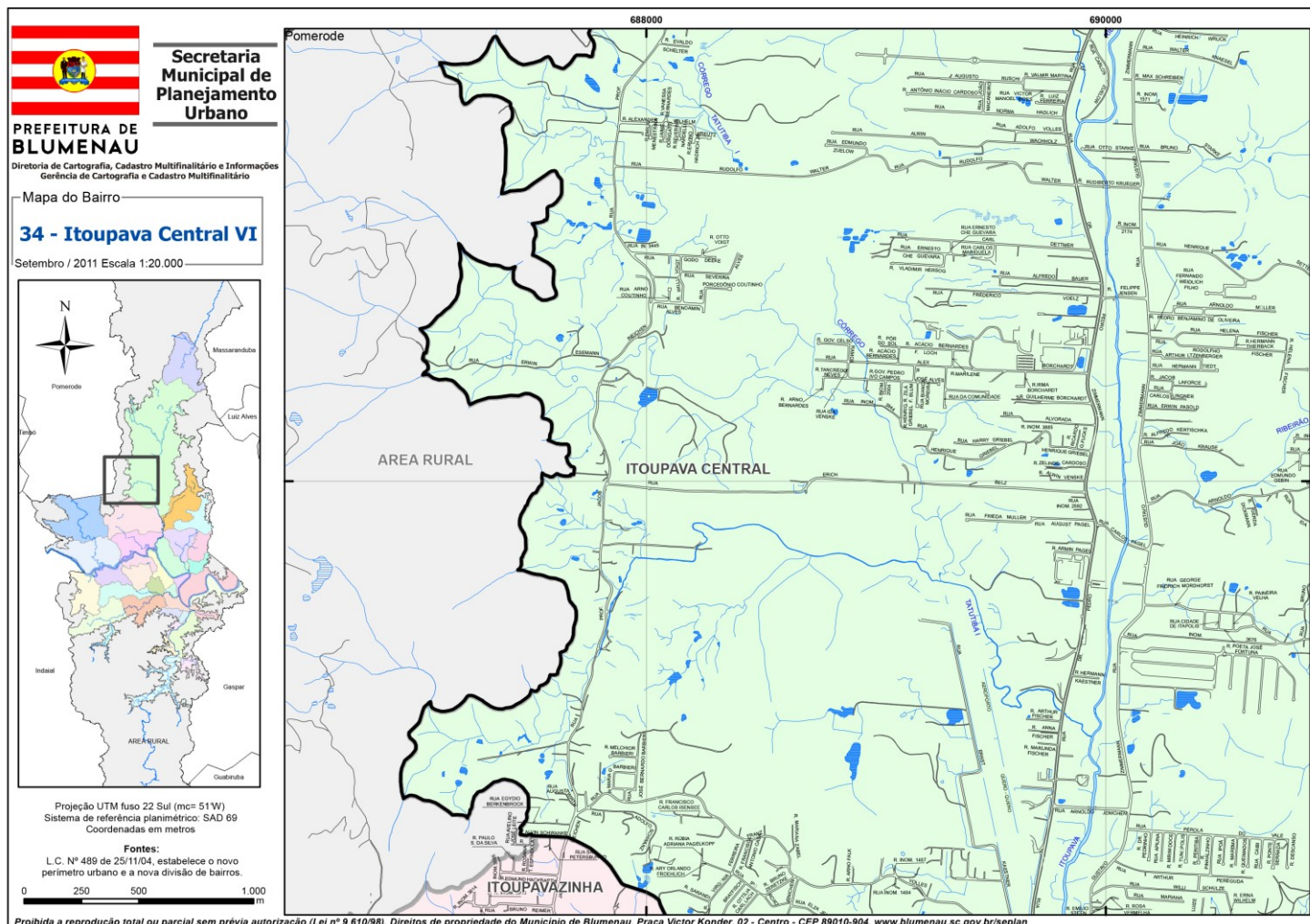
Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 58: Mapa de localização do bairro Itoupava Central V



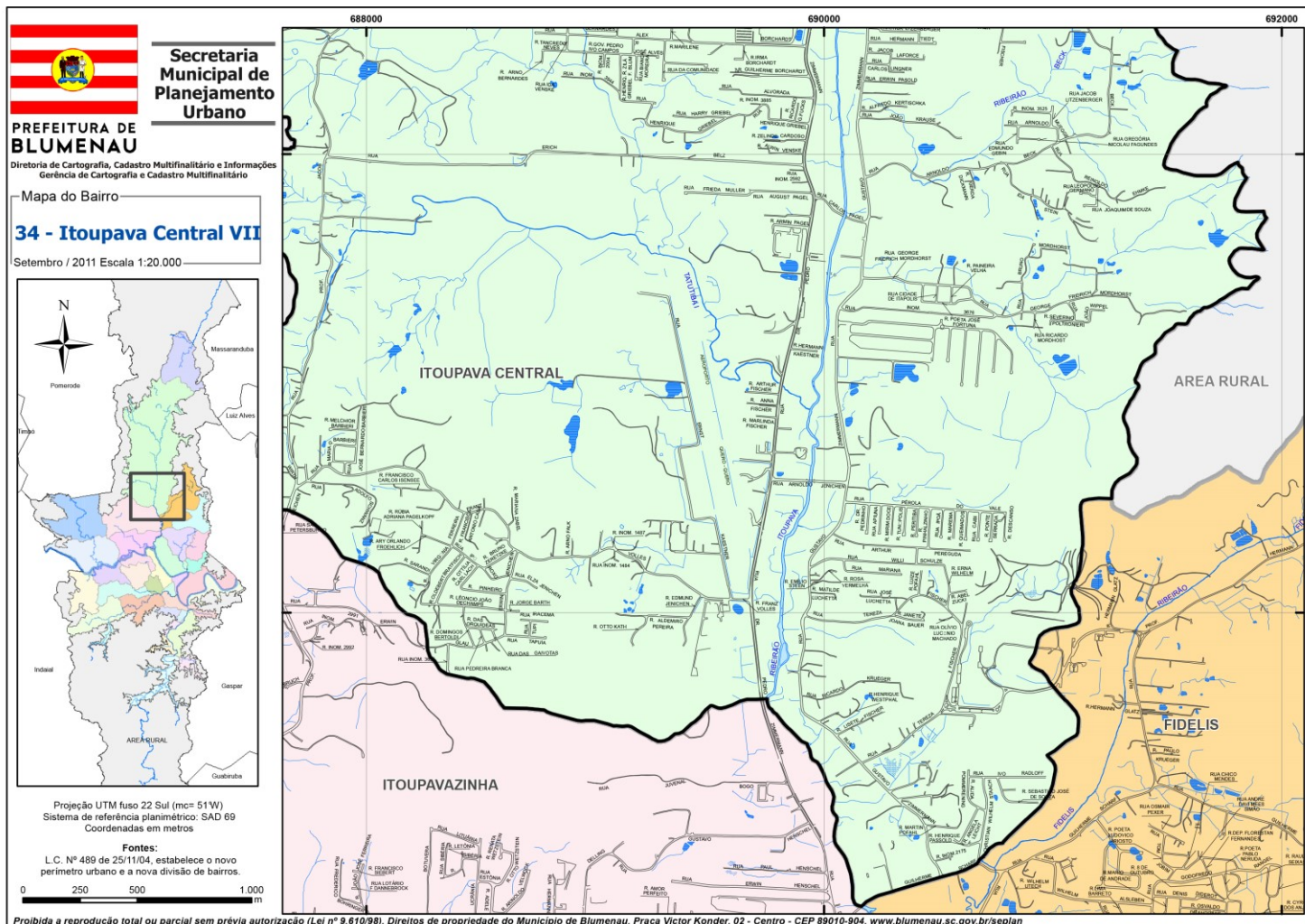
Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 59: Mapa de localização do bairro Itoupava Central VI



Fonte: SEPLAN – PMB.

Figura 60: Mapa de localização do bairro Itoupava Central VII



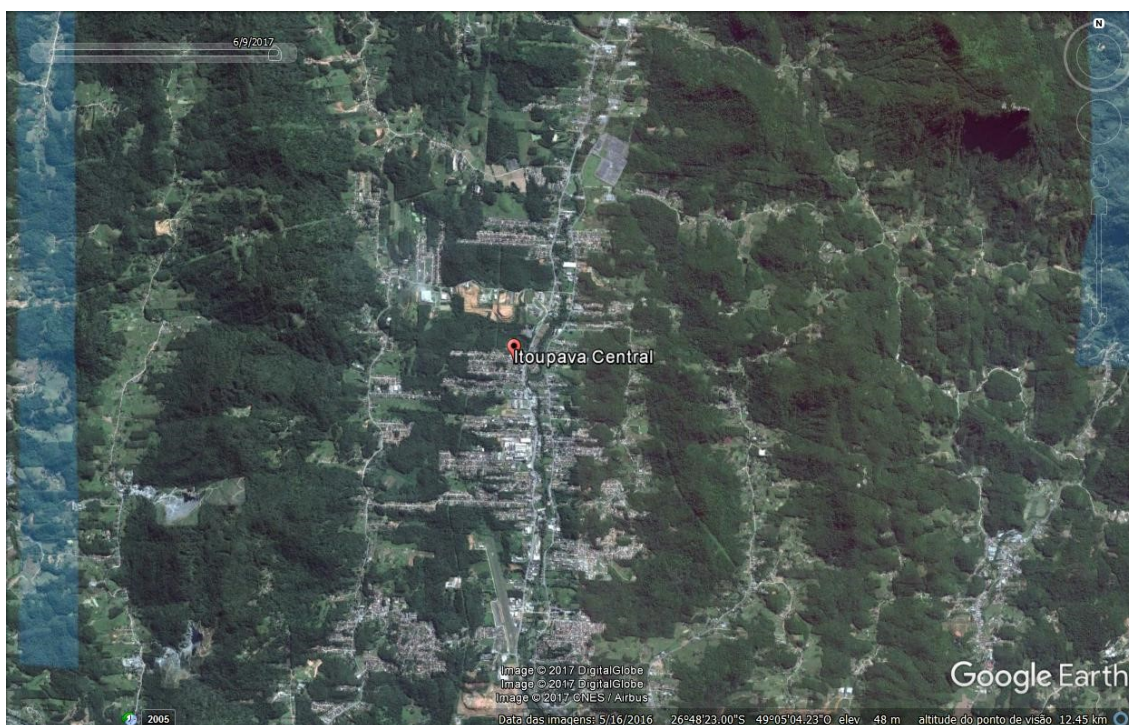
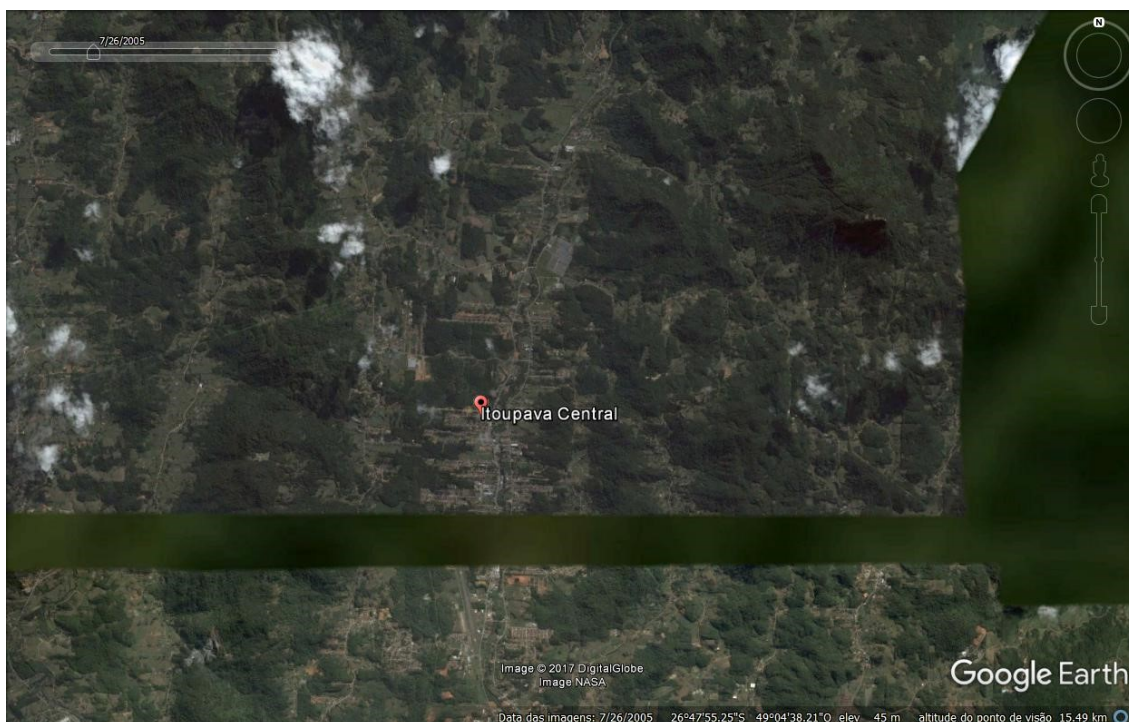
Fonte: SEPLAN – PMB.

Este bairro também abriga o “Aeroporto Quero-Quero”, o único aeroporto da cidade, voltado mais para clubes de aviação. Sua fundação ocorreu em 1947, e conta com uma pista de 1100m de comprimento, por 100m de largura. Outra opção de acessibilidade, esta mais viável para o bairro (Figura 61), é o fato de ele ser cortado pela SC-474 (rua Dr. Pedro Zimmermann). Esta via corta todo o bairro no sentido sul-norte e também é importante meio de ligação da cidade de Blumenau com outros municípios vizinhos, como Massaranduba, Guarimirim e Jaraguá do Sul. Além é claro, da proximidade com a BR-470, que passa perpendicularmente ao bairro.

Outras empresas industriais de destaque que ocupavam o bairro da Itoupava Central é a “Mega” transformadores, “Moore” formulários, “Strauss” cristaleira, uma unidade da “Johnson & Johnson” e a “Christian Grey” cosméticos. Atualmente ainda estão presente nesse bairro uma unidade da “Weg” transformadores, “Vedax” peças e componentes industriais, e diversas outras empresas industriais que se aproveitaram da localização do bairro, da acessibilidade à rodovias e da disponibilidade de terrenos.

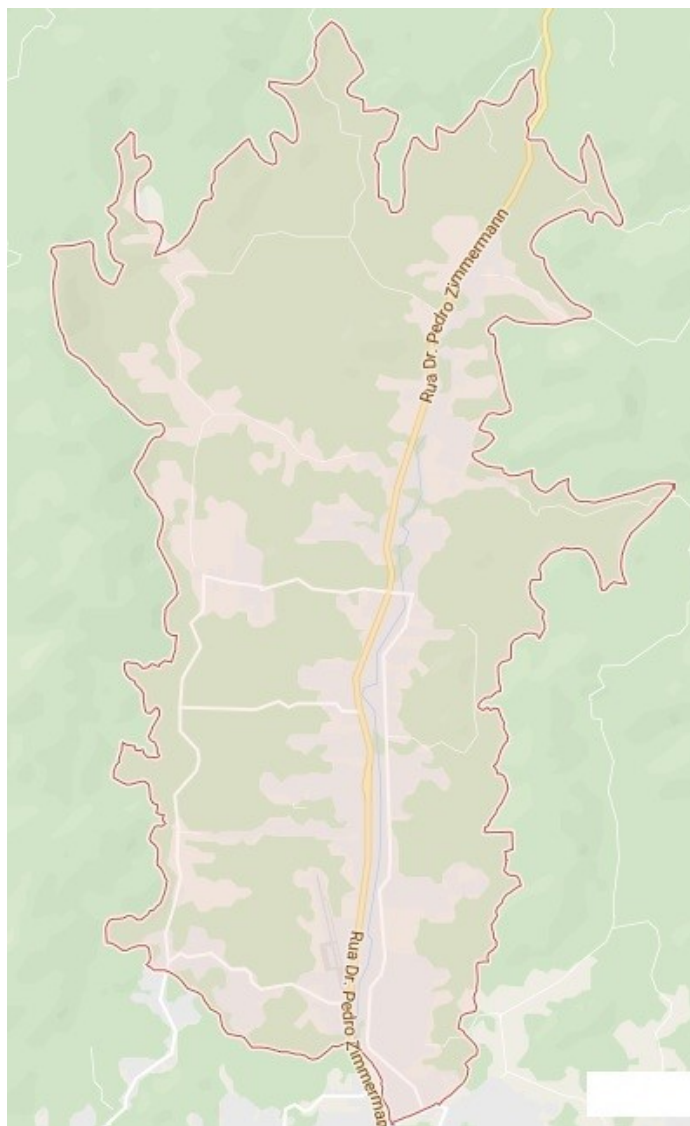
O bairro limita-se ao norte com o distrito da Vila Itoupava, ao sul com o bairro Itoupavazinha, em pequena porção ao leste com o bairro Fidélis, e circundando leste e oeste está a zona rural de Blumenau. A área urbana do bairro soma 44,67 km², e conta como principais vias a rua Dr. Pedro Zimmermann, a rua Gustavo Zimmermann, a rua Franz Volles e a rua Jacob Inechen.

A população total do bairro variou bastante. Foi de 5284 habitantes em 1980, para 8432 habitantes em 1991, representando um aumento de cerca de 60%. Contudo, o salto mais significativo é observado em 2000 quando o contingente populacional contabiliza 22772 habitantes, um aumento de 170%. Em 2010 a população continua a crescer, mas em passos mais moderados, atingindo a marca de 23569 habitantes, um aumento de 3,5%. De 1980 até 2010, houve um aumento total de 346%.



As razões para o esse aumento acelerado no bairro se deve ao fato deste concentrar muitas atividades industriais, atraindo mão de obra para o seu entorno. O bairro também tem abundância de terras mais altas e mais planas, fazendo com que este seja menos suscetível a enchentes e deslizamentos de terra. O que realmente se observa no bairro é esse crescimento acelerado e uma centralidade emergente, uma vez que a população residente nessa área relata não sentir necessidade de deslocamento até o centro para realizar as diversas atividades comerciais, de serviços e financeiras.

Figura 61: Imagem extraída do software Google Maps, onde mostra o limite territorial do bairro Itoupava Central e suas principais ruas.

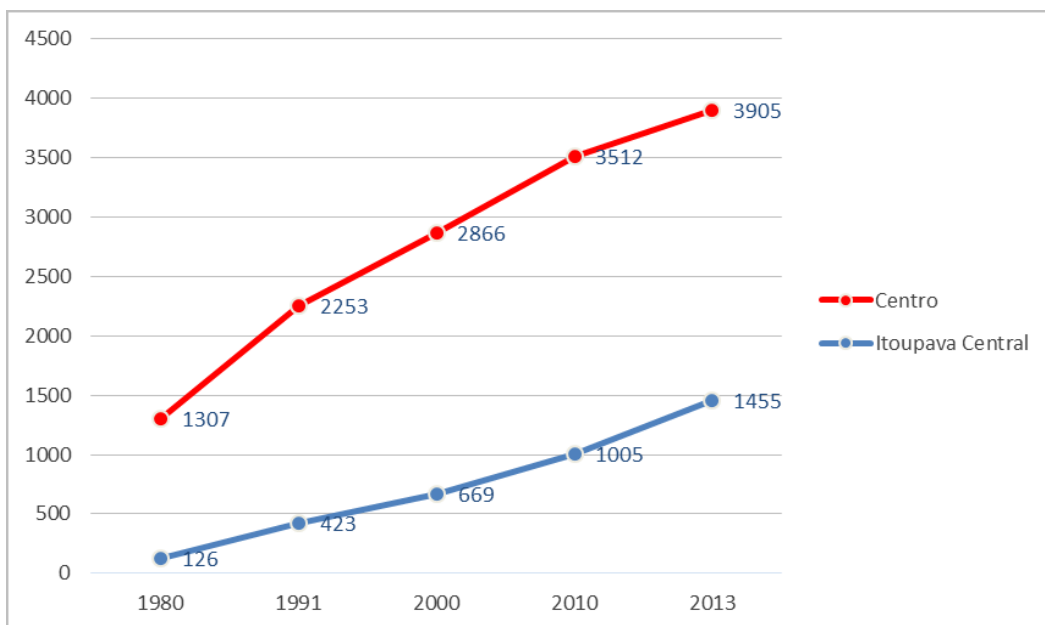


Fonte: Software Google Maps

Ao analisar o

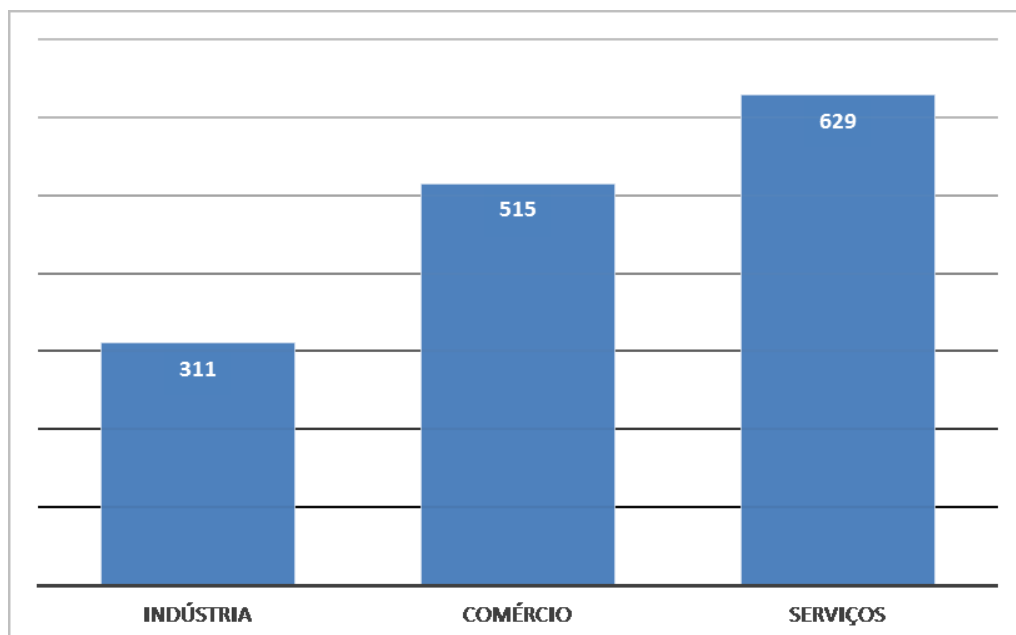
Gráfico 22 observa-se que o total de empresas acompanhou o crescimento populacional do bairro. Entre 1980 e 1991 houve um crescimento de cerca de 236%. Já entre os anos de 1991 e 2000 o crescimento foi de 58%, uma quantia significativa, mas bem reduzida em comparação com os anos anteriores. Entre os anos de 2000 e 2010 o crescimento acompanhou o intervalo anterior e contabilizou 50%, assim como entre os anos de 2010 e 2013 que contabiliza um crescimento de cerca de 45%.

Gráfico 22: EVOLUÇÃO DE EMPRESAS NO BAIRRO ITOUPAVA CENTRAL, EM COMPARAÇÃO COM O CENTRO (1980-2013)



Fonte: SEPLAN
Elaboração: autora

Gráfico 23: EMPRESAS NO BAIRRO ITOUPAVA CENTRAL DIVIDIDAS POR ATIVIDADE (2013)



Fonte:SEPLAN
Elaboração: autora

Outra característica do bairro Itoupava Central é a capacidade de comportar tanto residências tradicionais, como também loteamentos novos em terrenos que antes eram propriedades rurais, prédios de apartamentos e também condomínios de luxo. Sua população

torna-se bastante diversificada, e as atividades comerciais e de serviços adquirem essa característica também. Ao analisar o Gráfico 23 observa-se essa diversificação, uma vez que comércio e serviços somam cerca de 36% e 43% respectivamente do total de empresas do bairro. As atividades industriais também representam boa parcela das empresas, somando 21% do total.

Por ser um bairro mais distante do centro e circundado por zona rural há uma proximidade muito maior entre proprietários das empresas e os clientes. Esse fato foi observado na loja “Adri Modas” (Figura 62), uma típica loja de bairro que concentra em seu espaço desde vestuário feminino com roupas e calçados, até artigos de cama, mesa e banho, perfumaria importada e papelaria também. A gerente da loja Solange Ziehlsdorff, ao fornecer a entrevista (anexo), terminava de atender suas senhoras no idioma alemão, característica essa que ao longo da pesquisa foi apenas observada nesse bairro.

A gerente afirma que a loja já existe desde 1997, mas está desde 2005 no ponto atual que é um imóvel próprio dos donos. A loja atualmente conta com 600m² e 10 funcionários trabalhando. Segundo a gerente, o motivo para os proprietários escolherem esse bairro é justamente essa relação de proximidade, uma vez que eles são moradores do bairro e conhecem a demanda da população. Estes ainda mantêm outra loja no distrito vizinho da Vila Itoupava, e as perspectivas futuras demonstra apenas a vontade dos proprietários de manterem essas duas lojas.

Figura 62: Loja “Adri Modas” no bairro Itoupava Central



Outra relação de proximidade com o bairro é o comércio e disk chopp “Ecobier” (Figura 63). Entrando na onda das cervejarias artesanais, Ricardo Miranda que trabalha no local e é filho do proprietário afirma que o bairro foi escolhido por ser uma área de expansão recente, pelo aluguel mais baixo e também por serem moradores do bairro (anexo). A empresa conta com 75m² e 3 funcionários. A relação com o entorno é próxima, uma vez que a maioria da clientela é residente do bairro. Como perspectiva futura, o proprietário pensa em expandir seus negócios para o bairro da Fortaleza.

Figura 63: Comércio e disk chopp “Ecobier” no bairro Itoupava Central



Outro comércio tradicional no bairro e que se aproveita da proximidade com vias de escoamento é a “Mundial” embalagens (). Segundo o gerente Marcos Genoin, a empresa foi fundada em 1996 e os proprietários escolheram o bairro por ser um local de expansão e também por ter um fluxo intenso (anexo). A empresa, que oferece a venda de embalagens, artigos de papelaria e artigos e produtos de limpeza, no momento conta com 300m² e 6 funcionários. A clientela é mais abrangente, abarcando também os municípios vizinhos. Como perspectivas futuras os proprietários gostariam de expandir seus negócios, mas mantendo-se na região norte da cidade.

Figura 64: “Mundial” embalagens e papelaria no bairro Itoupava Central



De fato, o bairro da Itoupava Central (

Figura 65), que durante muito tempo teve características muito rurais, passa por uma expansão acentuada mudando muito algumas características do bairro, mas mantendo também a relação de proximidade entre as empresas e a população local.

Figura 65: Bairro Itoupava Central



3.9. Bairros industriais: Itoupava Norte, Itoupava Seca e Garcia

De fato, urbanização e industrialização vêm caminhando juntas, apesar de a urbanização ser um processo muito mais antigo que a industrialização. Entretanto, é durante essa fase do capitalismo industrial, onde as atividades industriais passam a dividir o trabalho

de maneira muito mais acentuada entre a cidade e o campo que o espaço urbano adquire novas funções, segundo Sposito (p. 52):

A expressão da urbanização via industrialização não deve ser tomada apenas pelo elevado número de pessoas que passaram a viver em cidades, mas, sobretudo porque o desenvolvimento do capitalismo industrial provocou fortes transformações nos moldes da urbanização, no que se refere ao papel desempenhado pelas cidades, e na estrutura interna destas cidades.

Portanto, a industrialização como promotora da urbanização, é responsável por alterar a estrutura da cidade, levando o crescimento para determinadas áreas, moldando o espaço urbano e atraindo fluxos migratórios. No caso da cidade de Blumenau não foi diferente e a presença de indústrias nos bairros da Itoupava Norte, Itoupava Seca e Garcia refletiu no seu desenvolvimento.

No caso do bairro da Itoupava Norte, a presença de indústrias como a Teka, por exemplo, foi responsável por atrair uma população residente em seu entorno com algumas vilas operárias e também agências bancárias que, na época, encontravam-se em poucos bairros de importância ao longo da cidade.

Já no bairro da Itoupava Seca, a localização das indústrias das Gaitas Hering e Eletro Aço Altona foi responsável por concentrar comércios e serviços que serviam à população que trabalhava na indústria, conforme entrevista cedida para esta pesquisa.

No bairro do Garcia, a presença de fortes indústrias, como a Artex e a Empresa Industrial Garcia fez com que o bairro tivesse uma rápida ascensão e atingisse um grau de importância precocemente. O bairro, além de concentrar boa parte da população, propiciou o nascimento de um número maior de comércios e também serviços de lazer destinados aos operários das fábricas.

A localização de indústrias automaticamente atraiu mais comércios e serviços, em períodos históricos em que o centro da cidade possuía um poder polarizador muito maior. Contudo esse poder é superado pela concentração de mão de obra nesses bairros industriais, fazendo com que a demanda pelas atividades comerciais e de serviços aumentasse. Esses bairros mais industriais, portanto, adquiriram uma centralidade mais tradicional, sendo referência para outros bairros no seu entorno. Pode-se afirmar que essas centralidades não se restringiam ao bairro, mas a uma região de proximidade com este.

3.10. Bairros corredores de serviços: Victor Konder, Velha e Vila Nova

O setor de serviços é um dos setores que mais emprega mão-de-obra atualmente. Dados do IBGE mostram que no Brasil, como um todo, o setor de serviços cresce mais que o comércio. De acordo com a OECD (*Organization for Economic Cooperation and Development*) a globalização atribui ao setor de serviços uma importância maior, se comparado a décadas anteriores (DE NEGRI, KUBOTA e SILVA, 2006).

Na cidade de Blumenau, essa importância do setor de serviços é percebida nos dados que demonstram sempre um número maior de serviços do que de comércio embora, dependendo da localização, o número de comércios chega a estar bem próximo do número do setor de serviços. Porém, em outros bairros chega-se a ter uma diferença bem discrepante entre um e outro. É o caso dos bairros Victor Konder, Velha e Vila Nova.

Fator comum entre esses três bairros é a proximidade com o centro, tanto o bairro do Victor Konder, como o bairro da Velha, por exemplo, têm sua extensão territorial fazendo fronteira com o centro da cidade. O bairro da Vila Nova localiza-se após o bairro Victor Konder. Essa proximidade geográfica com o centro atribui características mais específicas a esses bairros.

A primeira característica a ser notada, é que a proximidade geográfica com o centro faz com que esses bairros concentrem um intenso fluxo de pessoas, sejam nos veículos, a pé ou no transporte público. A maioria dos habitantes das zonas mais periféricas obrigatoriamente passam por esses bairros para chegarem no centro da cidade. Esse fator é um atrativo para os serviços, mas não tanto para o comércio, já que o centro acaba polarizando muito mais as atividades comerciais.

Outra característica a ser pontuada é a suscetibilidade à enchentes. Todos esses três bairros possuem suas cotas de enchente quando o nível do rio atinge 9 metros. O histórico de enchentes fez com que nesses bairros a verticalização se apresentasse como uma alternativa mais viável para habitação. O predomínio de prédios em sua paisagem confere ao bairro uma possibilidade maior de agregar serviços do que o comércio, que demanda um pouco mais de espaço.

A proximidade com o centro da cidade também agrega um valor muito maior ao metro quadrado de cada imóvel. Esse alto valor da terra dificultou o desenvolvimento de atividades industriais a partir do momento que Blumenau passa a se urbanizar mais. Ocorre uma produção de espaços menores para atividades empresariais e moradias, reflexo da verticalização. Conseqüentemente há também uma concentração maior de população de alta

renda nesses bairros, atraindo também empresas de serviços mais especializados, voltados para esse público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de surgimento e consolidação de novas centralidades intra-urbanas na cidade de Blumenau, investigando fenômenos espaço-temporais que moldaram e continuam a moldar o espaço urbano nesta cidade. Para tanto, o estudo contou com as definições de urbanização, industrialização e as transformações que uma típica cidade média brasileira passa.

A urbanização constitui-se num fenômeno global, vista a partir de seu processo histórico e sua intensificação nos dias atuais. É visível o contingente populacional que continua deixando o espaço rural para residir no espaço urbano. Ritmos diferentes de urbanização são observados de acordo com o progresso técnico presente em cada região.

Nesse contexto, Blumenau teve em seu surgimento algumas características que a diferenciaram das outras cidades a nível nacional, mas que se assemelhou a outras cidades a nível regional. A presença de imigrantes europeus que traziam consigo o conhecimento técnico, propiciou o surgimento e ascensão de uma industrialização precoce e consolidada no capital oriundo da pequena produção mercantil.

Os imigrantes europeus trouxeram consigo uma divisão de trabalho mais nítida e a maioria deles já exercia uma determinada profissão no seu país de origem. Juntando o espírito empreendedor dos imigrantes alemães com as conjuturas no cenário industrial que incentivavam o crescimento das indústrias e o capital oriundo da pequena produção mercantil, as empresas blumenauenses consolidaram-se e ganharam espaço no âmbito nacional e internacional, visto que as conexões com o porto de Itajaí, pela via fluvial ou via férrea, facilitavam o escoamento da produção.

Uma vez que as indústrias fomentaram a urbanização da cidade, a demanda por mão-de-obra crescia, levando ao incentivo de novas ondas migratórias para a cidade. Novos imigrantes chegavam à colônia, e inicialmente, apesar de trabalhar na indústria, não abandonavam suas atividades primárias, tendo uma dupla jornada de trabalho. Entretanto, aos poucos as propriedades rurais foram sendo afastadas em direção às zonas periféricas da cidade.

Naturalmente com o desenvolvimento de uma cidade dentro da lógica capitalista, áreas de interesse ganharam visibilidade e prestígio. A primeira a se destacar é o centro da cidade, que diferentemente do modelo brasileiro, tem sua estrutura baseada no estilo germânico a partir de

uma rua principal de caráter comercial (Peluso 1991). Neste caso a rua XV de novembro, antiga Wurstrasse, passou a abrigar a grande maioria do comércio local.

Contudo, áreas mais afastadas do centro, como o Badenfurt e a Vila Itoupava, apesar de concentrarem apenas propriedades rurais, desenvolviam um próprio centro comercial, onde poderiam buscar por ferramentas, insumos agrícolas, alimentos, roupas, etc.

Esse processo de surgimento de novas centralidades, apesar de ser classificado como um processo resultante do desenvolvimento mais recente de uma cidade média, no momento em que o centro principal perde sua capacidade de atender ao município como um todo, promovendo assim o crescimento de centros secundários, os centros intra-urbanos, na cidade de Blumenau é observado mais precocemente.

Bairros como Itoupava Norte, Garcia e Itoupava Seca, por concentrarem atividades industriais atraindo a população para seu entorno, desenvolveram mais cedo um núcleo comercial que polarizava também a população de bairros próximos por causa da diversificação de suas atividades comerciais e também por agregarem em seu espaço serviços financeiros através da presença de filiais de agências bancárias.

Outros bairros tiveram o núcleo comercial desenvolvido mais recentemente através da valorização da terra próxima do bairro Centro. Nesses locais os serviços ganham destaque, principalmente devido ao fato das propriedades serem menores à medida que se aproximam da área central da cidade e as atividades de serviços não demandarem tanto espaço.

Entretanto, o crescimento da cidade trouxe uma série de problema, como construções irregulares, gerando catástrofes naturais e estrangulamento do sistema viário. A prefeitura se vê obrigada a planejar a cidade, dando um novo direcionamento de crescimento voltado para a região norte da cidade.

Investimentos do setor público e privado caminham juntos, através de obras de infraestrutura criando acessibilidade e visibilidade para empreendimentos como os dois *shoppings centers* recentes localizados na região norte da cidade, nos bairros Salto do Norte e Itoupava Norte. Outros empreendimentos também aproveitam-se deste novo direcionamento e instalam centros empresariais no bairro Itoupava Central que vêm representando um fenômeno de urbanização da cidade ao propiciar um local potencial para desenvolvimento urbano oferecendo espaço para o crescimento livre de desastres naturais e também facilidades de acesso com as obras da prefeitura para prolongamento da via expressa.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACK, Carla Cintia. Os limites e contradições da aplicação dos instrumentos do estatuto da cidade em Curitiba e Blumenau: “transferência do direito de construir” e “Outorga Onerosa do Direito de Construir”. 2004. 241 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2004.

BOSSLE, O. A Industrialização em Santa Catarina (1880-1945), USP, 1985.

CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos In:Boletim **Geográfico ano XXII, n 179 mar./abr. CNG/IBGE, 1964.**

DE LUCCA, Gustavo Rogério. **Dilemas da urbanização brasileira: um estudo sobre as transformações espaciais na centralidade urbana de Criciúma/SC.** 2015. 261 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2015.

DE NEGRI, J. A. ; KUBOTA, L. C. ; SILVA, A. M. . **Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil.** Brasília: IPEA, 2006. v. 1. 501p .

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná.** 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - FCT/UNESP , Presidente Prudente.

ESPÍNDOLA, C.J. **As Agroindústrias no Brasil: o caso Sadia.** Chapecó: Grifos, 1999.

_____ **As agroindústrias de carne do Sul do Brasil.** Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2002.

ESPÍNDOLA, C.J. e BASTOS, J.M. Reestruturação Agroindustrial e Comercial no Brasil. **Cadernos Geográficos.** Florianópolis: UFSC, v. 1, p. 7-70, 2005.

GOULARTI, Fº A. **Formação Econômica de Santa Catarina,** Florianópolis: UFSC, 2007.

HOOVER. E.M. **Location theory and the shoe and leather industries.** Cambridge, MA: Harvard University, 1936.

LÊNIN, V.I. Quem são os “amigos do povo” e como lutam contra os socialdemocratas. Vitória: **Obras escolhidas,** 1955.

LINS, H.N. **Reestruturação industrial em Santa Catarina: pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 90.** Florianópolis: UFSC, 2000.

LOMBARDI Indústria têxtil de Blumenau Consolidação, crise e reestruturação UFSC, 2001.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. In: **Revista Brasileira de Geografia**, n. 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1965.

_____. Atualidades geográficas: vida regional em Santa Catarina. **Revista Orientação**, n. 2, São Paulo, 1982.

_____. A indústria de Santa Catarina: Dinamismo e Estrangulamento In: **Santa Catarina: Estudos de geografia econômica e social**, Florianópolis: UFSC, 2011.

MATTEI, L. e LINS, H. N. A Liberalização econômica e reestruturação produtiva: reflexos em Santa Catarina no limiar do novo século In: MATTEI, L. e LINS, H. N. (Org.) **A Socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**, Chapecó: Argos 2010.

MORETTI, Silvana Maria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Geografia. **Fábrica e espaço urbano: a influência da industrialização na formação dos bairros e no desenvolvimento da vida urbana em Blumenau**. Florianópolis, 2006. 263 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programas de Pós-Graduação em Geografia.

MOURA, R. ; SANTOS, Gislene . Semelhanças e diferenças no processo de urbanização do Sul do Brasil. In: PEREIRA, E.M.; DIAS, L.C.. (Org.). **As cidades e a urbanização no Brasil. Passado, presente e futuro**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2011, v. , p. 180-197.

PELUSO JR, Victor A. **Aspectos Geográficos de Santa Catarina**. Florianópolis: FCC/EDUFSC, 1991.

RANGEL, I. M. **Economia: milagre e anti-milagre**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

RAULINO, I. **Crise e reestruturação produtiva na grande empresa têxtil do Médio Vale do Itajaí**, USP, 2010.

REIS, Luis Carlos Tosta dos. **Descentralização e desdobramento do núcleo central de negócios na cidade capitalista: estudo comparativo entre Campo Grande e Praia do Canto na grande Vitória-ES**. 2007. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, PPGG, 2007.

ROCHA, I. S. . AS CIDADES MÉDIAS COMO FORMAS DE REPRODUÇÃO E VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO: APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE DA IMPORTANCIA DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA. Anais do Simpósio sobre Cidades Médias e Pequenas da Bahia , v. 01, p. 01, 2011.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo: AGB, p. 81- 99, 1977.

_____. Uma revisão da teoria dos lugares centrais. p.101-109 In: SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 6, jan./jun. 1999.

_____; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade do século XXI**. 4.ed. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2001. 473 p.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajai-Mirim : um estudo de desenvolvimento econômico**. 2. ed. Porto Alegre (RS): Movimento, 1999. 159p.

SIEBERT, C. **Estruturação e desenvolvimento da rede urbana do Vale do Itajaí**. Blumenau: Ed. da FURB, 1996. 118p.

_____. **A evolução Urbana de Blumenau: O (des)controle urbanístico e a exclusão sócio-espacial**. Florianópolis, 1999.190 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Nacional. 1986.

QUEIROZ, Maria Isaura. Dialética do rural e do urbano: exemplos brasileiros. In: BLAY, Eva Altermann. **A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana**. Petrópolis: Vozes, 1978. 179 p.

TINOCO, A. De aglomeração às externalidades dinâmicas de conhecimento: por uma releitura de São Paulo In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** v. 5 n. 1 2003.

VERAS, Dauro et al. **Santa Catarina: eventos & negócios**. Florianópolis : Letras Brasileiras, [2004]. 83 p, il.

WAIBEL, L. Princípios da colonização europeia no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, 1988.

6.ANEXOS

ALGUMAS ENTREVISTAS COM PROPRIETÁRIOS OU RESPONSÁVEIS POR EMPRESAS

Bairro: Victor Konder

- 1.Nome da Empresa:** Bier Lagerhaus
- 2.Segmento:** comércio de cervejas especializadas
- 3.Ano de fundação:** 2016
- 4.Nome do entrevistado e cargo:** Ronaldo Borba (proprietário)
- 5.Quantia de funcionários da empresa:** 2 (familiar)
- 6.Tamanho físico da empresa:** 45m²
- 7.Motivos que fizeram a empresa localizar-se neste bairro:** proprietário é morador do bairro e também por causa da circulação constante e a vida noturna por conta dos universitários
- 8.Relação com o entorno:** Próxima, a maioria dos clientes circulam ou moram perto, por conta da proximidade com a FURB (universidade)
- 9.Perspectivas futuras:** Expandir para outras cidades

Bairro: Vila Nova

- 1.Nome da Empresa:** Cah Boutique
- 2.Segmento:** Loja de roupas femininas
- 3.Ano de fundação:** 2016
- 4.Nome do entrevistado e cargo:** Milena Borges (funcionária)
- 5.Quantia de funcionários da empresa:** 2
- 6.Tamanho físico da empresa:** 60m²

7.Motivos que fizeram a empresa localizar-se neste bairro: Vizinhança de mais alta renda.

8.Relação com o entorno: Próxima, uma vez que a maioria das clientes são residentes do bairro

9.Perspectivas futuras: Apenas manter esta loja.

Bairro: Vila Nova

1.Nome da Empresa: Bonatti

2.Segmento: Ferramentas e afiações

3.Ano de fundação: 2002

4.Nome do entrevistado e cargo: Tatiana de Sousa Bonatti

5.Quantia de funcionários da empresa: 3 (apenas família)

6.Tamanho físico da empresa: 45m²

7.Motivos que fizeram a empresa localizar-se neste bairro: Moram próximo ao bairro, e também por ser de fácil acesso.

8.Relação com o entorno: Não tão próxima, a maioria dos clientes são de outros bairros e até de outras cidades.

9.Perspectivas futuras: Ampliar o negócio já existente.

Bairro: Itoupava Seca

1.Nome da Empresa: Princesa Camisaria

2.Segmento: Camisaria

3.Ano de fundação: 2009

4.Nome do entrevistado e cargo: Crislene da Silva Zimmermann (proprietária)

5.Quantia de funcionários da empresa: 1

6.Tamanho físico da empresa: 50m²

7.Motivos que fizeram a empresa localizar-se neste bairro: A atual proprietária comprou a loja faz um ano. A loja já existia nesse ponto.

8.Relação com o entorno: A relação com a vizinhança não é tão próxima, pois a loja é capaz de absorver clientes de diferentes partes da cidade e de outros municípios também.

9.Perspectivas futuras: Ampliar para uma filial num shopping.

Bairro: Itoupava Seca

1.Nome da Empresa: Hoppe

2.Segmento: Ótica

3.Ano de fundação: 1933

4.Nome do entrevistado e cargo: Glória Hoppe (proprietária)

5.Quantia de funcionários da empresa: 4

6.Tamanho físico da empresa: 80m²

7.Motivos que fizeram a empresa localizar-se neste bairro: Os sogros da atual proprietária dividiram a edificação que servia de moradia no andar de cima e a loja no andar de baixo. Na época eles aproveitaram a proximidade com algumas indústrias (Altona e Gaitas Hering) e a circulação em direção ao centro da cidade.

8.Relação com o entorno: Sempre foi muito próxima, uma vez que a maioria dos clientes moravam na redondeza. Com o passar dos anos a ótica passou a atender uma clientela mais abrangente, vindo inclusive de municípios vizinhos.

9.Perspectivas futuras: Apenas manter o ponto, uma vez que a proprietária relata dificuldade no cenário econômico atual.

Bairro: Itoupava Seca

10.Nome da Empresa: Sustenbike

11.Segmento: Loja e serviços para bike

12.Ano de fundação: 2015

13.Nome do entrevistado e cargo: Bruno Cauê Schweder

14.Quantia de funcionários da empresa: 2

15.Tamanho físico da empresa: 95m²

16.Motivos que fizeram a empresa localizar-se neste bairro: Valor do aluguel mais baixo, com mais espaço disponível.

17.Relação com o entorno: Muito boa, é um ambiente de muita cooperação. A maioria dos clientes são do bairro.

18.Perspectivas futuras: Abertura de uma estação “bike café” no centro da cidade